

DIÁLOGO GENUÍNO E PARCERIA REAL

Fundamentos da Verdadeira Comunidade

Maurice Friedman, em associação com David Damico (Tradução: Angelica Rente)

Prefácio

“Todos os homens desejam a paz, mas poucos desejam as coisas que promovem a paz”, escreveu Thomas Kempis, autor do clássico devocional da Idade Média *Imitação de Cristo*. O mesmo pode ser dito em relação à comunidade. Todas as pessoas desejam comunidade, contudo, poucas desejam as coisas que constroem a verdadeira comunidade. Podemos reunir a afirmação de Kempis e a minha ao nos referirmos à palavra hebraica para a paz, *shalom*, pois *shalom* nada mais é do que a tarefa nunca finalizada de construir comunidade verdadeira. Comunidade é a necessidade de nossa era. Ainda que poucos de nós desejem ativamente o que constrói a comunidade verdadeira, nesta nossa era de diversidade étnica, cultural, religiosa e nacional, é com ela que a humanidade está necessariamente preocupada. Estamos todos trabalhando para transformar a Babel de vozes em um grande coral antifônico, através dos mais variados caminhos e dos mais diversos métodos. Para que este coral se forme, nenhuma voz pode abafar outra, já que todas elas contribuem para o todo cacofônico, porém harmônico.

Uma vez, quando eu dava aulas na New School for Social Research em Nova York, uma mulher veio até mim depois de uma aula e me perguntou se eu jantaria em sua casa em City Island, juntamente com um grupo de amigos, para discutirmos sua ideia de ir para o Leste para fundar uma comunidade residencial. Aceitei seu convite e participei de um jantar e uma conversa muito prazerosas com o pequeno grupo de cinco ou seis pessoas que desejavam formar esta comunidade. Após o jantar, perguntei a cada uma delas qual era sua motivação para iniciá-la. Cada uma destas cinco pessoas respondeu, sem exceção, que isto daria a elas a oportunidade de buscar por seus objetivos intelectuais e artísticos individuais. Nenhuma delas mostrou preocupação pelo grupo como um grupo. Eu disse a eles que eles me lembravam da Fazenda Brooks, o mal-sucedido experimento do século XIX feito por Bronson Alcott, Margareth Fuller, Hawthorne e outros “transcendentalistas” e sugeri que eles também falhariam, pela mesma razão. Como o grupo dos futuros residentes, todos os membros da Fazenda Brooks estavam interessados apenas em encontrar vazão para sua criatividade e não em construir uma comunidade juntos.

Recentemente, um dos membros da pequena comuna estabelecida por Jerry Brown, antigo governador da Califórnia, em Oakland, contou sobre sua primeira conversa com ele: “Então, fiquei sabendo que você é um adicto em recuperação”, disse o antigo governador. “Então, fiquei sabendo que você é um político em recuperação!”, respondeu o homem, que Brown recebeu em sua pequena comunidade. Um político como Jerry Brown “se recuperando” e formando uma comuna é uma correção daquilo que o grande filósofo contemporâneo Martin Buber chama de dominação do “princípio político” sobre o “princípio social” do companheirismo e da espontaneidade. Depois que eu adicionei este parágrafo ao prefácio deste livro, Brown me telefonou e me convidou para uma entrevista em seu programa de rádio “Nós, o Povo”, sobre a visão de comunidade de Buber. Esta me pareceu uma confirmação impressionante deste

movimento do político para o social. Minha própria busca por comunidade tem estado integralmente conectada com meu trabalho de vida, começando nos meus anos como estudante em Harvard e continuando até o presente, então eu fiquei feliz tanto com o que Martin Buber escreveu, quanto com o interesse de Jerry Brown.

A verdadeira comunidade é difícil de ser definida. O que faz com que algumas comunidades floresçam e outras não? Uma comunidade pode ser criada sob medida para os interesses e necessidades de seus membros? A comunidade é apenas uma questão de sentimento de grupo? Ela pode ser almejada e construída através de alguma forma de engenharia social, como Walden-Two, a comuna na Virgínia, EUA, erigida sobre os princípios da utopia de B.F. Skinner?

Acredito que a urdidura da comunidade são as relações reais que existem entre seus membros e que a trama são as estruturas que facilitam ou obstruem estas relações. Sem relações genuínas não pode haver comunidade real. É por isto que esse livro não começa com uma descrição da “Comunidade Verdadeira” como uma realidade utópica pronta, mas com um mergulho profundo nos tipos de relacionamentos e estruturas que fazem a comunidade real possível.

A verdadeira comunidade não é um ideal ou uma meta específica. É uma direção de movimento. Ou melhor, é um movimento que se desdobra em duas direções – uma, no interior de cada estrutura particular de uma família, comunidade ou sociedade, para descobrir as possibilidades máximas de confirmação de indivíduos como verdadeiros outros no seio destas estruturas, e outra, de uma estrutura a outra em direção a uma comunidade genuína.

O objetivo deste livro não é modesto. Ele propõe nada menos do que livrarmo-nos das velhas e cansadas polaridades indivíduo versus sociedade, individualismo versus coletivismo, competição versus cooperação, livre iniciativa versus socialismo, capitalismo versus comunismo, liberdade versus bem-estar social. Em lugar disso, ele enfatiza a confirmação da alteridade como a única direção significativa para amizades, casamentos, famílias, comunidade e a sociedade numa democracia. Se a confirmação da alteridade fosse suficientemente estendida e aprofundada, não seria mais uma contradição em termos falarmos de uma “sociedade de cuidado”.

Um grande número de pessoas tem me ajudado em minha tentativa de tornar esse livro amigável aos leitores: minha ex-esposa Eugenia Friedman, minha esposa Aleene Friedman, Ph.D, meus amigos Royal Alsup, Ph.D., Kath Rose, Ph.D., Louise Goodman, Ph.D. e Richard Farson, Ph.D., o antigo editor do Los Angeles Times Noel Greenwood, Leslie Berman, editora-sênior de psicologia da Josse-Bass e, sobretudo, meu amigo e ex-aluno David Damico, que tem servido como um catalizador para me conduzir à revisão final radical deste livro. David tem trabalhado comigo por mais de oito anos, generosamente devotando uma quantidade incrível de seu tempo e energia para este projeto. Meus agradecimentos para todos estes amigos e colaboradores são acompanhados pela esperança de que nós tenhamos tido sucesso em tornar “Diálogo Genuíno e Parceria Real: fundamentos da comunidade verdadeira” acessível à maioria dos leitores

Maurice Friedman

Solana Beach, California, 2011

INTRODUÇÃO

Em Busca da Comunidade Verdadeira: entre seguir um roteiro e vagar sem rumo

Há uma abundância de coisas para as quais nos voltarmos em nossa cultura ocidental que prometem oportunidades, riqueza, felicidade e auto-realização em praticamente qualquer esquina. Somos uma cultura com uma necessidade estonteante de consumir estas coisas que se oferecem como alternativas à solidão. Ao mesmo tempo, temos noções confusas sobre o que significa ser um adulto “saudável” e funcional. Devemos precisar das outras pessoas, mas não sermos muito dependentes, devemos ser generosos, mas não ingênuos, não devemos excluir as pessoas diferentes de nós, mas acabamos compartimentando nossas vidas de forma a interagirmos principalmente com pessoas de nossas classes intelectuais, sociais ou religiosas. Temos uma noção do que significa ser um indivíduo e nos descrevemos uns aos outros através das nossas virtudes ou conquistas, de nossas buscas e frustrações. Também temos experiências ao longo da vida de nos associarmos a instituições, tanto seculares, quanto religiosas.

Através da vida, nós nos fazemos e refazemos. Algumas pessoas fazem isto com um senso de ordem, como se seguindo um roteiro bem construído. Há também pessoas que parecem vagar sem rumo, sempre buscando, nunca exatamente encontrando paz ou felicidade.

No início de minha busca por um sentido mais profundo para a vida, encontrei Abraham Joshua Heschel e Martin Buber e descobri a importância de me focar nos meus desejos mais profundos e minhas necessidades mais íntimas. Isto tem sido um processo para toda a vida, não sem períodos de solidão e isolamento. Contudo, a direção da minha vida tem sido dada por muito do que aprendi com estes dois grandes homens.

Minha Luta Pessoal contra a Decisão e a Indecisão

Me tornei um objetor consciente¹ durante a Segunda Guerra Mundial. Ao fazê-lo, rejeitei o roteiro que minha família, meus amigos e meu país gostariam que eu seguisse. A decisão de me tornar um objetor consciente não foi rebeldia da minha parte, escolher se me juntaria ou não à guerra não foi uma oportunidade de me tornar eu mesmo à custa do patriotismo, da lealdade à família ou do ódio ao fascismo. Me tornei um objetor porque eu acreditava (e ainda acredito) profundamente que a guerra não pode ser um meio para um bom fim. A experiência de escolher ser um objetor consciente e viver com esta escolha para o resto da minha vida pontua meu propósito ao escrever este livro. Se eu não tivesse um senso de pertencimento à sociedade ou de cuidado com o sofrimento dos oprimidos, a decisão de me tornar um objetor teria sido fácil. De fato, esta foi, provavelmente, a decisão mais difícil, e certamente a mais angustiante que eu já fiz.

Em 1946 eu sai do Serviço Público Civil e, como muitos outros jovens da minha idade, tentei construir uma vida pós-guerra para mim mesmo. Isto coincidiu com meu

¹ Objetores conscientes são pessoas que seguem princípios religiosos, morais ou éticos de sua consciência que tornam incompatível a elas prestar serviço militar ou engajarem-se nas Forças Armadas como uma organização combatente (N. da T.)

encontro com o grande filósofo e místico judeu Abraham Jeshua Heschel. O professor Heschel conseguiu que eu participasse de um fim de semana de shabbat na casa de um hassidim em Williamsburgh, Brooklyn. Durante este final de semana eu fiquei das dez da noite às duas da manhã em uma pequena sala cheia, com mais de cem discípulos do rabino Satmor, bem-humoradamente disputando *shirayim*, a comida que o rabino oferece em uma refeição de treze pratos. Eu fiquei profundamente impressionado, particularmente em um determinado momento no qual, depois de desejar que o rabino me passasse uma coxa de frango e, então, pensando que, vestido como eu estava, eu seria a última pessoa a quem ele honraria desta forma, alguém me entregou uma coxa de frango e disse: “o rabino mandou para você!”. Esta experiência foi bastante estranha para a consciência individualizada de um “judeu moderno” como eu, contudo, pois não havia maneira de eu me apossar do senso de devoção quase infantil dos hassidim ao rabino. Quando eu visitei Williamsburg novamente para assistir à dança do Simhas Torah, o festival de celebração pela dádiva da Torah, ingenuamente fui com um amigo não-judeu perguntar sobre os horários dos cultos do rabino Klausenberger. Encontrei um jovem com uma brilhante barba ruiva que me perguntou, de uma forma muito agressiva: “Você é judeu?”, “Sim”, eu respondi. “Você fala iídiche?”. “Não”, eu disse. “Você é judeu e não fala iídiche?” Seu desprezo por mim era óbvio. Ele então se virou para meu amigo, cujas gravata-borboleta e boina o marcavam com um morador esperto de Greenwich Village e exclamou, indignado, como se meu amigo fosse menos do que humano: “E você o trouxe até a sinagoga!”. Meu amigo se encolheu para fora da porta e eu comecei a pensar em como era possível experimentar um senso tão grande de comunidade no meu primeiro contato com os hassidim, apenas para encontrar um ódio alimentado pelo medo de quem não fazia parte do grupo, ao conhecer um hassídico da vida real que não fosse Heschel, que não vivia em uma comunidade hassídica.

Para Onde Devemos Nos Voltar?

Abraham Heschel me disse que todos temos algo para onde nos voltarmos em nossas vidas, e ele acreditava que, para mim, este algo era o hassidismo. Ele estava certo, já que o hassidismo me ofereceu uma pedra de toque, não como um dogma ou um ensinamento sistemático, mas através das lendas dos hassidim, para as quais eu me voltei várias e várias vezes nos anos seguintes. Certamente, eu não seria capaz de me juntar às comunidades do hassidismo contemporâneo, que me pareciam muito fechadas. Contudo, encontrei no hassidismo tradicional, na medida do que consegui alcançar através das lendas e dos ensinamentos e da minha amizade com Heschel, atitudes básicas que estão no coração de toda comunidade genuína. Tentei viver de acordo com estas atitudes por mais de cinquenta anos, ao me relacionar com as outras pessoas (como professor, conselheiro, terapeuta, mentor e amigo) a partir de um espírito de abertura e inclusão.

Ainda que eu tenha me tornado um místico durante meus anos de Serviço Civil, e que minha única preocupação, naquela época, fosse minha relação com Deus, eu sentia fortemente, mesmo então, que eu não deveria deixar que isso me afastasse do sofrimento das outras pessoas. Na grande obra de Dostoevsky, *Irmãos Karamazov*, eu apreciava o misticismo de Pai Zossima, embasado na reciprocidade e no amor ativo. Similarmente, na parábola do santo hindu do século XIX Sri Ramakhishna, eu preferia

o salvador que voltava do jardim para ajudar aos outros do que os santos que lá permaneciam, deixando o mundo para trás.

Ao longo de uma vida longa, tenho aprendido algumas coisas que são úteis para quem quer comunidade verdadeira. Uma é que não é suficiente simplesmente defender suas convicções em palavras. É necessário vivê-las. Como David Damico apontou, a partir de suas extensas experiências, a postura mais rigidamente defensiva é, com frequência, encontrada nos indivíduos e instituições mais ortodoxos. O espírito da comunidade não pode ser defendido por dogmas ou protegido por doutrinas. Ninguém pode reivindicar o espírito de comunidade, porque ele não existe, da mesma forma que um pedaço de terra existe. Ele surge nos indivíduos e comunidades cuja lealdade para com a vida sobrepuja sua compulsão por auto-proteção.

Isto leva a um movimento em direção de uma comunidade mais igualitária e inclusiva e a confrontar a injustiça institucional. A busca pela verdadeira comunidade frequentemente começa quando descobrimos que as comunidades institucionais não agem de acordo com seus próprios ideais. Para muitos, como resultado, mover-se em direção a uma comunidade genuína começa com um movimento de protesto social, como o movimento pelos direitos civis, o movimento feminista ou o movimento pelos direitos dos gays. O objetivo de qualquer movimento deve ser, primeiramente, formular a base lógica para a restauração da inclusão e demonstrar esta inclusão em atos simples (como permitir a um menino gay fazer parte do escotismo, junto com seus colegas).

Devemos, sobretudo, dar espaço para a busca das necessidades das outras pessoas. Comunidades institucionais são notórias por marginalizar aqueles dentre elas que não se conformam com seus ideais ou valores. Então, muitos de nós, que estamos em busca de comunidade verdadeira, estamos, na verdade, esperando encontrar uma instituição mais tolerante e acolhedora. Infelizmente, muitos permanecem ligados a instituições nas quais, para ganhar status e a estima dos colegas, precisam fingir ser algo que não são e esconder o que realmente são.

Devemos participar de momentos e eventos nos relacionamentos nos quais seremos forçados a enfrentar e solucionar problemas aparentemente insolúveis. É frequente que tomemos o caminho mais fácil, simplesmente eliminando as complicações, sem compreender as complexidades que coexistem às relações entre pessoas, que nos desafiam, confrontam e enervam.

Mais importante do que tudo, precisamos abandonar os sentimentos de desconfiança que habitam nossa relação com as outras pessoas. Com frequência, consideramos auxiliar alguém, apenas para rejeitar esta ideia, ao temermos que tirem vantagem de nós. Definir a comunidade verdadeira, portanto, tem menos a ver com adotar uma filosofia de vida do que com nos tornarmos menos sedentários em nossas formas de respondermos ao mundo ao nosso redor. Diálogo, reciprocidade e amor são para a parceria real o que o yoga é para o místico contemplativo – uma experiência diária da mente, do corpo e do espírito em direção a uma maior consciência. O limite do diálogo é o limite da consciência, disse Martin Buber. Precisamos aprender a conectar nossas intenções com nossas atitudes, com nossas ações, com nossas interações e com nossas decisões, nesta ordem. A vida é como a lâmina de uma faca, disse um *zaddik*,

ou líder hassídico. Devemos aprender a nos equilibrar e nos relacionar com a lâmina, ou seremos cortados ao meio.

Estar em comunidade verdadeira também significa que precisamos ser verdadeiros, como membros de comunidades institucionais. Uma parceria real significa viver naquilo que Martin Buber chama de “senda estreita”. Cada um de nós é chamado a manifestar nosso melhor, mais ativo, mais amável ser. Não é suficiente jurar fidelidade a princípios de amor e boa vontade ao próximo, enquanto se ignora oportunidades de estender amor e boa vontade em nossos encontros diários com nossos companheiros de vida. Isto significa, certamente, que devemos superar a inércia que nos leva a não fazer nada, frente a oportunidades de agir.

Cometemos um erro quando associamos um espírito de verdadeira comunidade a uma instituição, secular ou religiosa, na medida em que sentimos que só podemos participar de uma comunidade genuína se formos membros desta instituição. Também ignoramos com frequência o fato de que instituições podem nos fazer exigências, em nome da comunidade, que trabalham contra os tipos de atitudes que mantêm vivo o espírito da comunidade genuína.

O livro de Martin Buber *A Lenda do Baal-Shem* me proporcionou a primeira imagem de amor ativo e devoção fervorosa em um contexto de serviço ao outro. O hassidismo (fundado pelo Baal-Shem) falou comigo, em tons convincentes, sobre um serviço a Deus a partir do coração que não significa virar as costas aos meus semelhantes e ao mundo. Uma nova imagem de espiritualidade humana se ofereceu a mim. Eu descobri que plenitude e redenção têm lugar através da dedicação que trazemos a cada um de nossos atos.

Outro sábio zaddik disse que o caminho da vida é como uma lâmina de faca. Há um abismo de cada lado, e o caminho está entre os dois. Esta lenda expressa lindamente a “senda estreita” que era tão cara a Buber e que se tornou cara a mim também. Aprendi que o espírito da comunidade e da parceria verdadeiras existe quando duas ou mais pessoas se encontram na senda estreita entre o fundamentalismo institucional e o individualismo descuidado.

PARTE UM - Criando Parcerias Reais Através do Diálogo Genuíno

CAPÍTULO 1: A Vida em comunidade requer diálogo genuíno – A vida em diálogo e o inter-humano de Martin Buber

Meu encontro com Martin Buber, primeiramente através de seu clássico *Eu e Tu* e seus outros livros, depois através de inúmeros encontros com ele por carta e pessoalmente, foi um ponto de virada importante na minha vida. Passei a compreender que a vida em diálogo proposta por ele era uma base da qual eu sentia falta nas comunidades institucionais que havia encontrado previamente. Percebi que o socialismo olhava para uma comunidade externa e o misticismo, para uma interna, mas nenhum deles vislumbrava a realidade do “inter-humano”, que tem lugar entre uma pessoa e outra.

Dentre os membros de todo grupo real existe uma troca inter-humana que Buber via como a real pedra de toque para o diálogo genuíno. Estou profundamente convencido

de que esta é a pedra fundamental da parceria e da comunidade verdadeiras. Na vida em diálogo, a parceria real tem lugar quando reunimos a coragem para responder às pessoas (nossa família, nossos vizinhos, nossos colegas de trabalho e amigos) e a situações nas quais somos colocados pelas circunstâncias da vida. Se a vida em diálogo cessa de existir e o espírito da comunidade verdadeira morre, somos deixados com uma casca institucional que pode funcionar bem, mas que deixará aqueles que buscam pela parceria real querendo mais.

Diálogo É Mais do Que Ter Coisas em Comum

É uma ilusão pensar que a parceria real pode ser obtida quando duas pessoas ou grupos de pessoas estão focados em fazer com que suas necessidades coincidam, mesmo se for no interesse de auto-descoberta, plenitude pessoal ou crescimento espiritual. Uma comunidade institucional precisa convocar seus membros por seus talentos e contribuições, para que possa sobreviver. Mas se os membros de uma instituição quiserem formar parcerias reais e duradouras entre si, deve haver diálogo genuíno. Com que frequência contribuimos com nosso tempo, talentos e recursos para comunidades para então descobrir que nossa importância estava fortemente enraizada no papel ou tarefa que cumprimos? Uma parceria real deve ir além da convocação das habilidades de uma pessoa em nome da comunidade.

Tornando a Vida em Diálogo Real

Pode uma comunidade existir sem tornar a vida em diálogo uma realidade? Se a comunidade existe em uma “senda estreita”, como sugerimos, o que nos livra de cair nos abismos do desapontamento, do cinismo ou da desconfiança? A resposta é difícil. Devemos começar por reconhecer que uma comunidade perfeita, na qual todos fazem a coisa certa o tempo todo, não existe. Desconfiança é um resultado do desengajamento na relação. O perdão é a forma de galgar novamente a senda da vida em diálogo. Estamos constantemente caindo e voltando, renovados pela vida em diálogo que nos convoca a responder novamente. Superamos a desconfiança quando atingimos novas experiências e relações mais profundas com as outras pessoas, apesar dos fracassos anteriores em nos encontramos e nos conectarmos.

Há alguns anos eu recebi um telefonema de Carl, um amigo do ensino médio que havia lido meu livro *The Confirmation of Otherness: in family, community and society* [A Confirmação da Alteridade: nas famílias, comunidades e na sociedade]. “Com sua forte crença na comunidade, espero que você venha para o interior e se junte a mim em uma comunidade que estou fundando”. Para mim, este era um pedido impossível, já que eu estava firmemente estabelecido em San Diego.

Alguns anos depois, recebi outra ligação de Carl, pedindo novamente por um encontro. Concordei desta vez, esperando que eu pudesse contribuir de alguma forma com sua busca por comunidade. Carl me surpreendeu quando disse, ao telefone, “Quero que você assine um documento testemunhando que você levará esta reunião totalmente a sério”. “Não posso fazer isso, Carl”, eu respondi, “isso vai contra todas a minha busca por espontaneidade em um diálogo genuíno”.

A desconfiança de Carl fez com que eu me sentisse desconfortável, porque ele tinha uma agenda que não deixava espaço para minha contribuição genuína. Sua falta de habilidade em me deixar alcançá-lo a partir de uma resposta real destruiu qualquer possibilidade de espontaneidade e, com ela, de vida em diálogo. Ainda que eu consiga

empatizar com sua desconfiança, assim como me identificar com seu desejo de criar uma comunidade “segura”, eu não posso apoiar uma abordagem que leva diretamente à mesma solidão que quer evitar.

Ainda que sejamos relutantes em admitir, há um pouco de Carl em cada um de nós. Todos temos desconfiança o suficiente, a ponto de trazermos “respostas” conosco para novas situações, mesmo antes de termos ouvido as perguntas com as quais estas situações nos confrontam. A desconfiança nos faz querer manipular as outras pessoas para que elas adotem nosso ponto de vista ou, ao menos, esperar, através de um sorriso vencedor ou um gesto sedutor, persuadi-las a virem para o nosso lado da “discussão”. De fato, podemos aprender muito com Carl a partir de seu fanatismo. Ainda que seja importante reconhecermos nossa desconfiança, devemos dar espaço para as respostas genuínas dos outros para que seja possível nos engajarmos na vida em diálogo.

A Vida em Diálogo, o “Nós” e a “Esfera do Entre Nós”

Vida em diálogo significa que, por vezes, precisaremos esticar nossa confiança até seu limite. Uma nova situação pede por mais confiança do que uma situação que já vivemos previamente. Sempre que estamos fora de nossas zonas de conforto e tentando criar novos caminhos em nossas vidas pessoais, corremos um grande risco de nos sentirmos desapontados, desorientados, incompreendidos ou enganados. Isto porque estamos trabalhando duro para permanecermos com a mente aberta. Uma pessoa disse isso melhor quando, depois de ser usada por um grupo por seu conhecimento legal, afirmou: “Eu tive a sensação, desde o início, de que estava sendo convidada para me juntar ao grupo porque eles queriam um advogado de graça, mas eu continuava dizendo a mim mesma que eu estava julgando rápido demais. Senti que precisava dar a eles o benefício da dúvida. Mesmo depois que concordei em oferecer uma assistência limitada, eu reprimi a urgência de estabelecer fronteiras claras, por medo de parecer desconfiada”. Outro amigo disse: “Maurice, eu tenho pensado sobre como é difícil estar em comunidade e não ter a certeza de que ninguém tentará tirar vantagem de mim. Eu não quero parecer resguardado ou inacessível. Gosto que as pessoas sintam que podem vir até mim se precisarem de algo”. Respondi, dizendo: “É seu trabalho dizer às pessoas o que elas podem e o que elas não podem esperar de você. Você não pode assumir que as outras pessoas saibam o que faz com que você sinta que estão querendo tirar vantagem de você”.

Você está sentado de um lado do diálogo; do outro lado, está um potencial parceiro. Cada um de vocês tem a responsabilidade de doar a si mesmo em proporção ao seu nível de confiança. A parceria nasce de um dar e receber confiante (mas não abertamente ingênuo). O rabino Yitzhak Eisik de Zhydatcov disse: “O lema da vida é dar e receber. Todos devemos ser tanto doadores, quanto receptores. Aquele que não é ambas as coisas é uma árvore estéril”.

A “esfera do entre” é como Martin Buber chama a realidade básica da vida humana. Esta esfera é, por vezes, difícil de compreender numa primeira vista. O “entre” é o “nós” que permite que dois amigos ou amantes digam “eu sinto nossa falta” e até mesmo que lutem com real cuidado e raiva pelo “nós” que é negligenciado ou negado. Em minha experiência, quando casamentos ou amizades terminam, é porque a realidade do “nós” foi negada ou rejeitada. Um parceiro é desconsiderado como sendo

um objeto com propriedades fixas. “Como eu posso ter perdido quinze anos da minha vida com um perdedor destes?” ou “Geoffrey é um covarde!”.

Quando uma parceria está viva, cada parceiro sabe que o “nós” é o coração daquilo que experimentam como verdadeira amizade e amor genuíno. Quando eu participo da sua vida como um amigo de verdade, eu não estou preocupado em tentar me tornar o que eu acho que você quer de mim. E você não é uma imagem na minha mente que eu comparo com outras imagens de amizade. Eu sou um amigo que encontro você em cada nova situação como eu mesmo, cuidando profundamente de uma realidade que existe entre nós. Este tipo de relacionamento requer que cada um de nós seja uma pessoa real por seu próprio direito. Precisamos ser capazes de encontrar um ao outro como sabemos ser.

O grande sábio judeu Hiller, que viveu 75 anos antes de Jesus, disse, “Se eu não for por mim, quem será? E se eu for só por mim, o que serei? E se não agora, quando?” Algumas pessoas vivem na ilusão de serem autossuficientes ou, ainda pior, perseguem a autossuficiência com a crença de que ela é um marco da maturidade. “Eu não preciso de ninguém e eu não quero precisar de ninguém. Posso tomar conta de mim mesmo”.

Imagine estar em uma parceria com alguém que fala e age como se fosse o centro do universo e como se todas as outras pessoas estivessem aqui para servir a seus interesses e necessidades. No final, tal relacionamento pode nos fazer sentir invisíveis, sem voz, usados e com raiva. Uma aluna minha no Sarah Lawrence College uma vez veio a uma conferência em meu escritório e anunciou: “Eu sou Deus e você é um pensamento em minha mente”. “Como você se sentiria”, eu argumentei, “se eu dissesse que *eu* sou Deus e que você é um pensamento em minha mente?”. “Muito bem”, ela exclamou, “porque é isso que eu quero que você pense”. Ainda que a maioria das pessoas não expresse suas noções narcisistas da maneira que ela fez, muita gente age como se fossem Deus e todas as outras pessoas fossem pensamentos em suas mentes, ainda que tentem parecer cuidadosas e preocupadas com os outros.

Em uma era na qual as pessoas tendem a psicologizar tudo, é difícil compreender a esfera do entre de Buber. Tendemos a focar no que acontece na alma de cada parceiro e a ver a relação entre duas pessoas como um subproduto de processos ou realidades internos. Para compreender a esfera do entre buberiana e a vida em diálogo é necessária uma abordagem menos psicológica. O estágio central da vida em diálogo para Buber é a esfera do entre, a relação “Eu-Tu”. O “dentro” de cada parceiro é meramente o acompanhamento secreto do diálogo em si.

O reconhecimento de que a comunidade verdadeira só nasce quando duas ou mais pessoas se unem em parceria real é o coração da famosa distinção que Buber faz entre relações “Eu-Isso” e “Eu-Tu”. Uma relação “Eu-Isso” é aquela na qual nos relacionamos com o outro meramente como alguém a ser conhecido e usado. Meu encontro com meu amigo Carl é um exemplo de uma relação “Eu-Isso”. A relação “Eu-Tu” é aquela na qual nos conduzimos em direção a uma relação diretamente aberta, presente e, de uma forma importante, mútua. Não é uma distinção moral, mas fundamentalmente humana. “Eu-Isso” é necessário para nossa existência, mas não

une duas pessoas em um encontro verdadeiro. A afirmação central do livro clássico de Buber *Eu e Tu* é “toda vida real é encontro”.

Ainda que muitas pessoas definam o diálogo, de uma forma ordinária ou genérica, como sendo as palavras usadas por personagens em uma peça ou mesmo a troca entre pessoas quando elas esbarram umas nas outras na vida cotidiana, o diálogo, para Buber, significa muito mais. Ele significa o encontro real entre duas pessoas do qual nasce a realidade invisível, mas palpável, do “entre”. Assim, ele nunca é a soma do que se passa dentro de cada pessoa ou mesmo a soma de seus sentimentos e atitudes em relação uma a outra. Isto vai contra a noção popular da cultura corrente de autoajuda, que diz que podemos nos tornar nossos “verdadeiros eus” sem ter relacionamentos reais com as outras pessoas. Na verdade, só nos tornamos nós mesmos em diálogo genuíno com os outros. Isso significa que passamos a conhecer a nós mesmos na medida em que nossa singularidade se torna presente numa parceria com alguém que pode nos acolher como somos. Neste contexto, podemos compreender que a auto-realização é consequência de uma vida em diálogo. Eu já busquei a completude sem a vida em diálogo. Porém, ao longo dos anos, descobri que, conforme minha coragem de responder com fidelidade às situações, fossem elas desafiadoras ou mundanas, crescia, eu me tornava mais inteiro.

Diálogo é Distanciamento e Relação

Se a auto-realização é produto de um diálogo genuíno, então, qual é o objetivo? O objetivo é criar uma ponte que vença qualquer distância que evite que entremos em parceria real. Parceria, aqui, significa inclusão, confirmação mútua e cooperação. Buber nos ajuda a compreender o que significa vencer a distância em seu livro *The Knowledge of Man*: “Distanciar-se é o primeiro dos dois movimentos primários que diferencia o ser humano de todos os outros animais, o segundo é entrar em relação”.

O distanciamento subjaz a ambas as relações descritas por Buber, “Eu-Isso” e “Eu-Tu”; em ambas ele é um movimento importante. Contudo, quando o distanciamento se torna um modo de olhar, ao invés de um movimento, o segundo movimento de entrar em relação não pode ter lugar e o diálogo é bloqueado. Há muitas maneiras de aumentar a distância em uma relação com outra pessoa: observação, análise, julgamento e mesmo o desejo podem bloquear o diálogo. Distanciar-se e relacionar-se formam uma dinâmica contínua – uma dança entre polaridades. Quando o distanciamento é usado como um modo de olhar, tanto por auto-proteção quanto como modo de evitação, a dança pausa e uma categoria de pensamento ou de ideia ou de sentimento substitui o fluxo vivo de pensamentos, ideias e sentimentos.

Sou convocado a ser eu mesmo por você, e você, por mim. Esta inter-relação é a real essência e significado do eu. Em parcerias reais, é importante que nos coloquemos à distância um do outro e olhemos a cada um de nós como independentes. Isso nos permite entrar em relação como seres individuais. É também importante que você me abrace como a pessoa única que sou. Quando você me confronta em sua própria singularidade, a distância entre nós se anula. Através deste distanciar-se e relacionar-se, podemos confirmar a cada um de nós como as pessoas únicas que somos. Ao vencermos a distância entre nós e, repetidamente, entrarmos em relação

um com o outro, cultivamos a esfera do entre e fortalecemos o “nós” que Buber descreve.

O que estou dizendo aqui aponta para uma realidade que é ainda mais básica que a ética ou a moralidade. Em *A Esperança*, o romance de Andre Malraux sobre a Guerra Civil Espanhola, é descrita uma cena na qual dois homens de lados opostos da guerra se encontram face a face em uma esquina. Um dos homens está carregando um lança-chamas, o outro, apenas um revólver. O primeiro homem é incapaz de disparar o lança-chamas em seu inimigo enquanto olha em seus olhos, e isso dá tempo ao outro homem para atirar nele. A paralisia do que tinha o lança-chamas não tem nada a ver com amar seu vizinho ou outra prescrição moral ou altruística qualquer. O que acontece é que, ao olhar nos olhos do outro, ele reconhece o inimigo como um alguém como ele, alguém cuja existência está intrinsecamente conectada com a sua própria. Portanto, ele é incapaz de queimá-lo vivo enquanto vê seus olhos olhando para ele. Esta história tem significado para todos nós. Mesmo quando você me ameaça com sua singularidade, devo encontrar um modo de mantê-lo fixo em minha mirada, até que irrompa uma compreensão.

O Diálogo Transcende Relações Condicionais

Muitos de nós, infelizmente, experimentamos “confirmação” com algumas condições. Foi nos oferecido um contrato que diz: “Nós confirmaremos você, apenas se você se conformar a nosso modelo do bom filho, do bom cidadão, do bom soldado”. Não podemos nos tornar nós mesmos sem que outras pessoas nos convoquem a manifestar a singularidade que criamos.

A maioria de nós recai em algum lugar entre sentir que temos direito a existir apenas porque somos pessoas e sentir que devemos justificar nosso direito a existir a cada momento, produzindo, conquistando ou realizando algo. Você já foi criticado de uma forma que o fez sentir que não apenas o que você fez, mas quem você é, está sendo atacado? Talvez você conheça alguém que é levada a estar sempre realizando coisas porque sente que precisa justificar sua existência a cada momento.

Como professor e terapeuta eu, por várias vezes, tive que ser crítico em relação a alunos e clientes. Quando isso acontece, sou lembrado de quão importante é a confirmação. Lembro com frequência de uma aluna em Vassar que eu admirava tanto como pessoa, quanto como estudante. Depois de ter lido seu trabalho final, eu disse a ela: “Eu realmente sinto que este trabalho precisa ser reescrito. Você não repetiu de ano, mas de alguma forma ele não se sustenta”. Ela olhou para mim como se estivesse perguntando: “Você só está dizendo que meu *trabalho* não está bom ou você, na verdade, está querendo dizer que *eu* não sou boa?” Eu queria que ela percebesse que eu realmente gostava dela, enquanto era verdadeiro em relação ao fato do trabalho dela não estar bom.

Muitos de nós somos sensíveis a julgamentos e podemos sentir invalidação pelas críticas, em particular, de pessoas significativas como nossos pais, professores, terapeutas ou empregadores. A luta entre sermos confirmados por quem somos e sabermos que há condições pode nos colocar em um dilema impossível. Sabemos, do fundo de nossos corações, que não somos nós que estamos sendo confirmados, mas sim os papéis que desempenhamos para agradar aos outros. Ainda assim, se tentarmos nos rebelar contra esta pseudo-confirmação em nome de um modo mais

autêntico de nos relacionarmos, arriscamos sermos rejeitados ou refutados. Como resultado, aumentamos a distância entre nós mesmos e os outros, por vezes sem querer, fechando a porta para aqueles que poderiam nos confirmar verdadeiramente, sem condições. Este paradoxo está no coração da vida em diálogo.

Devemos fazer uma distinção entre a confirmação básica que nos oferece o direito à existência e a confirmação ao longo do caminho, que tem a ver com o modo pelo qual existimos. Ambas são importantes, mas a confirmação básica nos ajuda a nos abrimos para a confirmação ao longo do caminho, que apela às escolhas que fazemos na vida. Se não experimentarmos a confirmação básica, permaneceremos com um vazio pouco provável de ser preenchido por qualquer confirmação que recebermos depois.

Diálogo é “Inclusão” ou “Imaginar o Real”

Há uma noção equivocada de que, numa relação, eu deveria estar tão arrebatado por você que eu perderia meu próprio senso de eu. Uma mulher disse: “A intimidade, para mim, significa que meu marido e eu estamos sempre na mesma sintonia”. A inclusão de Buber não é sinônimo de união simbiótica. Inclusão é “imaginar o real”, o que significa experimentar o outro lado da relação, enquanto não se perde seu próprio chão no processo.

Imaginar o que você está percebendo, pensando, sentindo e querendo é minha maneira de incluí-lo genuinamente na vida em diálogo. Posso ser empático ou intuitivo em nossa relação mas, a menos que eu me lance corajosa e ousadamente em sua direção eu não o tornarei plenamente presente para mim. Qualquer ação menor de minha parte irá resultar na sua inclusão em parte – mantendo-o a uma certa distância através da distração ou do desinteresse. Se você, alguma vez, já foi objeto da atenção integral de alguém, então você já experimentou inclusão genuína na vida em diálogo.

É no processo de me tornar totalmente presente na parceria com você que eu cultivo a vida em diálogo. Quando eu o contemplo em sua forma única e singular de responder a uma situação que é comum a nós, estou praticando inclusão.

A inclusão não nos assegura que seremos bem-sucedidos. É tentador para as pessoas, assim como para a mulher que citei acima, orquestrar circunstâncias que demandem uma resposta particular de um parceiro ou cônjuge. Este tipo de manipulação bem-intencionada imediatamente aumenta a distância e fecha o caminho para que uma relação Eu-Tu se apresente. Para cultivar a vida em diálogo, devemos nos arriscar a nos desapontarmos. A coragem de responder à pessoa que nos desapontou alguma vez, em alguma situação, é o desafio que todos enfrentamos quando participamos da vida em diálogo.

A Vida em Diálogo Leva à Senda Estreita da Comunidade

Martin Buber falava frequentemente em caminhar na “senda estreita” entre abismos – uma imagem tão central à sua vida e pensamento que a usei como título da biografia que escrevi. Um dos muitos significados desta metáfora refere-se ao caminho difícil que temos que seguir se quisermos evitar as oposições simples, ou/ou, para as quais nosso pensamento com frequência nos conduz. Isto é particularmente verdadeiro na vida em diálogo.

Estamos acostumados a pensar em termos de polaridades. O individual versus o comunitário, ou o interno versus o externo. Mas enxergar somente os extremos polares obscurece uma grande parte da realidade humana. A realidade humana primária é a vida em diálogo que tem lugar na família e na comunidade. Ver o individual ou a comunidade fora do contexto da vida em diálogo é como tentar desenhar um mapa do mundo tendo apenas os pólos norte e sul como referências. Para a vida em diálogo, a divisão entre eu e o mundo é uma noção abstrata. O eu no mundo é a realidade básica que todos compartilhamos. Ainda que existamos de muitas formas diferentes, por vezes retirados do mundo e, por vezes, imersos nele, a vida em diálogo nos convoca a responder ao momento e circunstâncias únicos nos quais nos encontramos. Sendo assim, a vida em diálogo fortalece a comunidade real que se encontra na senda estreita entre uma retirada completa do mundo e uma completa rendição a ele.

A Vida em Diálogo Vai Além do Interno e do Externo

Muitos de nós acreditam que somos compostos de uma dimensão interna e de uma externa. Quando uma pessoa diz que é introvertida, imediatamente sabemos que ela provavelmente é tímida e não muito social. Quando outra pessoa descreve a si mesma como extrovertida, imaginamos que é falante e autoconfiante. Podemos mesmo presumir que ser de um ou outro jeito automaticamente torna a vida no mundo mais ou menos fácil. Em minhas conversas com alguns dos meus amigos junguianos eu fiquei chocado, por vezes, ao descobrir que tanto Buber quanto eu mesmo seríamos rotulados como extrovertidos, já que a vida em diálogo significa dirigir-se ao outro às custas da própria introversão!

Interno e externo são construções que emergem de uma completude humana que precede a ambos e permita que surjam. Apenas a possibilidade do contato direto entre seres humanos inteiros permite o surgimento da esfera do entre. Divisões entre o interno e o externo são úteis para um certo ordenamento de nossas vidas, como a distinção entre o que vemos, o que sonhamos, o que planejamos e o que alucinamos. Contudo, um evento real nas nossas vidas não é somente interno ou externo, mas nos toma por completo e exige nossa plenitude. Quando eu dou uma palestra, não há como dividir o evento entre sentimentos internos e impressões externas. Minha resposta à audiência vem da totalidade de quem eu sou, conforme me coloco frente a sua presença e experiência, tanto física, quanto psicologicamente.

Apenas se pudermos ir além deste construto fortemente instaurado que divide o mundo entre interno e externo poderemos compreender porque a vida em diálogo somente pode ser totalmente realizada na esfera do entre. Eu encontro você a partir do meu lugar e você me encontra a partir do seu e nossas vidas se interpenetram, conforme uma pessoa encontra a outra na vida em diálogo.

A Vida em Diálogo e a Introspecção

Você deve estar pensando que com uma mudança de ênfase tão radical, estou desconsiderando a introspecção genuína. Quando eu era mais jovem, eu tentei me tornar uma pessoa real me afastando das outras pessoas e me focando em minha própria individuação, com a esperança de, mais tarde, me dirigir mais efetivamente para os outros. Esses anos de introspecção foram indispensáveis para mim. Mas, ao

considerar a introspecção como meu objetivo final, eu negava a mim mesmo uma parte na vida em diálogo.

Alguns psicólogos, como os junguianos, alegam que a individuação é necessária para a realização do self e também para o estabelecimento de relações significativas com as outras pessoas. Eu concordo, na medida em que nossas relações são distorcidas por estas projeções que fazemos nos outros de aspectos desagradáveis de nós mesmos dos quais queremos nos livrar. Mas é precisamente através da vida em diálogo que nos tornamos pessoas reais. Um cliente passou três anos trabalhando em seus sentimentos ambivalentes em relação a sua mãe, apenas para voltar, após encontrar uma mulher com a qual planejava se casar e fazer a descoberta chocante de que, por vezes, ele sentia a mesma ambivalência em relação a ela. Ele inferiu erroneamente que, após trabalhar em si mesmo, ele nunca mais teria outra relação ambivalente. “Eu pensei que eu poderia lidar com isso”, foi a resposta dele. “Você não pode lidar com ‘isso’ sem considerar a pessoa com a qual você está se relacionando. Há três anos atrás era sua mãe. Agora, é sua namorada”.

CAPÍTULO 2 - A Parceria Real Requer Consciência de Si Mesmo e dos Outros

Qual é a Relação Entre A Vida em Diálogo e a Parceria Real?

A vida em diálogo torna a parceria real possível. As duas são tão parte uma da outra como os dedos são parte de uma mão. Isto é verdade mesmo quando parcerias reais sofrem abalos desafiadores. No reino do inter-humano, parcerias reais são as pedras fundamentais da comunidade genuína. A vida em diálogo forma a cola relacional que torna possível às parcerias reais a serem, ao mesmo tempo, coesas e responsivas; introspectivas e reflexivas; separadas, porém, conectadas.

O Paradoxo da Separação na Conexão

O fato de que existimos com os outros sendo nós mesmos é auto-evidente. Um segundo fato, mais difícil de alcançar psicologicamente, é que nós somos fundamental e marcadamente únicos. Quando você diz “eu” para mim, você está dizendo que existe separadamente de mim. O fato de que cada um de nós possa dizer “eu” enquanto nos relacionamos um com o outro identifica nossa singularidade e unicidade. Ao mesmo tempo, o fato de que você e eu podemos formar uma identidade relacional e nos referir a nós mesmos como “nós” identifica o grau no qual podemos nos conectar.

Este incrível paradoxo é ilustrado no maravilhoso mito que Platão narra pela boca de Aristófanes em seu grande diálogo, *O Banquete*. Neste mito, as pessoas são descritas como originalmente tendo quatro braços e quatro pernas, rolando pelo mundo e desafiando os deuses ao combate. Então, Zeus as corta no meio - separando-as, de fato. Imediatamente, cada metade envolve a outra em seus braços e permanece grudada a ela, até que Zeus as separa novamente. A partir deste momento, elas vagam pelo mundo, cada uma procurando por sua outra metade. Elas não são auto-suficientes como metades e, ao mesmo tempo, nenhuma delas pode se tornar completa novamente, mesmo se encontrar sua outra metade. Este maravilhoso paradigma da existência humana nos ensina que somos pessoas únicas, mas que não

somos humanos auto-suficientes (como o individualismo norte-americano do século XIX imaginou).

Este paradoxo é dificilmente compreendido. Eu, como “eu”, sou mais do que uma mera confluência de forças e influências sociais e psicológicas. Se eu quiser falar sobre qualquer tipo de singularidade pessoal, é ao *eu* em mim ao que me refiro. É fácil ver este tipo de singularidade pessoal quando pensamos em pessoas como Martin Luther King Jr ou Gandhi, que demonstraram uma singularidade para além das culturas que os moldaram. O importante aqui é reconhecermos que cada um de nós responde diariamente a circunstâncias que nos desafiam a agir como seres únicos. Quando respondemos de formas que são culturalmente apropriadas, mas não particularmente únicas, falhamos em apresentar nosso “eu” único ao mundo - não contribuimos com a vida em diálogo. O “eu” essencial não é uma “essência”, como um veio de ouro que corre através de uma montanha aguardando ser minerado. Ainda que possamos enxergar a nós mesmos, em grande parte, através das nossas relações com nossos pais, professores, amigos e outras pessoas influentes, nos tornamos mais verdadeiramente nós mesmos ao buscarmos pela resposta mais genuína para aquilo que nos convoca.

Teria sido mais fácil para mim se eu tivesse me alistado nas Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial. A decisão de me tornar um objetor consciente foi impopular e socialmente inaceitável. Contudo, foi minha resposta mais genuína. Ela foi contra a pressão cultural que subjuga respostas pessoais para um problema social com a finalidade de apoiar uma causa maior. Tenho certeza de que havia muitos negros norte-americanos que não gostavam do desprezo de Martin Luther King Jr pelo status quo. Em última análise, é o desconforto com o paradoxo de sermos separados, ainda que conectados, que faz a maior parte das pessoas esconder seus eus verdadeiros, mesmo quando sabem que estão ferindo a si mesmas e aos outros, ao bloquear o despertar desta resposta singular.

A Parceria Real Requer Um “Eu” Responsivo

Dr. Royal Alsup, um terapeuta de casais e famílias com um interesse particular na cultura nativa norte-americana, vê as parcerias reais como centrais à vida dos nativos. A este respeito, ele conta a história de uma mulher nativo-americana que era sua cliente. Esta mulher estava sofrendo de ansiedade porque teve uma discussão séria com seu pai, que morreu antes que ela pudesse curar esta relação. Ela contou um sonho que teve para o Dr. Alsup, no qual ela dirigia em um grande estacionamento e era recebida por muitas crianças nativas, rindo e se divertindo. Elas a levaram para perto de um rio, rápido e muito poderoso. Ela seguiu as crianças para dentro da água, onde afundaram em uma caverna profunda. Nesta caverna, ela viu seu pai. Ela viu que ele estava bem. Também sentiu uma comunicação telepática com ele, que disse a ela que a estava perdoando. Então, ela viu uma luz que falou com ela, dizendo: “Você foi trazida aqui pelos seres do Trovão. Agora você vai voltar porque não pertence a este lugar e você terá poder e coragem”. Depois disso, ela foi arremessada através da água e foi colocada de volta na terra firme, no topo de uma enorme montanha, onde uma criança a abraçou. Aqui, o sonho acabou, assim como acabaram os ataques de pânico com os quais ela estava sofrendo por mais de 18 meses.

Nem todos temos uma experiência tão dramática enquanto lutamos para nos rendermos ao despertar de uma resposta pessoal. Ansiedade, depressão, culpa e

muitos outros complexos psicológicos têm, em suas raízes, um “eu” em processo de cura. Isto é poderosamente ilustrado no romance *Gente Como a Gente*, no qual um jovem luta para não cometer suicídio, após um acidente náutico que mata seu irmão - o herói da família. Ele prefere morrer a trair seu irmão morto, ao lembrar os detalhes reais que levaram a sua morte. É apenas quando encontra coragem para responder à sua própria culpa por ter sobrevivido, ao medo da rejeição de sua mãe e a sua raiva de si mesmo ao perceber que seu próprio desejo de sobreviver o manteve firme, enquanto seu irmão escorregava para a tempestade e se afogava, que ele é capaz de emergir de sua depressão e se conectar mais genuinamente com seus amigos, com seu pai e com seu terapeuta.

A Parceria Real Requer Um Nós Confiante

Minha esposa Aleene é uma pessoa que vive em parceria real com outras pessoas. Ela é uma terapeuta de biofeedback talentosa, que trata dor e estresse. Ao invés de se focar nas técnicas das máquinas de biofeedback, ela enfatiza a “parceria curadora”. Jane e Harold procuraram Aleene para uma terapia quando, após dois anos vivendo juntos, eles perceberam que não confiavam um no outro o suficiente para estabelecerem um compromisso. Apesar de sua desconfiança mútua eles estavam, de muitas formas, fortemente ligados um ao outro.

O problema para Jane e Harold era que ambos esperavam que o outro satisfizesse uma fantasia sobre como um parceiro amoroso deveria se comportar. Consequentemente, nenhum deles podia agir de forma perfeita o suficiente para satisfazer o outro. Jane fazia perguntas a Harold sobre como ele se sentia, esperando por uma resposta em particular. Quando a resposta desejada não vinha, ela ficava desapontada e ele, frustrado. Em raras ocasiões, Harold respondia do jeito que Jane queria. Isto apenas aumentava o sentimento dela de que ele estava sendo condescendente, sem que sentisse realmente o que dizia que sentia.

Aleene os ajudou ao apontar o desconforto em sua relação. Eles estavam ignorando o “nós” presente, preocupando-se com sentimentos dolorosos de um passado insatisfatório. Isto limitava sua habilidade de confiar nas forças únicas que cada um deles podia oferecer e fazia com que se sentissem incapazes de superar o medo de se desapontarem novamente. Por sorte, Jane e Harold foram capazes de ver o que Aleene estava mostrando a eles, tornando possível uma importante mudança de perspectiva que resultou no casamento deles, um ano depois.

A Parceria Real Não Tem Lugar para o Auto-Sacrifício ou a Auto-absorção

Se, como no caso de Jane e Harold, continuamos a ver nosso parceiro como alguém que deve satisfazer nossos mais profundos desejos por conexão e amizade, perpetuaremos o desapontamento e ignoraremos ou desprezaremos aqueles momentos genuínos que são essenciais para a vida em diálogo. É trágico que, na visão de mundo ocidental moderna, existamos primariamente para nós mesmos. Contudo, isto não é razão para nos rendermos à ideia de que todas as relações são egoístas e que as parcerias reais estão quase extintas. Egoísmo puro é impossível, já que vivemos nossas vidas em relação com outras pessoas. É claro que posso perguntar: “O que eu ganho com isso?”. Também posso perguntar: “O que posso fazer por você?”. A parceria real significa equilibrarmos o “eu” e o “nós”, para que nenhum deles se torne o único porta-voz da vida em diálogo.

Os pais de Amy Biehl, uma acadêmica norte-americana de 26 anos, bolsista do Programa Fulbright, exemplificam este equilíbrio para mim. Amy foi apedrejada e esfaqueada até a morte na Cidade do Cabo, África do Sul, por jovens negros, apesar do apelo de outros jovens negros que estavam no carro com ela e dos quais ela era amiga. Os pais de Amy perdoaram seus assassinos. Eles passam metade de seu tempo trabalhando na África do Sul, onde estabeleceram a Fundação Amy Biehl para a ação não-violenta. Na audiência da Comissão de Reconciliação e Verdade que anistiará o assassino de Amy, Seus pais encontraram a mãe do jovem de 19 anos que a esfaqueou. Ela vestia uma camiseta da Fundação. Quando as duas mães se encontraram, elas se abraçaram. Amy frequentemente insistia, em casa, que não podemos culpar as pessoas negras, que tem sido sistematicamente brutalizadas sob o Apartheid, por se voltarem para a violência.

E sobre o popular altruísmo, no qual negamos a nós mesmos e nos colocamos de lado, em benefício de outros? Desde que eu estou em tudo que faço, o altruísmo puro é impossível. Ainda assim, quando nos movemos para encontrarmos uns aos outros em um espírito de boa-vontade e entendimento, encontramos a possibilidade de parcerias reais - frequentemente em situações que parecem hostis e intoleráveis.

Lembre-mo-nos das palavras do grande sábio rabínico, Hillel: “Se eu não for por mim, quem será? Se eu for somente por mim, o que serei? E se não agora, quando?”. É este “eu” que torna possível a parceria real. Este “eu” é revelado pungentemente em várias das lendas hassídicas. Quando alguém expressou espanto frente à capacidade do rabino Moshe Leib de Sasov de compartilhar dos problemas das outras pessoas, ele exclamou: “O que você quer dizer por ‘compartilhar’? É minha própria dor, como eu posso não sofrê-la?” Iguamente importante para o “eu” é sermos capazes de expressar nossas próprias necessidades. Quando o rabino Mendel de Rymanov sentou-se em frente à sua sopa sem comê-la, porque um serviçal havia esquecido de dar a ele uma colher, seu professor, o rabino Elimelekh, o admoestou: “Olhe, é preciso saber pedir por uma colher, e por um prato também, se necessário!”. Mendel, que sempre havia sido pobre, acolheu este conselho, aprendeu a pedir e, logo, sua sorte mudou.

A Verdadeira Parceria Envolve Dar e Receber

Quantos auxiliares realmente maravilhosos não se deixam ser ajudados? É assim que boas pessoas terminam amargas e esgotadas. Elas nunca perceberam que receber é tão básico quanto dar. “Assim como o homem rico dá ao homem pobre, o homem pobre dá ainda mais ao homem rico”, disse um rabino hassídico.

Não há maior confirmação pessoal que alguém que ajuda pode receber do que ser convidado a compartilhar do processo de cura ou aprendizado de alguém. Similarmente, não há nada mais desconfirmador do que querer curar ou ensinar alguém que resolutamente se nega a se abrir para uma parceria real. Mesmo em comunidades institucionais, nas quais a mutualidade completa não é possível (como na relação entre médico e paciente), deve haver o dar e o receber, ou não há parceria real possível.

A Parceria Real Vai Além do Contrato Social

Toda noção de contrato social, que parece tão importante para as teorias da sociedade, de Platão a Hobbes, passando por Rousseau e John Stuart Mill, está

baseada numa divisão entre o individual e o social que, eu acredito, é um constructo falso.

Os teóricos do contrato social imaginam que os indivíduos estão ligados socialmente apenas pelo benefício que cada membro da sociedade obtém. Estes teóricos implicam que as relações são mutuamente exploratórias. Isto é similar à noção de Freud de amor “mútuo”, para a qual cada pessoa encontra na outra apenas o seu “objeto de amor catexizado”.

Acredito que a parceria real envolve um tipo diferente de contrato social, no qual nos tornamos nós mesmos na companhia dos outros. Existe uma reciprocidade vital que vai além dos contratos sociais baseados na exploração mútua. Quando estamos vivendo nossas vidas em reciprocidade vital, de forma a nos tornarmos nós mesmos uns com os outros, não podemos encontrar satisfação apenas ficando conosco mesmos ou tornando a nós mesmos nosso objetivo. “Nunca sendo um fim em si mesmo, ele se torna ele mesmo eternamente”, escreveu o filósofo chinês Lao-Tsu. Mesmo o conceito de Abraham Maslow de auto-actualização, que é o cerne de sua psicologia do ser, só se desenvolveu *após* seu encontro com pessoas que ele admirava grandemente, como Eleanor Roosevelt, Albert Einstein e Albert Schweitzer, nenhum dos quais estava preocupado com a auto-actualização!

A Parceria Real Ensina a Sabedoria da Responsividade

Para responder sabiamente, precisamos ceder em alguns momentos e nos mantermos firmes em outros. Ceder é, com frequência, visto como mais virtuoso do que manter-se firme. Talvez seja porque, normalmente, pensamos em quem se mantém firme como alguém teimoso, rígido e, por vezes, defensivo. Isto provavelmente tem a ver com como pensamos quando ouvimos a frase “manter no seu próprio chão” do que com aquilo que realmente esta frase significa. Não podemos existir em parceria real com outras pessoas se não pudermos nos manter em nosso próprio chão. Isto porque a parceria real traz com ela a oposição das outras pessoas a nossas ideias e modos de ser. Quando nos mantemos firmes, mantemos nossa identidade de eu, o que inclui tornar nossa perspectiva única visível aos outros. Você consegue imaginar alguém como Winston Churchill não se mantendo firme frente à resistência contra a guerra por parte dos membros de seu próprio partido? A Inglaterra poderia ter se rendido aos nazistas.

A verdade é que, por vezes, precisamos fazer concessões e ceder à opinião dos outros. Mas há uma grande diferença entre ceder judiciosamente e nos rendermos categoricamente. Há também uma diferença entre uma abertura flexível e vulnerável e o tipo de auto-negação que nos força a entregar nosso território tão completamente que somos totalmente subjugados por outra pessoa. Como sabemos quando enfatizar o ceder e quando manter nosso próprio terreno? A sabedoria da responsividade leva uma vida para ser aprendida. O poeta estadunidense Theodore Roethke expressa isso no que chama de “a longa jornada para fora de si mesmo”. Escolher quando nos manter em nosso próprio chão e quando ceder é uma sabedoria adquirida através de parcerias reais, nas quais nos movemos repetidamente em direção ao outro e retornamos de novo, e de novo, ao nosso próprio centro.

A Parceria Real Pede Por Mais Consciência

Uma vez, um aluno de graduação se aproximou de mim, contando sobre um problema que ele estava tendo com sua namorada. Ele a estava pressionando em direção a um compromisso mais sério. Suas palavras mostravam que ela concordava, mas suas ações o deixavam inseguro sobre quão sérias suas intenções realmente eram. Era claro para mim que elas não eram sérias. Também era claro para mim que ele não podia ver que ela estava se relacionando com ele em vários níveis.

As relações raramente são simples e, quase sempre, são muito complexas. Por vezes, tentamos simplificar o que vemos como complexidade em outra pessoa, focando em uma dimensão de sua personalidade. Isto porque ficamos ansiosos ao pensar que um parceiro em potencial não é alguém fácil de compreender. E se a namorada do meu aluno tivesse dito: “Eu não estou pronta para assumir um compromisso emocional maior “conosco”, mas eu não quero perder o nível de intimidade que temos”? Isto poderia ter feito com que ele se sentisse muito ambíguo para manter o status quo, até que os sentimentos dela se aprofundassem.

Nas minhas experiências pessoal e profissional, a consciência sobre a qual não conseguimos sustentar o foco geralmente emerge através de sonhos, fantasias, memórias, pontadas de dor ou vergonha. Estas são visitas obliquas. São valiosas e importantes porque, com frequência, nos apoiam a desenvolver uma tolerância para uma consciência maior (e, por vezes, mais dolorosa). Quanto maior nossa consciência sobre os modos multi-dimensionais pelos quais nos relacionamos com as pessoas e elas conosco, mais podemos responder ao todo que se nos revela através da vida em diálogo.

Há uma relação direta entre o aumento da minha consciência e como eu respondo a você. Isto é verdade mesmo quando você não se expressa a mim através de palavras. Quando estou plenamente consciente, posso me perguntar se há algo que você está tentando me dizer. Ainda que eu ache seu silêncio desconfortável, posso fazer um esforço para apoiá-lo e ser genuíno em minha resposta a você.

Isto se aplica até mesmo àquelas relações difíceis, nas quais podemos ser falsamente acusados e tratados de forma injusta. Tratamento injusto pode ser um grito por ajuda genuíno, ainda que distorcido. As pessoas com frequência se enganam quando pensam que a objetividade torna possível responder com compaixão e compreensão a alguém que está nos atacando violentamente, devido a uma dor interna profunda. A objetividade (seja ela clínica ou não) é, por definição, muito impessoal para permitir o tipo de responsividade do qual estou falando. O rabino Shelomo de Karlin encontrou a senda estreita entre as duas em uma história hassídica chamada “Escalando para Baixo”.

O rabino Shelomo diz: “Se você quer levantar um homem da lama e da sujeira, não pense que é suficiente manter-se no topo e estender a ele uma mão auxiliadora. Você precisa descer até a lama e a sujeira. Então, segure-o com mãos fortes e eleve a ele e a você mesmo em direção à luz”.

A Parceria Real Consiste em Ouvir e Responder

Ouvir e responder em profundidade são passos corajosos em direção à parceria real, para longe do individualismo enganador. A pessoa que escuta e não responde é mais uma observadora do que uma participante. Quando falhamos em responder em nome da autoproteção, aumentamos a distância entre nossas existências únicas, criando um

senso falso de segurança, ao dizermos a nós mesmos que não somos como as pobres pessoas sofredoras lá fora.

A vida em diálogo é diminuída quando falhamos em ver que estamos todos no mesmo barco, nos dirigindo para a mesma cachoeira, compartilhando do mesmo destino. Franz Rosenzweig aponta que diálogo verdadeiro significa que não temos apenas orelhas, mas também uma boca. Posso dizer algo surpreendente, novo, único e irrepetível que evoque uma resposta espontânea e despreparada de sua parte. Quando isso acontece, tanto o ouvinte quanto quem fala são chamados a novas profundidades de consciência. A parceria real depende de ouvir de verdade e de responder verdadeiramente. Quantas vezes você descobriu que não se comovia com alguém que falava com você como se repetisse um roteiro? Não é essa a razão porque desligamos o telefone na cara de atendentes de telemarketing ou mudamos de canal quando aparece um tele-evangelista? Quando a escuta real, assim como a fala real, acontece, não podemos evitar sermos movidos a pensar e estimulados a agir. O estímulo, quando decorre de escuta e resposta reais, levam à parceria real que empodera famílias, comunidades e sociedade.

A Parceria Real Leva à Transformação Pessoal

As pessoas cuja confiança está fundamentada na vida em diálogo mudam a cada vez em que entram em uma parceria real. Elas renascem a cada nova situação. Ao ouvir e responder com consciência aumentada, ajudamos neste processo de renascimento. A transformação pessoal ocorre como resultado de participarmos de uma parceria real; não é um objetivo que precisamos atingir para que possamos participar por completo dela. A diferença não é sutil. Nós mudamos porque respondemos de coração quando alguém vem nos encontrar. Ainda pode ser necessário exercitar nossa vontade para que possamos superar certos obstáculos. Também teremos que nos permitir sermos levados pelo fluxo da interação sem saber o que virá.

Para nossa surpresa, descobrimos recursos que não sabíamos que tínhamos ou damos voz a convicções profundas que escondíamos timidamente. Podemos até nos tornar conscientes de que o que estamos fazendo não é aquilo para que fomos chamados. Um homem me disse que, depois de anos exercendo duas profissões, cada uma delas requerendo uma grande quantidade de estudo e treinamento, ele abandonou a ambas, convencido de que nenhuma delas estava em sintonia com o que ele sabia ser sua real direção de vida.

Uma distinção adicional e importante precisa ser feita em relação à plenitude pessoal. Todas as vezes em que me critico eu perco a percepção intuitiva da pessoa que sou. Isto significa que não posso atingir a plenitude pessoal sendo auto-crítico. A preocupação sem fim em relação a nós mesmos nos divide em duas partes (como o “homem subterrâneo” de Dostoevsky, “torcendo seus dedos” e totalmente incapaz de agir), uma sendo o observador, a outra, o ator que está sendo observado. Este tipo de divisão nos impede de ter qualquer tipo de resposta espontânea e nos sobrecarrega desnecessariamente com auto-crítica.

Isto significa que devemos abandonar a objetividade, a análise e a auto-consciência? Fazer isso seria um esforço para fazer a coisa certa, com o objetivo de se tornar uma pessoa mais inteira - exatamente o contrário do que estou sugerindo. A consciência intuitiva que nasce ao respondermos não é incompatível com a objetividade, com a

análise ou mesmo a psicanálise. Mas é incompatível com fazer destas formas de auto-avaliação a última instância de apelo àquilo que torna as parcerias reais.

Precisamos de consciência sobre nós mesmos quando nos relacionamos com os outros. A auto-consciência nos apoia a mantermos um equilíbrio entre o afastamento completo e a imersão insalubre. Nos tornamos mais intuitivos em relação às mudanças sutis na vida em diálogo conforme ambos escutamos e respondemos, ouvindo não só como o outro responde, mas também como nós respondemos a ele. Quando eu discuto um problema com um amigo eu não apenas o ouço, mas também me ouço respondendo a ele. Intuitivamente, estou assistindo o movimento de vai e volta entre nós e, como se aprendesse os passos de uma dança, me torno mais apto a sincronizar minha escuta e minha resposta com as dele.

T. S. Eliot captura esta experiência lindamente: “Quando a música é ouvida tão profundamente que você é a música enquanto ela dura”. Naturalmente, nossa auto-consciência volta quando a música acaba, mas ela não precisa estar no caminho tão frequentemente quanto acreditamos que precisa. O hassidim Maggid de Mezritch disse a seus discípulos que eles precisavam recitar a Torah de forma que o Universo da Palavra falasse através deles. Mas “assim que você se ouvir falando, você deve parar”.

Todo artista talentoso sabe que ele precisa ter uma auto-consciência leve, ao invés de uma pesada. Para aprender como tornar a auto-consciência leve, devemos evitar o erro de imaginar que nosso eu real é apenas aquele que sabe. Quanto mais fizermos isso, mais evitamos entrar em parceria real. Os seguidores de um rabino hassidico não conseguiam entender o que o fazia fixar o olhar no espetáculo tolo de um dançarino na corda bamba. “Este homem está arriscando sua vida, e eu não sei por quê”, ele respondeu, quando questionado. “Mas estou certo de que ele não está pensando no dinheiro que ele vai ganhar no final de seu espetáculo, porque, se estivesse, ele cairia”.

CAPÍTULO 3 - Obstáculos, Barreiras, Desafios à Parceria Real

O Ato de Manter-se Firme

Perdemos a inteireza que torna a parceria real possível quando não temos a coragem de nos mantermos firmes e expressamos nossa singularidade em resposta à situação que enfrentamos. Ainda assim, nos arriscamos a perder a estima dos outros quando o fazemos. Durante a Guerra do Vietnã eu fui convidado a dar uma palestra em uma pequena faculdade por um jovem professor de inglês que havia lido meus livros *Problematic Rebel* e *To Deny Our Nothingness*. Fiquei atônito com o interesse evidenciado por ele em suas cartas, mesmo antes de ter se encontrado comigo, particularmente quando em sua terceira carta ele declarou que eles (ele e um pequeno grupo de jovens professores) me amavam. Como eu, o professor de inglês e seus jovens colegas se opunham à Guerra do Vietnã. Quando cheguei no campus fui levado para conhecer o jornal secreto que era publicado pelos jovens professores mais radicais.

Mais tarde, um almoço foi organizado em minha homenagem, no qual conheci o professor-titular do Departamento de Inglês. Ele disse que era a favor da guerra.

Questionei sua opinião e discordei dele, em geral. Minha intenção era ser direto sem ser rude. Naquela noite, após minha palestra, houve uma festa, da qual o jovem professor que havia me convidado não participou. Isto me incomodou tanto que eu liguei para ele e disse para que viesse, o que ele fez. Descobri que ele estava aborrecido porque eu havia desafiado o professor que tinha autoridade sobre ele. Mesmo que ele concordasse com minha posição sobre a guerra, ele não havia ampliado sua visão o suficiente para manter-se firme quando o inesperado aconteceu. Seu medo de perder seu emprego e sua posição o deixaram sem confiança na possibilidade de desenvolver uma parceria real comigo, a quem ele admirava, ou com seu colega mais velho, por quem tinha respeito, mas com quem não podia imaginar se encontrando em diálogo genuíno.

Encontrar o outro e manter-nos firmes em nosso território enquanto o encontramos é uma das tarefas mais difíceis do mundo. Ainda assim, não podemos nos tornarmos inteiros, a menos que reunamos a coragem para fazer isso. Não meramente uma ou algumas vezes, mas de novo, e de novo, em cada momento vivido. Se você está preocupado com sua auto-estima ou com como você aparece para os outros, você não se manterá firme por medo de perder a aprovação deles. Esta preocupação estava claramente na raiz da retirada súbita do jovem professor de inglês.

Por estarmos investidos na maneira pela qual as outras pessoas nos enxergam, tendemos a alternar entre duas formas de *quase* encontro: “encontramos” ao outro abandonando nosso território ou “protegemos” nosso território nos fechando e mantendo o outro à distância. No primeiro caso, adotamos os pensamentos e sentimentos de outras pessoas, enquanto perdemos os nossos. Para evitar sermos barrados, deixamos nossas próprias atitudes de lado. No segundo caso, agimos como se estivéssemos certos de que seremos rejeitados e damos tanta expressão às nossas próprias pedras de toque da realidade que não damos espaço para outros pontos de vista. Nossa infelicidade é, com frequência, baseada na nossa incapacidade de encontrar o outro enquanto mantemos nosso chão. Ou nos mantemos muito escondidos, ou muito defensivos, impossibilitando a descoberta das oportunidades únicas que a vida diária nos apresenta.

É na sabedoria de nossa própria vida cotidiana que descobrimos o movimento correto entre encontrar os outros e manter nosso chão. Ainda que queiramos tornar a abertura e o amor aos outros um princípio, não podemos fazê-lo sem limitar severamente nossa habilidade de sermos genuinamente verdadeiros e espontâneos. De fato, nos comprometer com princípios apenas pelos próprios princípios nos leva a nos posicionarmos de modo que nossas próprias opiniões e a resistência a sermos persuadidos tornam quase impossível que o diálogo genuíno aconteça. Seja ao impor a nós mesmos uma ideia do que deveríamos fazer, seja ao evitarmos interações espontâneas na esperança de manter uma imagem de auto-suficiência, enfrentaremos o mesmo resultado infeliz.

“Sim, eu concordo”, você diz. “Mas eu odeio conflitos. Certamente há uma maneira de evitar o conflito e, ainda assim, encontrar outras pessoas em diálogo genuíno”. O desejo de evitar conflitos é uma das maiores razões pelas quais as pessoas não têm coragem de manterem-se firmes em seu próprio território. Se você tem medo de que seu amigo, pessoa amada ou professor se torne uma pessoa crítica ou que o rejeite no momento em que você revelar suas próprias atitudes, você buscará pacificação e

conciliação em um esforço de manter uma relação “confortável”. Mas a verdade é exatamente o oposto. Ao abrir mão de seu território em um esforço para ser conciliador e manter um status quo, você entrará em conflito direto com aquela pessoa. Isto pode não ficar aparente de início, mas, ao longo do tempo, a relação “confortável” em nome da qual você se sacrificou se tornará estagnada, distante e insatisfatória. Sua falha em responder como uma pessoa íntegra ao abrir mão do que é importante para você apenas adiará um conflito inevitável.

Há um modo pelo qual você pode realmente evitar entrar em um conflito relacional. Mantenha-se firme de modo a permanecer aberto para o ponto de vista de seu amigo. Quando você imagina o lado dele na relação, enquanto o deixa ver o seu lado, você evita que ele pense que você está seguindo em frente alegre e livremente quando, por baixo, o ressentimento está crescendo.

O grande romance de Albert Camus, *O Estrangeiro*, é um excelente exemplo disso. Ao andar pela praia, o calor se torna uma pressão insuportável para Meursault, o que o leva a atirar num árabe numa revolta desesperada - o irromper de uma tensão insustentável. O que aconteceu nada mais foi do que o luto de Meursault pela morte de sua mãe. Ele não chorou em seu funeral não por causa de seu coração endurecido, mas porque ele se identificava com ela. Como ela, ele não esperava nada do mundo. Esta falta de expectativas é a pista para sua aparente indiferença pela vida. Não que ele não queira nada, mas - excetuando-se algumas sensações físicas imediatas - ele não espera por nada. Ele é um homem que ensinou a si mesmo a nunca esperar nada da vida. Como o rebelde que Camus descreve no livro de mesmo nome, Meursault “confronta uma ordem de coisas que o oprime com a insistência em um tipo de direito a não ser oprimido para além do limite do tolerável”. Esta não é uma decisão consciente da parte dele, mas o limite que o eu estabelece ao vasto e indiferente nada que o espreme para fora da existência.

Muitos de nós nunca atiraremos em ninguém, mas todos já expressamos mais raiva ou irritação do que a ocasião pede, porque constantemente falhamos em nos manter firmes em outras ocasiões.

Há Impasses Reais Que Impedem a Parceria Verdadeira

Nossa resposta a uma determinada situação muitas vezes nos coloca em contato com os limites reais que podem impedir o aprofundamento de uma parceria que imaginamos que queremos. Para nossa grande frustração, experimentamos tragédias de falta de comunicação ou de encontros, assim como momentos de oposição insuperável da parte de outros. Uma mulher disse: “Eu realmente esperava que a terapia ajudaria meu marido e eu a resolvermos nosso conflito e a sermos mais amorosos. Vejo agora quão longe estamos um do outro. Mesmo se pudéssemos começar a compreender um ao outro, temos que nenhum de nós tenha recursos para superar a distância que existe entre nós”.

Fiquei tocado pela história na qual um soldado bósnio, após capturar um sérvio, o reconheceu como amigo de infância, da mesma vila da qual todos os bósnios haviam fugido, exceto por seu pai. “Sinto muito por dizer a você que seu pai não está mais vivo”, o sérvio disse ao bósnio. Este sabia que isto significava que os sérvios o haviam matado. O soldado sérvio lembrou de sua amizade de infância e perguntou: “Você

acha que há alguma esperança para os sérvios e os bósnios?”, “Sim”, respondeu o outro, “mas não para você e para mim”, e atirou nele.

Olhando à luz do fato de que estes impasses existem no mundo, devemos abandonar a busca por parceria real? Não é possível expressar conflito e hostilidade em todas as relações. Depende muito da quantidade e tipo de hostilidade que é expressa e da força do relacionamento. Há alguns relacionamentos que têm tão poucos recursos que, assim que o vulcão da hostilidade ameaça entrar em erupção, se desfazem sem possibilidade de recuperação.

Outras relações são muito frágeis para tolerarem mesmo o mais leve desconforto. Me lembro de uma família que veio até mim porque estava tendo problemas com o filho de treze anos. Ele estava tendo dificuldades para se conectar com sua madrasta, ainda que ela fosse sua cuidadora primária desde que ele tinha cinco anos. Ela demandava cada vez mais que ele respondesse aos seus cuidados. Ela estava tão fixada em sua própria imagem benevolente que ficava apavorada em mostrar qualquer outro aspecto de si. Consequentemente, seu cuidado se tornou sufocante para o rapaz. Quando ele decidiu ir viver com sua mãe biológica, a madrasta o rejeitou completamente.

Descobrimos impasses perigosos nas relações que esperamos que funcionem, e não há uma fórmula que possa nos ajudar nestas situações trágicas. Ainda que eu tivesse trabalhando incansavelmente para encontrar uma solução para este jovem e sua família, ele repetidamente insistia que eu estava perdendo meu tempo. Ele sabia de algo que eu não queria aceitar - que eu frequentemente tenho que escolher, em uma situação particular, entre minha afinidade com uma pessoa e minha responsabilidade para com outra. Já que geralmente estou em relação com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, com frequência me encontro preso em dilemas genuínos entre afinidade e responsabilidade que não são fáceis de serem resolvidos. Posso mesmo me sentir dividido entre meu amor por uma pessoa e minha lealdade a outra, que pode estar em conflito com a primeira. Ainda que eu não me feche deliberadamente para uma delas, eu não poderei estar presente para ambas. Isto leva à descoberta de que, apesar dos meus esforços para ser inclusivo, alguém nesta relação se sentirá excluído.

Parte do processo de entrar em acordo com os impasses nas relações vem da percepção de que nunca podemos assumir *total* responsabilidade por ninguém, porque não temos os recursos para fazê-lo. Mesmo quando somos a única pessoa na Terra a quem um amigo pode recorrer, nossos recursos para responder terminarão antes que a necessidade seja satisfeita. Só podemos realmente ajudar as outras pessoas se reconhecermos os limites da graça de cada hora. Relacionamentos honestos levam a uma certeza crescente sobre o que podemos dar e o que não podemos dar. Quando vamos ao encontro do outro como pessoas limitadas, com probabilidade de cometermos erros e certos de que o desapontaremos, podemos entrar numa parceria real.

Coisas e Pessoas Não São Sempre Como Parecem

Isto leva à uma segunda complexidade quando discutimos parcerias reais: coisas e pessoas nem sempre são o que parecem. A impressão que você tem de mim como um escritor pode diferir grandemente da impressão que terá após me encontrar em pessoa. Eu já afirmei que um problema essencial nos relacionamentos é a

necessidade desesperada de confirmação que nos leva a tentar aparecer de uma certa forma para ganhar a aprovação dos outros. Como lidamos com o fato de que queremos influenciar os outros favoravelmente e não cairmos na armadilha de ficarmos tão preocupados com como aparecemos para eles a ponto de mascararmos nossas ideias, opiniões e pensamentos? A pessoa mascarada é a pessoa “de aparências”, que deixa a aparência imiscuir-se entre ela e os outros, de forma a que não haja real partilha de pensamentos, ideias e atitudes. Nas parcerias reais, “verdade” não significa dizer o que vier à mente e expor-se frente a outra pessoa, mas oferecer a esta pessoa uma parte de seu próprio ser.

Não é inerentemente difícil sermos genuínos, mas podemos ter muitas justificativas fortes para porque não devemos ser nós mesmos para o mundo. Parcerias reais pedem que encaremos nossas preocupações e permitamos que nossa resposta para a situação revele nosso verdadeiro ser para aqueles que se dirigem a nós. Tive um amigo de longa data, dos meus dias no Serviço Público Civil, que, por minha sugestão, se juntou a mim como colega no Sarah Lawrence College. Ele era um pacifista dedicado e um filósofo sério. Contudo, havia um elemento inegável de fingimento nele. Uma vez ele estava conversando comigo e eu vi, distintamente, dois aspectos: um, na minha frente, que queria aparecer sincero, e o zombeteiro ao lado. Isso certamente afetou minha impressão sobre ele como pessoa. Acredito que as pessoas são polares, e que a polaridade não é bom de um lado e mau do outro. Ao contrário, em um lado residem os momentos de decisão nos quais escolhemos uma direção porque precisamos ser verdadeiros conosco mesmos. Do outro, reside um turbilhão sem foco, no qual nos negamos a nos comprometer ou nos comprometemos parcialmente, por medo de tomar uma posição que sabemos que resultará em sermos rotulados, julgados ou expostos.

O Problema Com a Desconfiança e a Parceria Real

O Holocausto, que levou ao extermínio de seis milhões de pessoas únicas, excede nossa capacidade de entender ou mesmo imaginar. Ainda estamos lidando com suas consequências, mais de cinquenta anos depois. Para nomear apenas uma delas, vivemos em um tempo no qual a confiança social mais banal não está mais presente. Não poderíamos imaginar, com antecedência, que pessoas iriam sistematicamente transformar outras pessoas em sabão, ou irradiá-las de tal forma que elas morreriam imediatamente ou lenta e horrivelmente ao longo de muitos anos, ou que dois dos maiores edifícios do mundo pudessem ser arrasados, matando mais de três mil pessoas, por dois aviões em plena luz do dia, enquanto assistíamos em atônita descrença. Quando o inacreditável acontece, a realidade cria a possibilidade, e o ultrajante não é mais impensável.

A era de Auschwitz, Hiroshima, Vietnã, do arquipélago Gulag, é nossa realidade; testemunhamos os horrores no Camboja, na Etiópia, na África do Sul e, mais recentemente, na Guerra do Golfo, na Somália, na Bósnia, no Afeganistão e o genocídio em Darfur, mais a segunda guerra do Iraque, que nosso governo falsamente tentou nos vender com o pretexto de que o país tinha armas de destruição em massa e de que Sadam Hussein estava em conluio com Osama bin Laden, o arquiteto do 11 de setembro, ambas alegações que, mais tarde, o então presidente Bush e o vice-presidente Cheney admitiram serem falsas. A despeito do término da guerra fria e da queda do muro de Berlim, armas nucleares estão acessíveis a países minúsculos

e terroristas bem financiados. Eu tenho falado, em outros trabalhos meus, sobre um “Diálogo com o Absurdo”, no qual podemos encontrar significado mesmo em encontros absurdos. Mas isso não significa que o horror inconcebível que temos testemunhado e vivido seja algo mais além disso. Não pode haver uma filosofia significativa que nos permita ficarmos confortáveis com a destruição e o sofrimento sem fim de incontáveis contemporâneos.

Temos relação com tudo o que foi apontado acima e com a perda da confiança em nossos encontros com outros nos âmbitos pessoal, social e político. Investimos muito de nossa energia para provarmos que nossos motivos e intenções são bons. Ainda assim, duvidamos dos outros e ficamos exaustos com suas dúvidas em relação a nós. Meu amigo Abraham Joshua Heschel criou uma “Regra de Ouro” que combina com a desconfiança de nossos dias: “Suspeita de teu vizinho como de ti mesmo”. Não mais acreditamos que podemos entrar em parceria real. Há períodos da história, como no presente, nos quais o encontro com a realidade presente no cotidiano é perdida em um poço de desconfiança pessoal e social. O fato de termos um território no qual nos firmarmos não significa nada, se muito do que experimentarmos não for aquilo que parece ser, mesmo depois de termos feito todos os esforços para sermos genuínos.

A “Confiança básica” reside na relação integral entre a vida em diálogo e a parceria real que torna a verdadeira comunidade uma realidade. A vida em diálogo e a parceria real só podem ser expressas quando temos a “coragem de pedir e a coragem de responder”. Confiança em uma parceria real significa reconhecer que as outras pessoas não possuem um caráter fixo: bom ou mal, honesto ou desonesto; mas que o modo pelo qual nos aproximamos delas, o modo pelo qual nós permitimos que a vida flua entre nós e elas, as libera para possibilidades de bondade, confiança e abertura. Desconfiança, ou a falta de confiança básica, coloca as pessoas em categorias que tornam difícil a elas quebrar os padrões habituais de desonestidade e auto-proteção. Quando me aproximo de você com abertura e confiança, você pode ser capaz de me responder da mesma forma. Quando eu me aproximo com ódio e desconfiança, você será confirmado como não tendo nenhum papel real numa relação na qual poderíamos, de outra forma, trabalhar juntos para resolver problemas, construir compreensão e encontrar um terreno em comum a partir do qual podemos nos relacionar.

A coisa terrível sobre a desconfiança é que ela rapidamente se torna recíproca. Quando refletimos suspeita sobre alguém, ela é refletida de volta para nós, até que encontramos a evidência que procuramos: o outro também desconfia de nós e age de modo a confirmar nossos piores medos em relação a ele. O comportamento hiper-desconfiado de grandes grupos e sociedades em relação uns aos outros é exatamente o que poderíamos chamar de paranóico. Não temos que ir muito longe para confirmar isso depois de 11 de setembro de 2001, quando fomos encorajados pelo nosso governo e seus líderes a estarmos atentos aos terroristas entre nós.

Muitos grupos (mesmo os mais convencionais) possuem um mundo hermeticamente fechado que os impedem de ver o modo pelo qual outros grupos enxergam. Cada um deles tende a interpretar o outro em termos do seu próprio mundo de defesas, medos e suspeitas. Isto é patente não só em muitas das seitas religiosas atuais pelo mundo, sejam elas “cristãos renascidos”, hassidim ortodoxos ou muçulmanos fundamentalistas, mas também em organizações seculares e governos. O

fundamentalismo secular que parece dominar a política estadunidense não é tão diferente das seitas religiosas em Israel que demandam que todas as cerimônias religiosas, como casamentos e funerais, sejam ditadas pelos ortodoxos, em prejuízo dos não-ortodoxos (como judeus secularistas, reformistas ou conservadores).

A Necessidade de Maior Confiança em Resposta à Desconfiança

Apenas a confiança nos dá a base que precisamos para enfrentar a desconfiança. Em outras palavras, você não deve responder à desconfiança com desconfiança. Também não podemos estabelecer uma resposta prévia à desconfiança, em um esforço de proteger nossos interesses. Nossas respostas são aquelas que encontramos no momento em que nos deparamos com a desconfiança. É mais ou menos como uma pessoa que começa a andar em uma direção, é derrubada e perde o fôlego, e então tem que escolher se vai se levantar e continuar andando na mesma direção ou se vai parar de uma vez. A confiança não leva à “paz de espírito”. O ato de confiar pode resultar em dor, luto e ansiedade. Quando paro de confiar, ponho fim na vida em diálogo.

Há certas pessoas que continuam a viver, nunca mais confiando em algo ou alguém. Um bom exemplo disso está no filme *O Homem do Prego*, no qual Rod Steiger interpreta o dono de uma casa de penhores no Harlem que perdeu sua esposa e filho em um campo de extermínio nazista, que estabeleceu seu negócio, mas fechou seu coração para a vida, para não arriscar-se a mais desapontamento e perdas. Há, diz o poeta Conrad Alken, um “tetelesta!” (Está consumado”) que possa ser dito para aqueles “que se arrastam pela vida guardando seus corações dos golpes para morrer obscuramente”? Quem poderia julgá-los? Eles não são, de um modo muito diferente, como Jesus, que gritou seu “Está consumado!” quando estava na cruz?

Mas nosso desejo por segurança leva alguns de nós a nos vermos como desamparados simplesmente porque a vida não se comporta como pensamos que deveria. Desejamos prever o que virá para nós e, assim como a toupeira de Kafka, construir uma barragem que nos assegurará de que nada nos atingirá, exceto o que quisermos que nos atinja. Nossas visões da existência são baseadas em nossos desapontamentos, na destruição da confiança que toda criança experimenta, não importa quão confirmadores seus pais sejam. Toda criança experimenta separação e traição em algum grau. E, mais tarde, quando cresce e entra pela primeira vez em uma relação romântica, toda pessoa experimenta alguma rejeição e mágoa. Várias e várias vezes pensamos, “já deu” e, em seguida, somos capazes, como um personagem de Samuel Beckett, de nos levantarmos e prosseguirmos.

Sem dúvida, as relações nos machucam, mutilam e, por vezes, matam. Elas também confirmam, curam e, com frequência, trazem grande conforto e alegria. Tenho dito para aqueles que acreditam que estão tão mais seguros quanto menos se deixarem afetar pelos outros, que as feridas criadas nas relações devem ser curadas nas relações. O isolamento prolongado e autoimposto com o objetivo de nos manter seguros transforma uma pequena ferida em uma barreira enorme, de forma que, quando você quiser tentar alcançar alguém e se arriscar novamente, você se verá incapaz de atravessar seu medo. Por mais vezes do que podemos conceber, somos afastados da vida em diálogo e da parceria real. Certamente, esta experiência não é suave e contínua. Ainda assim, nossa participação e nossa decisão de confiar novamente nos renovam e empoderam. Andamos perto do abismo a cada momento;

andamos no vale da sombra da morte todos os dias. Ainda assim, somos carregados momento a momento; nosso chão e nossa liberdade nos são devolvidos dia a dia. A desconfiança, não importa quão profunda, não precisa nos impedir de fazer novos contatos com a realidade. Se ousarmos confiar, descobriremos que a verdadeira comunidade é o único lugar onde podemos encontrar parceria real.

PARTE DOIS - SUSTENTANDO A PARCERIA REAL ATRAVÉS DO CUIDADO ATIVO

CAPÍTULO 4 - A Comunidade de Cuidado e o Movimento Comunal: A Rebelião Jovem das Décadas de 1960 e 1970

As décadas de 1960 e 70 foram anos de ativismo social - alguns diriam de revolução social. Além dos grandes passos dados em direção à igualdade racial e à liberação das mulheres, dos protestos contra a Guerra do Vietnã e do “verdejar da América” em geral, houve também uma rebelião contra a autoridade que se fez sentir em muitos campi universitários e em arenas públicas nos Estados Unidos. O espírito de comunidade que encontrei em Pendle Hill não foi suficiente para sustentá-lo durante esta rebelião. Em Pendle Hill também a rebelião contra a autoridade era frequentemente levada ao absurdo por jovens querendo provar a si mesmos, às custas da instituição. Uma vez, organizamos um seminário Pendle Hill e nossas tentativas de ter reuniões com toda a comunidade facilitadas por um grande professor universitário foram interrompidas por alunos batendo nas cadeiras e gritando para ele, um companheiro de Pendle Hill como eles: “Quem você acha que é? Deus?” Não era um protesto contra ele em particular, ou mesmo contra a instituição. Era uma rejeição de qualquer um que se presumia que iria falar com autoridade.

Nossas reuniões menores não tiveram melhor destino. Em um grupo que eu liderei, dois participantes de Pendle Hill tentaram conduzir uma sessão sobre alguns dos problemas que haviam encontrado como trabalhadores em psiquiatria social. Logo, contudo, a sessão foi interrompida por três jovens que eram parte do grupo. Um deles era um romântico nietzschiano, o outro um auto-denominado zen budista e o terceiro, um auto-denominado budista tibetano. Quando, após uma hora de silêncio de minha parte, eu finalmente decidi intervir em benefício do grupo o nietzscheano bateu palmas sobre sua cabeça repetidamente e reclamou que eu o estava interrompendo. O budista tibetano gentilmente me explicou, mais tarde, que eu era “irrelevante”. Nesta época, isso significava que as pessoas jovens determinavam a agenda e que as pessoas mais velhas não tinham nada relevante a dizer.

Em um último esforço para salvar o seminário que eu estava dirigindo, organizei os alunos em grupos menores de três, para ver se eles conseguiriam ter algum tipo de encontro real entre eles. Para meu desespero, os resultados não foram melhores. Uma dentre duas mulheres mais velhas que eu tinha escolhido para se encontrar comigo começou nossa sessão dizendo: “Eu quero tirar isso do meu peito: você é irrelevante”, ao que a outra se somou, dizendo: “Você não é uma pessoa. Você é um saco de citações!”. Isto me fez pensar se qualquer encontro real seria possível.

Apesar dos protestos dos alunos e da rebeldia que marcou aqueles anos, houve alguns ganhos reais na manifestação de uma comunidade cuidadosa em Pendle Hill, como os grupos de interesse iniciados e conduzidos por vários alunos e a participação conjunta de professores e alunos nas tomadas de decisão. Muitos destes ganhos foram “corrigidos” nos anos subsequentes, em nome de transformar Pendle Hill em uma instituição mais verdadeiramente “Quaker”. Mesmo no auge de Pendle Hill como uma comunidade cuidadosa e confirmadora, sempre houve uma certa medida de medo e desconfiança por parte de vozes desconfortáveis - uma desconfiança que se expressava em reuniões “executivas” dos dirigentes que aconteciam em intervalos regulares, das quais os professores e alunos eram excluídos. Em todas as comunidades genuínas, há uma tensão entre a convenção e a inovação. Mas os limites que são impostos geralmente nascem do medo, e não da necessidade genuína.

O Movimento Comunal

Um ponto alto em Pendle Hill como comunidade de cuidado foi a *Conferência Nacional sobre Comunas e Igrejas Clandestinas*, que Barbara Krasner e eu organizamos e co-dirigimos no verão de 1969. Naquele momento, fomos capazes de sentir o pulso de uma grande busca por uma comunidade de cuidado que se manifestava de muitas formas e em muitos lugares diferentes ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, havia aspectos desta conferência que nos mostraram os limites dos recursos comunitários para confirmar a alteridade. Houve problemas menores com as pessoas que queriam estacionar seus trailers no terreno de Pendle Hill e a surpreendente deserção de um dos membros do comitê de planejamento, que escolheu ir para outra conferência que surgiu do nada, de repente. Uma questão mais séria surgiu quando a esposa de um líder negro local apontou que, apesar das comunas terem muito a oferecer para a população negra da Filadélfia e de outras cidades grandes, os negros, em geral, não tinham o tempo livre necessário que tornasse possível imaginar e planejar estas comunas. Senti que o que ela dizia era verdade, e eu não pude oferecer nenhuma alternativa útil.

Apesar disto, cem pessoas se reuniram, vindas de todo país, e elas realmente se preocupavam com estas questões. Então, até onde eu sei, esta conferência foi única. Pude ter uma ideia do que se tratava o movimento comunal.

Ainda há várias comunas nos Estados Unidos e, desta forma, ainda podemos dizer que há um movimento comunal. Algumas delas eram centradas no uso de drogas, algumas em política radical, outras em religião, liberdade sexual ou nudismo, outras ainda eram comunidades urbanas ou agrícolas. Não obstante a natureza excêntrica de algumas delas, as comunas manifestavam e manifestam a comunidade genuína. Todas elas representaram experimentos interessantes como comunidades intencionais, mas poucas demonstraram a habilidade de superar o contexto cultural que as criou e perdurar durante a era mais conservadora que se seguiu.

Durante os anos 1950 eu vim a conhecer o historiador Staughton Lynd. Ele levou o liberalismo político de seus pais, Helen e Robert Lynd, para a esfera social da *Joining Macedonia*, uma comunidade intencional na Geórgia. *Macedonia*, como a *Comunidade Celo* na Carolina do Norte (fundada por Arthur Morgan), era uma das poucas comunas agrícolas de sucesso no sul que duraram por várias décadas. Ela era uma comunidade orgânica, mas era também uma democracia.

Foi com algum desalento, portanto, que eu soube que a Macedonia havia sido encampada pela *Bruderhof*. A *Bruderhof* era uma comunidade religiosa, ou melhor, um grupo de comunidades afiliadas, originalmente fundado por Eberhard Arnold na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial. Era uma excelente ilustração daquilo que Martin Buber diz em *Caminhos da Utopia* sobre a necessidade de federações de comunidades, mas seus métodos deixam a desejar como comunidade genuína. É, de fato, um culto - uma teocracia não muito disfarçada, na qual as decisões são tomadas por um pequeno grupo de líderes. Isto se aplicava não somente à tomada da Macedonia e ao funcionamento de outras comunidades em Reston, Nova York e outros locais, mas também à vida privada de seus membros. Os líderes decidiram que Staughton deveria se separar de sua esposa e fizeram com que isso se consumasse.

CAPÍTULO 5 - Comunidade Genuína: a Comunidade de Afinidade versus a Comunidade da Alteridade

Pendle Hill - O Centro de Estudos Quaker

Minha experiência mais importante durante as décadas de 1950, 1960 e início de 1970 foram meus anos vivendo e ensinando em Pendle Hill, o centro de estudos quaker em Wallingford, Pensilvânia, sobre o qual falo no capítulo anterior. Havia estrutura e ordem lá, ainda assim, havia liberdade individual no sentido mais profundo. Havia tentativas de construir comunidade real entre a equipe que trabalhava lá e os residentes temporários que ficavam por um ano, através do trabalho em comum, do estudo em comum e das orações em comum - o encontro diário silencioso para orar no celeiro, e os Encontros de Negócios entre Amigos, que aconteciam de acordo com um "senso de encontro", ao invés de votos da maioria ou regras parlamentares. O espírito de comunidade também estava presente nas quadras de vôlei, onde jogadores pouco habilidosos e crianças tinham direitos iguais aos dos bons jogadores e adultos.

O Espírito da Similaridade versus O Espírito da Alteridade

Minha distinção entre a "comunidade de afinidade" e comunidade genuína - a comunidade que confirma a alteridade, precisa ser elaborada para que possamos compreender a autenticação do humano em comunidade e em sociedade.

A comunidade de *afinidade*, ou *identificação*, é baseada no que as pessoas sentem que têm em comum: raça, sexo, religião, nacionalidade, orientação política, uma fórmula comum, um credo em comum. A comunidade genuína, em contraste, não significa que todos fazem as mesmas coisas e certamente não quer dizer que todos o façam a partir do mesmo ponto de vista. O que torna a comunidade real é pessoas se encontrando em situações em comum - uma situação que cada um aborda de diferentes formas, mas que convoca a todas elas. A mera existência de uma comunidade genuína já é uma preocupação em comum, um cuidado mútuo. Este cuidado começa com a compreensão dentre as pessoas já presentes nela. Apenas então ela pode se estender para outras pessoas e, então, para um diálogo com outras comunidades.

Qualquer atividade em grupo é um exemplo disto, já que ela naturalmente se divide entre pessoas que realizam uma tarefa e pessoas que realizam outras. Mas, para além

disso, se as pessoas se preocupam com comunidade, elas podem construí-la juntas, mesmo se elas tiverem crenças, filosofias e visões de mundo diferentes.

Em alguma medida eu penso que isso era verdade para os professores do Sarah Lawrence College durante os 14 anos em que lecionei lá. Havia certamente uma enorme variedade de atitudes, pontos de vista, filosofias e credos, quando havia. Mesmo assim, todos se preocupavam com o modo Sarah Lawrence de ensinar e trabalhavam juntos para torná-lo bem sucedido. Isso era verdade para os alunos também.

Quando desastres naturais ocorrem, pessoas que, de outra forma, não seriam consideradas afins, se juntam para o benefício da comunidade. Quando olhamos cuidadosamente, vemos que estas comunidades misturadas estão em todos os lugares: o Partido Verde, a Coalisão Arco-Íris, as Nações Unidas, para nomear algumas delas.

Comunidade Genuína

Muitas comunidades se iniciam através da reunião de um grupo de pessoas que têm algo em comum. Contudo, a comunidade por afinidade irá inevitavelmente se tornar exclusiva e fechada, a menos que ela evolua para uma comunidade genuína, fiel ao seu propósito e diversa ao mesmo tempo. O contexto definitivo da parceria real é a comunidade genuína, na qual se vivencia a união de pessoas, famílias e grupos verdadeiros únicos. As comunidades genuínas surgem não simplesmente através da tolerância, do ajustamento e do compromisso, mas também através da confirmação mútua.

Está além da capacidade humana confirmar toda a alteridade. Mas a comunidade genuína deve ser medida pela alteridade que é capaz de confirmar. Se o “porta-voz” de um grupo explicar para alguém que difere dele ou dela que esta pessoa não é, na verdade, um membro do coletivo, porque ele ou ela não se encaixa nos seus padrões gerais, então esta pessoa não apenas será excluída do grupo, mas também da existência em si, no que se refere a este momento e situação. A atitude contrária é a da abertura e da confiança. É nossa falta de confiança básica que nos faz sentir que precisamos ter a segurança de grupos baseados na afinidade geral, ao invés de na concretude do encontro aberto com a alteridade real que está presente em cada grupo, até um par de amigos ou um casal.

Um exemplo notável de interconectividade significativa é *Gnadenhal*, uma pequena comunidade alemã que fica a uma hora de distância de Frankfurt. *Gnadenhal* (Vale da Graça) é a casa da *Jesus-Bruderschaft* na qual trabalhei como professor durante um verão, com alunos de dez países diferentes. Ficamos mais profundamente impressionados a cada visita, a partir de então, com o espírito de comunidade que existe lá.

Chegamos a *Gnadenhal* a convite de Jens Oertel, meu aluno na Universidade Hebraica de Jerusalém, quando eu fui professor lá entre 1987 e 1988. O pai de Jens, Gunter Oertel, é o diretor da *Jesus-Bruderschaft*, que tem comunidades em três diferentes partes da Alemanha, assim como em Israel e na África. Em seu ensaio “Lugares de Esperança”, Gunter deu bela expressão a este espírito comunal. “Lugares de esperança podem surgir”, ele escreveu, “onde novas relações inter-humanas crescem e a realidade externa da vida é moldada”. Ele então apontou para o encontro

genuíno de pessoas de diferentes origens e linguagens. Atento ao mundo secular que cerca cada uma de suas comunidades, ele, não obstante, expressa confiança de que seu modo de vida pode construir pontes entre pessoas que estão orientadas a um mundo de valores completamente diferente. “A essência da vida - a que aprendemos com Martin Buber - é o encontro, o diálogo”. Em comunidade, isso significa querermos encontrar e compreender o outro como a pessoa defronte a nós, como Tu. Assim, a comunidade se desenrola em um ritmo básico entre escutar e falar, receber e oferecer. Apesar da crise econômica e do desemprego massivo na Alemanha Oriental, várias pessoas que estavam sem emprego há muito tempo estabeleceram uma firme relação de trabalho com *Hennersdorf*, a comunidade *Jesus-Bruderschaft de lá*.

Outro exemplo notável de comunidade que testemunhei é um sistema de justiça em Minnesota que substitui o tradicional tribunal que sentencia criminosos por um círculo comunitário. Argumentando que as prisões e julgamentos não evitam que as pessoas cometam crimes de novo e de novo, os defensores dos círculos sugerem dar uma chance à confiança e aos impulsos bondosos dos cidadãos comuns. Eles sentem que, ao recorrer sempre a profissionais, nós roubamos do processo judicial a sabedoria e os insights da comunidade. Os círculos comunitários recorrem a esta sabedoria para dar sentenças não convencionais, com o objetivo de serem mais instrutivas do que punitivas. Melissa, uma garota de 14 anos que fugiu repetidamente de sua casa na zona rural, foi sentenciada a escrever cinco coisas boas que aconteceram com ela a cada dia. Seus pais comentaram que, no tribunal, eles haviam encontrado apenas advogados atormentados e juízes intimidantes, enquanto que, no círculo, “encontraram uma dúzia de vizinhos que nunca haviam encontrado antes, que estão pressionando para que Melissa se corrija - e, mais importante, que genuinamente acreditam que ela pode fazê-lo”.

Ainda que os círculos também incluam juízes, advogados e profissionais de outras especialidades, eles são apenas uma parte do grupo e falam sem nenhuma autoridade especial. Um participante caracterizou o grupo como dando às pessoas comuns alguma responsabilidade para que se assegurem que sua comunidade está a salvo e que seus vizinhos são confiáveis. Traçando a ideia dos círculos até à tradição dos nativos norte-americanos, os defensores apontam que crimes não são simplesmente violações de leis abstratas. São também afrontas à comunidade. “Então deve caber à comunidade responsabilizar o ofensor - e descobrir um modo de trazê-lo de volta a ela”.

A única regra que sustenta os círculos é que eles não agem como juízes. Eles lidam apenas com ofensores que se declararam culpados. Além disso, a chave para o círculo é a equanimidade e o consenso. Todos, incluindo o requerente e o ofensor, devem concordar com todas as condições da sentença, que é, usualmente, um serviço comunitário. A vítima também se junta à discussão, mas apenas como um membro da comunidade, não como uma testemunha de acusação.

Ainda que juízes revejam suas sentenças, os círculos representam uma rejeição deliberada do sistema adversarial. “Não é envergonhar, culpabilizar e pronto”. Os cidadãos que se dispõem a aconselhar infratores semana após semana têm uma paixão pela reabilitação que os coloca em grande contraste com os membros da sociedade que estão submetidos a leis rígidas e prisões ainda mais rígidas. O grau de reincidência é marcadamente baixo. Estatísticas mostram que ofensores que

participaram de círculos cometeram 82% menos crimes. Reconhecendo que os círculos não são apropriados para criminosos que apresentam um risco real para a comunidade, os defensores dos círculos pensam que eles podem lidar com agressões, incluindo sexuais.

Os participantes dos círculos trabalham duro para orientar os ofensores - escrevendo seus currículos ou hospedando-os em um quarto extra. Os círculos se espalharam até para as escolas, onde os conselheiros agora os chamam para lidar com disputas e brigas no recreio. Algumas comunidades fazem “círculos de cura” nos quais as vítimas de crimes podem falar de seus traumas com os vizinhos ou mesmo confrontar as pessoas que as feriram.

CAPÍTULO 6 - O Papel do Propósito Pessoal na Parceria Real

Encontrar o propósito pessoal não significa, como algumas pessoas pensam, encontrar um modo de expressar sua criatividade ou gênio interior, ou mesmo “trabalhar” o destino pessoal, como se houvesse algo predestinado dentro de nós que apenas precisasse ser trazido à luz. Ao contrário, encontrá-lo implica em vários anos de interação com as pessoas com as quais convivemos em nossas famílias, escolas e locais de trabalho. Ele também é co-constituído pelos lugares onde vivemos, pelo mundo natural com o qual nos deparamos em nossas vidas cotidianas e nas nossas “escapadas” da vida, naquilo que chamamos de “férias”. Significa, em resumo, não a expressão do nosso mundo interno, mas o diálogo significativo com tudo aquilo que não somos nós, diálogo para o qual nos dirigimos várias e várias vezes, com todos os recursos que pudermos reunir em cada situação e com o máximo de inteireza pessoal que pudermos evocar para lidar com ela.

Encontrar o Propósito Pessoal É Aprender e Ensinar

Não aprendemos primariamente lendo livros, mas a partir de nossas vidas em família, de nossos encontros com nossos professores e mesmo a partir de nossas interações com nossos colegas de classe. Mas este primeiro aprendizado é tão primordial e tão parte da formação de nossas personalidades originais que não estamos conscientes dele, muito menos os vemos como parte da busca por propósito pessoal. Após aprendermos a ler e, mais tarde, a pensar por nós mesmos, podemos ter vislumbres de como nosso aprendizado afeta nosso propósito.

Tive um destes vislumbres uma vez, em um curso sobre história dos Estados Unidos que tive no colégio. Poucos anos depois, quando eu decidi me tornar um objetor de consciência na Segunda Guerra Mundial, enquanto aluno de graduação em Harvard, eu escrevi a minha professora de história no colégio se ela poderia atestar minha sinceridade ao comitê de alistamento. Ela declinou em fazê-lo - não porque, tenho certeza, ela duvidava da minha sinceridade, já que eu era seu melhor aluno, que ela considerava ter uma “bela consciência social”. Quando eu fui visitá-la após meu primeiro ano em Harvard e contei a ela que só tinha tirado notas máximas, ela declarou que era uma questão de “honra nacional”. Talvez ela tivesse ficado chocada ao ver que seus ensinamentos poderiam ter levado, ou contribuído, para minha posição como objetor, ou talvez ela temesse que testemunhar em meu benefício colocasse em risco seu cargo como professora na Tulsa Central High School. Mas estou certo de que eu não teria pedido a ela, dentre todos os meus outros professores,

para testemunhar por mim, se eu não achasse que a história norte-americana que ela me ensinou e seu modo de ensinar foram uma contribuição significativa para que eu tomasse minha decisão.

Não mencionei este curso quando escrevi uma carta longa explicando minha postura ao comitê de alistamento. Escrevi sobre o efeito da leitura dos romances de Dostoevsky e da cena do *Guerra e Paz* de Tolstói na qual o príncipe André, jazendo ferido no campo de batalha, olha para o céu e tem uma visão da eternidade que o eleva para além da guerra que o havia absorvido totalmente até então. Este foi um livro que li enquanto calouro no curso de literatura clássica ministrado por Harry Levin em Harvard. Contudo, devido às relações mais impessoais entre professores e alunos na universidade, eu nunca sonharia em pedir a ele para escrever em meu favor, apesar de estar grato por ele ter me dirigido a ler tanto Dostoevsky, quanto Tolstói. Penso, em contraste, que fui influenciado mais diretamente pelo que Esther Larson trouxe, ao ensinar história norte-americana, do que pelo próprio livro-texto, mesmo que eu me orgulhasse de abri-lo em qualquer uma de suas várias centenas de páginas e saber o que havia lá. Ambos os professores contribuíram para minha decisão angustiada de me tornar um objetor de consciência - um passo importante, certamente, para que eu encontrasse meu propósito de vida pessoal.

Eu citei dois aprendizados específicos que influenciaram o meu propósito pessoal. Também devo mencionar meus estudos no Experimento em Educação Progressiva da Thirty School durante os ensinamentos fundamental e médio e meu treinamento em artes liberais em Harvard, que me ofereceram abordagens abertas para as ideias e para a história e um hábito de pensamento perspicaz. Também digna de menção é minha participação em um acampamento internacional de estudantes nos meus anos iniciais em Harvard, uma experiência que me fez mudar meu propósito pessoal, passando do treinamento para a diplomacia internacional para o ativismo no movimento trabalhista. Com isto em mente, mudei minha graduação para Economia e me graduei com louvor em economia do trabalho. Não pude continuar nesta direção após meus três anos e meio de serviço civil pois, durante este tempo, eu fui do socialismo e um certo pacifismo intelectual para o misticismo e, mais tarde, para uma grande simpatia com o misticismo comunitário popular judeu dos séculos XVIII e XIX na Europa Oriental, conhecido como Hassidismo.

Quando eu passava finais de semana na Filadélfia, durante meu ano e meio de trabalho em um “instituto para pessoas de mente fraca”, como estes locais eram chamados, eu conheci um intelectual europeu muito refinado, mais velho e mais educado do que eu, que me assegurou que, após a guerra, eu retornaria à economia do trabalho e à reforma social que eu havia escolhido como meus propósitos pessoais durante a faculdade. Ele estava enganado. Eu não poderia voltar para a economia ou para os meus planos de me tornar um organizador ou educador laboral. Ao invés disso, eu fiz um mestrado em língua inglesa na Universidade Estadual de Ohio (esta mudança de linha de pesquisa foi usada contra mim pelo comitê da cidade de Oklahoma, depois que a Universidade de Harvard me nomeou para uma bolsa de estudos). Além da língua inglesa, eu obtive um Ph.D em história da cultura pela Universidade de Chicago, terminando minha carreira acadêmica como professor em três departamentos separados: Estudos Religiosos, Filosofia e Literatura Comparada. Isto não significa, contudo, que meu trabalho em economia ou minha preocupação social foram jogados fora. Permaneci um socialista comunitário através de toda minha

vida, e isso afetou meu modo de ver os problemas sociais e políticos com os quais tenho me deparado durante este meio século.

Minha base acadêmica variada e as abordagens educacionais diversas que a acompanharam tiveram, logicamente, um grande efeito na minha própria abordagem de ensino durante o mais de meio século que ensinei em faculdades e universidades, grandes e pequenas, liberais, progressistas e conservadoras. Uma reitora no Sarah Lawrence College - uma pequena faculdade feminina progressista na qual lecionei por quatorze anos - me disse que eu teria que escolher entre um currículo convencional ou a “mistureba” que eu tendia a ensinar. Eu escolhi a última. Na Universidade Temple, na Filadélfia, eu fundei e dirigi programas de doutorado em Religião e Literatura e em Religião e Psicologia. Na Escola de Psicologia Profissional da Califórnia, onde fui professor-titular por dois anos, instituí uma nova linha de pesquisa “não-estatística” nas dissertações de doutorado - fenomenológica, teórica e através de estudos de caso - com a qual ninguém na instituição havia sonhado antes. Também ensinei em várias universidades sem muros, que davam espaço para tutorias individuais e dissertações fenomenológicas. Ao longo destes anos, minha convicção de que a educação significativa se dá no diálogo entre professores e alunos, entre os próprios estudantes e entre eles e os livros que lêem vem crescendo constantemente. Isto significa que prefiro pequenas turmas à turmas grandes, discussões a palestras, e que tenho tentado exercer estas preferências mesmo quando ensino grandes turmas em grandes universidades estaduais.

Minha educação e minha experiência na docência também afetaram minha abordagem como mentor. Ao orientar os muitos alunos de doutorado com os quais trabalhei ao longo dos anos, achei importante tentar fazer com que eles abrissem mão de atitudes profissionais, favorecendo o retorno às tramas de significado pessoal que elas tinham originalmente; com que manejassem questões, e não estatísticas; com que descobrissem problemas relevantes e encontrassem métodos únicos que se adequassem a estes problemas, ao invés de partirem de uma metodologia onicompetente que se aplicaria a todos os problemas.

A partir de meu trabalho com estes alunos, aprendi que não só reuniões frequentes são necessárias, mas também o respeito do orientador pelos processos inconscientes de trabalho da pessoas que estou orientando, de forma que cronogramas e demandas artificiais não interfiram no crescimento orgânico do trabalho do orientando. Também aprendi que não devo esperar de meus alunos de doutorado que assumam os riscos que assumi na minha carreira. Descobri que estes modos de agir são frutíferos em vários outros programas acadêmicos e instituições, e os tenho recomendado a outros orientadores através de meus escritos.

Quero concluir este capítulo com dois exemplos, dentre vários, de como minha orientação ajudou alunos de doutorado encontrarem um novo propósito, não apenas na educação, mas também na vida. O primeiro era um estudante notável que recebeu seu doutoramento no meu programa de Religião e Literatura na Universidade Temple, em 1972. Assim que pensou inicialmente num tema de dissertação, ele veio até mim e disse que alguns alunos do doutorado em Língua Inglesa haviam sugerido a ele algo que não havia sido pesquisado antes. “Você não deve pensar nestes termos”, eu disse, “Você deve pensar num tema de dissertação que signifique muito para você”. Ele aceitou meu conselho e escreveu uma dissertação brilhante sobre o grande poema

de T. S. Eliot, *Quatro Quartetos*. Em uma apresentação breve, ele ilustrou cada quarteto com fotografias do lugar onde ele se localizava e tocou os últimos quartetos de Beethoven como acompanhamento musical. Sua dissertação era tão boa que eu achei que deveria ser publicada, ainda que a editora da Universidade de Chicago não tenha concordado. Muitas anos depois, este mesmo aluno, tendo passado de uma imersão profunda no hinduísmo para o catolicismo, não apenas escreveu um livro profundo e brilhante sobre a poesia completa de Eliot, mas também, para minha grande surpresa, se tornou totalmente comprometido com a filosofia de Martin Buber, um pouco da qual eu havia ensinado a ele na universidade, sem nunca esperar que ele fizesse disso um grande propósito em sua própria vida, como ele fez um quarto de século depois! Um de seus ex-alunos deu a ele um fundo de US\$100.000 para que ele escrevesse um livro que tornaria o grande clássico de Buber, *Eu e Tu*, acessível ao grande público. A pedido desta pessoa, eu escrevi um prefácio para este livro que foi publicado recentemente.

Meu segundo exemplo aconteceu poucos anos depois do primeiro. Como professor-titular na Escola de Psicologia Profissional da Califórnia, em San Diego, como eu citei acima, estabeleci uma linha de pesquisa de doutorado não-estatística. Em conexão com ela, ofereci oficinas semanais sobre metodologia, complementadas por encontros individuais semanais com cada um dos alunos. Um destes alunos, que já tinha um mestrado em psicologia, no qual havia lido meu livro *Martin Buber: a vida em diálogo*, se encontrou em um impasse em relação a qual direção dar a sua dissertação. Ao ouvi-lo e deixá-lo expressar suas incertezas durante várias semanas, ao invés de impor um cronograma a ele, ajudei-o a trabalhar suas dúvidas, até que ele atingiu a clara decisão de que queria escrever sua dissertação sobre o trabalho do psicólogo norte-americano Abraham Maslow. Foi uma dissertação fenomenológica cujo capítulo sobre metodologia se tornou um modelo para sucessivas gerações de alunos (tanto assim que um deles quase perdeu seu doutorado e, com ele, sua vocação como psicólogo, quando se descobriu, por acaso, que ele havia plagiado o capítulo sobre metodologia da dissertação de meu aluno!). Poucos anos depois, quando me pediram para oferecer um exemplo sobre a relação entre orientador e orientando para um estudante que estava escrevendo uma dissertação para outra instituição, eu escolhi minha experiência com este aluno.

Então, como aconteceu com o aluno de doutorado em religião e literatura da Universidade Temple, este estudante desenvolveu um interesse em Buber - mais por razões psicológicas do que filosóficas ou literárias. Ele se juntou a mim como co-diretor do Instituto de Psicoterapia Dialógica durante vários anos durante as décadas de 1980 e 1990. Como eu, ele lecionava um dos três seminários no nosso programa de treinamento. Seu livro sobre psicoterapia dialógica se beneficiou de seus anos de experiência clínica e seu pensamento e escrita excepcionalmente claros, e se tornou um dos livros de referência neste campo.

Como eu disse acima, poderia evocar vários outros exemplos de mudanças de propósitos de vida pessoais que aconteceram através das relações de mentoria entre um aluno de doutorado e eu. Pode ser mais útil, contudo, concluir este capítulo com dois outros exemplos, um dos quais é ambíguo em seus resultados e outro que teve, a primeira vista, resultados negativos.

Como parte de minha docência em Pendle Hill, o centro de estudos quaker na região rural da Filadélfia, dei um curso sobre as lendas dos Hassidim - a comunidade popular de judeus místicos da Europa Oriental durante os séculos XVIII e XIX à qual me referi anteriormente. Dei este curso com Eugenia Friedman, com quem fui casado durante 27 anos. Juntos, pedimos aos alunos que trouxessem para a aula uma lenda que falasse sobre sua condição, para usar uma frase tipicamente quaker. Um aluno deste curso totalmente não-acadêmico era também meu cliente. Ele havia me confidenciado, durante seu longo processo, que havia ido de quase se tornar um pianista clássico para quase se juntar a um mosteiro episcopal na Libéria, até querer trabalhar com o grande filósofo francês Paul Ricoeur em Paris. Esses vacilos entre propósitos de vida foram bloqueados pela doença de sua mãe, que o levou de volta para sua casa no Meio Oeste. Agora ele estava casado e tinha um filho. No entanto, ainda falava sobre abandonar esposa e filho e ir cuidar de sua vida.

A lenda que ele trouxe para a aula foi “Tristeza Verdadeira e Alegria Verdadeira”. Esta história conclui com a afirmação que a verdadeira alegria é aquela de um homem cuja casa se incendiou e foi reconstruída pedra por pedra, “e sobre cada pedra o coração se alegra”. Quando meu cliente leu a história para a classe, ele soube, de repente, mesmo antes de dar sua interpretação pessoal a ela, que sua vida não seria mais um vagar sem sentido, mas um caminho reto - porque ele, sem que fosse capaz de nomear o que havia acontecido, havia encontrado um propósito de vida.

Mais tarde, ele se matriculou em meu programa de doutorado em Religião e Literatura na Universidade Temple. Ele foi um excelente aluno de graduação e escreveu um ensaio brilhante sobre Martin Buber e o grande escritor francês Albert Camus. Me senti muito divertido uma vez, quando ele leu um artigo de Claude Levi-Strauss na *New York Times Magazine* no qual ele explicava que o existencialismo, no qual meu aluno estava imerso, estava ultrapassado e que era o “estruturalismo” que Levi-Strauss propunha era a “coisa certa”. Por algum tempo este artigo balançou meu aluno em sua resolução de completar sua dissertação, mas eu o persuadi a perceber que ninguém encontra seu propósito de vida lendo sobre a última mania.

Ele encontrou uma posição em uma conceituada universidade no Meio Oeste e produziu pesquisas e escritos de muita credibilidade. Chamo este exemplo de ambíguo porque, em algum lugar no meio de sua carreira acadêmica, ele decidiu se tornar um padre episcopal. Deixou sua família e a sociedade e foi trabalhar com os indígenas do norte do Canadá. Quando eu fui convidado por uma semana para palestrar na Universidade de Winnipeg, descobri, para minha surpresa, que o filho deste meu aluno, que eu havia conhecido com dois anos de idade, era um estudante de graduação em filosofia naquela universidade. Quando passamos algum tempo juntos, ele me contou que seu pai havia falecido no último mês de dezembro. Eu contei a ele a lenda hassídica que seu pai havia levado para a aula e que me tocou tanto em Pendle Hill. Seu filho me contou que, enquanto ele estava morrendo, em delírio, falou sobre uma casa em chamas!

Meu exemplo final parece negativo à primeira vista. Pouco depois que comecei meu mestrado em Língua Inglesa na Universidade Estadual de Ohio, conheci minha futura esposa Eugenia que, com vinte e três anos, já havia completado seu curso de doutorado em Inglês. Ela disse a seu orientador que gostaria de escrever sua dissertação aplicando a teoria da tragédia de Soren Kierkegaard à grande peça

Hamlet, de Shakespeare. “Quem já ouviu falar sobre aplicar a Shakespeare a teoria de alguém que viveu quatro séculos depois dele?”, exclamou seu orientador, que nunca havia lido Kierkegaard. “Você tem que aplicar Aristóteles, que viveu dezenove séculos antes de Shakespeare!”

Esta resposta desencorajou Eugenia de tal forma que ela desistiu totalmente de seu programa de doutorado. Quando nos mudamos para Nova York no outono de 1951, para que eu pudesse lecionar no Sarah Lawrence College, pedi a ela, num sábado, que levasse a Martin Buber (que tinha vindo aos EUA pela primeira vez) uma palestra dele que eu havia acabado de traduzir do alemão para o inglês, a seu pedido. “O professor Buber não poderá conversar com você”, eu disse a Eugenia, que ainda não o conhecia. “Ele tem que sair para uma conferência em Cleveland em meia hora”. Mas, quando Eugenia entregou minha tradução a Buber, ele perguntou a ela o que ela estava fazendo da vida. Ela contou que estava tentando encontrar um emprego como editora. “Me perdoe”, ele riu, “mas eu não a vejo como uma editora. Vejo você trabalhando com crianças pequenas”. Quando Eugenia voltou para nosso apartamento em Riverdale e me contou seu encontro com Martin Buber, eu revelei a ela que havia acabado de solicitar um catálogo da Faculdade de Educação da Universidade Columbia, porque estava muito impressionado com o trabalho que ela havia feito em uma escola infantil na Universidade de Chicago no verão anterior!

Apesar de ter recebido duas ofertas de trabalho como editora na semana seguinte, ela desistiu de seu interesse em se tornar editora e se matriculou na Faculdade de Educação, na qual ela recebeu um segundo mestrado, em educação da primeira infância. Trabalhando em várias escolas infantis, Eugenia se tornou uma grande professora. Mais tarde, por minha iniciativa, ela se tornou professora de poesia moderna em Pendle Hill. Neste campo ela também se tornou uma grande professora. Todos os anos, durante trinta anos, ela tem sido convidada para voltar a Pendle Hill para ensinar poesia moderna, viajando, a cada vez, de San Diego até a Filadélfia.

Chamei este de um exemplo aparentemente negativo. Se seu professor na Universidade Estadual de Ohio houvesse apreciado o insight realmente incrível que Eugenia teve sobre aplicar o pensamento de Kierkegaard a Shakespeare, o que outras pessoas fizeram desde então, ela teria terminado seu doutorado em Língua Inglesa e, sem dúvida, teria se tornado uma professora e pesquisadora de primeira linha em alguma universidade. Mas acredito que o propósito pessoal de vida que ela seguiu ao invés deste foi mais criativo e significativo, de formas que uma carreira acadêmica talvez não fosse.

Deve ter ficado claro agora, a partir dos exemplos acima, que não estou igualando propósito de vida a carreira, ainda que, em alguns casos, os dois possam se sobrepor ou mesmo coincidir. Também deve ficar claro que não estou oferecendo estes exemplos como modelos para que nenhum dos meus leitores tente seguir. Como escrevi anteriormente, eu não esperei dos meus alunos, muito menos exigi, que eles assumissem o tipo de riscos que eu assumi. Vivemos agora em um tempo e uma situação radicalmente diferentes das experiências que eu discuti neste capítulo.

Sobretudo, acredito fortemente que o propósito de vida de cada pessoa é único. Ele pode ser inspirado por outras pessoas “As vidas dos grandes homens ainda nos lembram/ De que podemos tornar as nossas vidas sublimes”, escreveu o poeta norte-americano do século XIX Henry Wadsworth Longfellow. “E partir deixa atrás de

nós/ Pegadas nas areias do tempo”. Mas não podemos simplesmente imitar o propósito de vida de alguém. Uma vez um rabino herdou a congregação de seu pai. Quando alguns dos congregados vieram até ele e reclamaram que, em certos aspectos, ele diferia dos ensinamentos e rituais do pai, ele retrucou: “Eu faço exatamente como meu pai fazia. Ele não imitava ninguém, e eu também não imito!”

CAPÍTULO 7 - A Comunidade de Aprendizado

Educação Real Exige Escuta Real

Para que haja real contato com outra pessoa, precisamos superar nossa “educação”, pois somos programados a “ouvir” de maneira a que raramente escutamos. Muito de nossa educação é um aprendizado dos métodos de abstração. Consequentemente, não ouvimos a pessoa que fala, mas apenas sua “opinião” ou “ponto de vista”. O colocamos nesta ou naquela categoria: um “fenomenólogo”, um “existencialista”, um “pragmático”, um “analista de linguagem”, um “estruturalista” ou “desconstrucionista” - e a este categorizar chamamos de aprendizado. O triste é que grande parte de nossas partilhas são pseudo-partilhas, porque as elevamos ao plano do discurso objetivo.

Achamos que nos comunicamos quando nos colocamos de lado enquanto pessoas, concordamos nas definições e nos encontramos no alto plano das abstrações. Mas esta é apenas uma outra forma de subjetivismo, já que apenas poucas pessoas, se é alguma o fará, concordarão com nossos termos e com os significados que damos a eles. Para as demais, muito do que chamamos de comunicação é simplesmente o desencontro e o mal-entendido causado pelo uso de palavras com sentidos diferentes, sem nos importarmos em perguntar à outra pessoa o que ela quis dizer quando disse o que disse. Ouça o ir e voltar de qualquer discussão sobre política, religião ou outro assunto similar e você verá o que estou querendo dizer.

A Escuta Real é a Exceção, Não a Regra

Um psicólogo social de um departamento de psicologia não consegue conversar com um psicólogo social do departamento de sociologia, não apenas porque eles usam termos diferentes, mas também devido ao contexto diferente. Mas isso também é verdade entre professores do mesmo departamento. O chefe do departamento de filosofia em uma universidade estadual uma vez me disse que, em conferências de filosofia, os filósofos ouvem às palestras dos colegas apenas tempo o suficiente para classificá-lo em uma categoria familiar, o que significa que não escutam de forma alguma.

A Educação Como Diálogo

O aluno cresce através de seu encontro com a pessoa do professor e com a voz do escritor. Isso significa que nenhum aprendizado real acontece, a menos que o estudante participe dele, mas também significa que ele deve encontrar um “outro” real para além dele para que possa aprender. Para a maioria das pessoas, parece evidente que o trabalho acadêmico é uma questão de monólogo ou, no máximo, de dialética - a interação de pontos de vista dentro da mesma mente ou entre mentes, excluindo as pessoas que contêm essas mentes. A educação como diálogo real deve envolver

contato real entre pessoas (aluno e aluno, assim como aluno e professor) e trazer à luz o conhecimento que é, em si, um produto deste contato mútuo.

Segundo o famoso biólogo e filósofo Michael Polanyi, o trabalho acadêmico é um “conhecimento pessoal”. Este conhecimento pessoal é um ato de compromisso, uma parte de nossa vocação, que inclui o contexto histórico e a cultura na qual crescemos como pontos de partida. Mas não devemos nos prender neste contexto, se quisermos realmente incluir outros, cujo contexto e cultura podem ser diferentes dos nossos. Crescemos em conhecimento pessoal quando podemos nos encontrar em uma troca mútua que dá espaço para a singularidade de nossas próprias experiências de vida.

Tal troca na educação, seja entre cientista e filósofo, ou antropólogo e psicólogo, cria um laço de confiança mútua. Isso leva a um modo comprometido de aprender e compartilhar, no qual o diálogo aberto entre o cientista e o filósofo revela a imagem humana que é o que deveríamos querer dizer por “padrões acadêmicos”.

Durante meus mais de cinquenta anos como professor universitário, tentei promover o diálogo através de discussões de classe - dividindo turmas maiores em pequenos grupos que, depois, partilhavam com o grupo maior - seminários e nada de provas. Isto funcionou melhor em uma faculdade como a Sarah Lawrence College, na qual as turmas pequenas e conferências individuais com cada aluno semanal ou quinzenalmente priorizavam o diálogo entre professor e aluno. Mas também havia diálogo entre estudantes.

Uma vez, tive uma aluna que era bela, brilhante e entusiasmada, e que compartilhava de minha preocupação com os quakers e o pacifismo e a quem eu podia chamar de amiga. Mas ela não acreditava em discussões em classe. Ela poderia aprender muito mais, argumentava, se eu desse a aula, ao invés de deixar seus colegas falarem. Em um pequeno seminário, deixei que os alunos se revezassem para mediar, ao invés de somente eu mediar sempre. Quando chegou sua vez, ela começou a interromper os colegas sem piedade. “Você não pode fazer isso”, eu objetei. “Sim, eu posso. Eu sou a mediadora”, ela respondeu. Refleti sobre este incidente mais tarde e percebi que sua falta de fé no que os outros alunos podiam oferecer vinha de seu interesse em si mesma e no que eu tinha a dizer. Ela desprezou os insights únicos e as ricas experiências de aprendizado mútuo que seus colegas produziram. Ainda que ela e eu compartilhássemos de muitos interesses e ideias, nós não partilhávamos da crença que eu tinha no diálogo entre alunos.

Talvez este individualismo, do qual ela era um exemplo extremo, representasse o sentimento que eu sempre tinha no final do ano na Sarah Lawrence (a maioria dos cursos duravam um ano), de que aquele pequeno grupo era único e que nunca existiria novamente. Eu imaginava que poucos dos estudantes compartilhassem desse sentimento, porque eles sempre contavam em rever os colegas no ano seguinte (se não estivesse se formando) e, se quisessem, a mim também. Mas a realidade comunitária daquele grupo em particular - a parceria na existência que partilhamos como membros do grupo - não existiria novamente. O mesmo é verdade para grupos temporários, como em oficinas de finais de semana ou retiros, nos quais há partilhas em nível profundo. O impacto que elas têm sobre os participantes pode mudar vidas.

A Comunidade de Aprendizado é a Verdadeira Comunidade

Se as estruturas educacionais e as pessoas trabalhando nela tornarem possível um clima de confiança e confirmação, a comunidade de aprendizado se torna uma comunidade genuína. A comunidade genuína convoca a singularidade de cada um de seus participantes. Esta é a essência de *toda* comunidade verdadeira e está no coração da comunidade de aprendizado.

Entenderemos melhor o processo de aprendizado se nos reportarmos à raiz etimológica do termo educar - a palavra latina “*educere*”. Educar é extrair significado. O método científico é feito de uma combinação de dedução, na qual se aplica uma tese geral para o particular, e indução, na qual se vai do particular para o geral. Mas Sócrates não usava nem dedução, nem indução: ele usava a extração. Ele extraía, ele trazia para fora. Ele começava pelo centro da situação e, na maioria das vezes, se seguirmos os *Diálogos* de Platão cuidadosamente, era lá também onde ele terminava ou, ao menos, onde seus ouvintes terminavam. Isto tem consequências muito sérias. Se extrair significa trazer para fora, também significa começar pela situação onde se está - não apenas tirando para fora algo que já está lá, mas invocando-o, convocando-o.

O Funil versus a Bomba

Martin Buber caracteriza o “velho” modo de olhar para a educação através da metáfora do funil. A cabeça do aluno está vazia, você faz um buraco nela e a enche com o que quer que você queira. A metáfora para a “nova” educação, ele sugere, é a bomba de sucção. A educação progressiva, que teve seu auge durante a década de 1920 na Alemanha e, alguns anos mais tarde, nos Estados Unidos, era como esta bomba. Tudo já estava na criança. Só era necessário puxar para fora ou, para mudar a metáfora, o professor regava a planta, podava as folhas, mantinha os insetos longe, ou seja, facilitava o desenvolvimento dos potenciais da criança.

A abordagem em funil está na filosofia educacional de Robert Hutchins e os “grandes livros”. Há certos grandes livros que o professor ensina os alunos a analisar e, através disto, eles se tornam pessoas educadas. A abordagem da bomba está na filosofia de John Dewey, que teve uma influência poderosa no pensamento educacional dos EUA. Dewey falava sobre as potencialidades dos estudantes e do que eles deveriam fazer para desenvolvê-las. O novo modelo educacional é o aprendizado colaborativo. O professor facilita a interação entre alunos, conforme eles aprendem a pensar, partilhar e resolver problemas. Os alunos são vistos como tendo algo a contribuir, e os professores são encorajados a ajudá-los a encontrar e oferecer esta contribuição para o grupo.

Lecionei durante quatorze anos no Sarah Lawrence College, que foi criado no final da década de 1920, sob o impacto da abordagem educacional progressista inspirada por Dewey. Nós costumávamos dizer: “Nós não ensinamos conteúdo, nós ensinamos as alunas”. Há algo de importante nisso, claro, mas esta abordagem leva, por vezes, a uma educação que enfatiza apenas um lado do diálogo.

Existe uma suposição errônea de que existe uma harmonia ideal entre professores e alunos. Com frequência, no Sarah Lawrence, havia um desejo mútuo de explorar aprendizados inovadores. Mas as mulheres que estudavam lá e que namoravam homens de Columbia, Yale e Princeton por vezes achavam que os cursos que seus

namorados faziam eram melhores, apesar de serem mais tradicionais. Desde que eu saí do Sarah Lawrence, o sistema tradicional de avaliar as estudantes através de um ensaio curto foi substituído por notas, a pedido delas! A harmonia ideal entre o que o professor queria e o que as estudantes queriam não se sustentou. Isto é parcialmente influenciado pelo fato de que a educação é um meio para um fim, no mundo atual. É vista como a preparação para uma carreira e não como desenvolvimento pessoal. Pouquíssimas pessoas entram na universidade para experimentar este último.

Entre o Funil e a Bomba de Sucção

Uma divisão fatal entre interno e externo, subjetivo e objetivo, acompanha estas abordagens contrastantes sobre a educação. O lado do funil presume que o aluno existe como um mero receptor de conhecimento, enquanto que o lado da bomba afirma que o professor é somente o facilitador que trará para fora o que já está lá e que precisa apenas ser revelado. Ao falar para um grupo internacional de educadores progressistas em Heidelberg, em 1925, Buber sugeriu uma terceira abordagem. Ela se relaciona ao aprendizado como diálogo, e por diálogo Buber não queria dizer o diálogo meramente socrático. Ele falava sobre as pessoas realmente estarem presentes umas para as outras. O verdadeiro oposto de educação compulsória não é liberdade, ele afirmou, mas comunhão.

O significado daquilo que acontece entre você e outra pessoa está no encontro em si. Será, então, o encontro meramente subjetivo? Eu não penso assim. Por anos, pedi a meus alunos que mantivessem um “diário acadêmico pessoal”, ao invés de submetê-los a provas. Fiz isso porque sentia que era um jeito de promover diálogo entre o aluno, o texto e eu. Este diário tinha quatro passos. O primeiro consistia no aluno selecionar, das leituras ou das discussões em aula, algo que o impactasse e registrá-lo por escrito. O passo dois era tentar colocá-lo nas próprias palavras. Isto quer dizer mais do que traduzir o assunto em categorias ou constructos familiares. Significa tentar imaginar quem é a outra pessoa e sentir de que lugar ela está falando, seja um autor, um professor ou um colega. No passo três, o aluno deveria voltar para seu próprio lado e responder - tanto intelectual, quanto emocionalmente - de seu próprio lugar. O passo quatro tratava de relacionar seus comentários com as questões que estavam presentes nas aulas.

O aprendizado genuíno é um evento. Simplesmente sermos bombardeados o tempo todo com informações não quer dizer que estamos aprendendo de verdade. O aprendizado real é deliberado. Principalmente, não é uma questão de absorver mais, mas de absorver menos - trata de foco, de deixar algo vir até nós. O educador, de sua parte, deve selecionar efetivamente algo daquilo de que os alunos precisam. Podemos nos perguntar: “Como ele sabe o que selecionar?”. O professor se educa através da descoberta das necessidades dos alunos. Como, então, ele descobre quais são estas necessidades? Através do diálogo e da “inclusão” - não *perguntando* o que ele ou ela precisam, mas experimentando o outro lado, imaginando o real. O estudante tem algo que ninguém mais no mundo, incluindo o professor, tem - uma experiência única. Para descobrir isso, o educador precisa fazer perguntas *reais*, não apenas perguntas socráticas.

Com a proliferação da Internet como meio de comunicação, os professores têm uma oportunidade poderosa de alimentar o aprendizado genuíno através do diálogo, de uma maneira que não era possível antes. Eles podem entrar no mundo de seus alunos

enquanto mantém seu chão como educadores. Os alunos, por sua vez, têm acesso a academias ao redor do mundo (incluindo interações de grupo), sem terem que sair de suas casas.

O Que Danifica a Comunidade de Aprendizado?

Ouvir e responder uns aos outros é o pré-requisito mais simples na comunidade de aprendizagem. Não há estrutura que possa garantir que este simples pré-requisito será atendido todas as vezes. Há muitas estruturas educacionais que, devido à complexidade e competição que criam, tendem a bloqueá-lo. Atender a este pré-requisito requer que as pessoas estejam presentes umas para as outras - não fazendo necessariamente a mesma coisa, mas também não simplesmente cada uma delas fazendo suas próprias coisas. Isto significa desejar suficientemente as trocas, verbais ou não verbais, desejar a partilha. Nossa sociedade é tão competitiva e polarizada que as pessoas não conseguem se escutar. Um encontro não é considerado produtivo a menos que possamos encaixar o que a outra pessoa diz em nossas próprias categorias e então, classificá-la tendo estas bases como referência.

Escolhemos não ouvir as outras pessoas porque vemos sua alteridade com ameaçadora ao nosso status, classe social, potencial futuro ou carreira. O profeta Amos disse: “Haverá fome, não de pão ou água, mas das palavras do Deus vivo”. Passamos de não ouvir a não sermos mais capazes de realmente escutar o que a outra pessoa está dizendo, mesmo quando estamos famintos por conexão.

O “Clima de Confiança”

Um dos problemas estruturais óbvios é a dimensão - salas com duzentas pessoas, universidades com 30, 40 ou 50 mil alunos. Contudo, apenas o tamanho não impede o aprendizado de acontecer. É possível aprender mesmo na maior universidade, se pudermos criar dentro destas estruturas um “clima de confiança”. Por vezes, isso já acontece. Há, claramente, limites para a criação de climas de confiança em situações nas quais o clima prevalecente é de desconfiança.

Todas as faculdades com as quais estive associado me pareceram produzir uma quantidade desnecessária de ansiedade nos estudantes, que já estão ansiosos o suficiente, devido às pressões e demandas de sua situação. Esta ansiedade adicional é criada pela burocracia e pelos professores, que estão preocupados com *sua* reputação, com *sua* disciplina, *sua* metodologia.

Mas algumas escolas vão muito além disso, numa desconfiança ativa em relação aos estudantes, de forma que se torna evidente que qualquer docente que se torne um “advogado” dos alunos vira um inimigo da administração. Para mudar uma estrutura é necessário criar uma outra totalmente nova - se pudermos! Vivemos em estruturas e temos que decidir quando podemos lutar para mudá-las, quando abandoná-las e quando devemos tentar criar outras. Neste processo, descobrimos as forças e recursos de que dispomos.

Cuidando de Todos os “Pontos de Vista”

Onde quer que haja mais de uma pessoa, há mais de um ponto de vista. Por “ponto de vista” eu não quero dizer opinião ou ideia, mas que determinada pessoa tem outro tipo de contato com as regiões da existência, outro solo, outra fé. Cada pessoa traz

consigo algo muito concreto e único para uma relação. Quando isso não é reconhecido, geralmente é por uma falha de *todas* as pessoas envolvidas. Existe a tendência de haver um acordo tácito através do qual uma ou mais pessoas se permitem serem dominadas.

Quando eu estava no colégio, frequentemente tínhamos “pesquisa de opinião”. Mas opiniões não são realmente significativas. Elas apenas revelam a superfície da mente de uma pessoa - e, comumente, nem mesmo ela, quando a pessoa quer enganar aos outros ou a si mesma. Um ponto de vista, do modo que defino aqui, é uma atitude profundamente sustentada que vem do fundo de um ser.

O Medo de Que a Diferença Levará ao Conflito

Uma das razões pelas quais nós temos comunidades de afinidade é porque temos tanto medo da diferença, do conflito, da alteridade, que imaginamos que, se os admitirmos, iremos matar uns aos outros, até o último sobrevivente. Algum tempo atrás, o agora extinto jornal *New York Herald Tribune* costumava, todos os anos, levar alunos de ensino médio de vários países para que passassem um ano nos Estados Unidos. Estes estudantes participavam de uma oficina de uma semana no Sarah Lawrence College, antes de se separarem para frequentarem o ensino médio em várias cidades do país. Eu estava lecionando a disciplina de Religião Comparada na época, e fui convidado para conduzir um workshop com eles. Aceitei avidamente, já que eu nunca havia tido contato com tantos estudantes de tantas religiões diferentes no mesmo grupo.

Pedi para cada um deles que escrevesse um parágrafo curto para usarmos como base para a discussão. O aluno católico da África e o aluno católico da América do Sul escreveram o catecismo idêntico mas, quando começamos a conversar, descobrimos que suas religiões não eram nada idênticas. O ateu da Indochina era budista, o ateu de Paris era um existencialista sartreano. Os jovens amaram as interações, e eu também. Ironicamente, a mulher que dirigia o workshop me chamou depois e disse: “Eu vou levar quatro destes estudantes para falarem na televisão e tentar fazer o que vocês fizeram sobre religião. Mas claro que não vou permitir nenhuma questão polêmica!”

A Especialização Como um Obstáculo

O que impede uma comunidade de aprendizado de se tornar uma verdadeira comunidade de cuidado? Tamanho, estrutura, programas rígidos, desconfiança, falta de comunicação real, preocupação com as relações públicas e a especialização, através da qual os professores sabem mais e mais sobre menos e menos. Não há comunidade de aprendizado, nem comunidade de cuidado, se usarmos nossos jogos de linguagem de forma a silenciarmos as pessoas que não usam nossa linguagem. Isso é extremamente insidioso. Disciplinas e departamentos são bons, mas não são fins em si mesmos. O problema com a especialização surge quando ela não se contenta em ser uma ferramenta útil e exige, ao invés disso, ser o único domínio real do conhecimento. No momento em que alguém diz que há apenas uma linguagem correta, a comunidade de aprendizado corre perigo - não pela especialização em si, mas por permitir que ele se torne um dogma.

David Hume disse que se um livro não tiver nada nele além de argumentação e números, ele deve ser jogado no fogo. Vemos a mesma atitude no moderno

positivismo lógico, que diz que a literatura, a religião e, principalmente, a filosofia, não significam nada. Ou o analista de linguagem que reduz todas as declarações de valores a preferências pessoais: “É disso que eu gosto. Queria que você gostasse também”, de forma que não há referencial para além de dele mesmo. Isso se adiciona à desconfiança mútua. Ao invés de tentar entender porque uma pessoa diz o que diz, já olha através dela e a desmascara logo a princípio. O desconstrucionismo pós-moderno com frequência parece tentar carregar este desmascaramento ao limite.

A comunidade genuína não é um ideal que qualquer outra comunidade de especialistas possa reivindicar. É uma direção na qual estamos tentando nos mover, uma realidade que estamos tentando construir em cada situação na qual nos encontramos. Eu questiono de forma muito séria se qualquer coisa digna do nome de aprendizado acontece quando não existe este diálogo aberto à alteridade - não apenas no sentido de que você pode dizer sua parte e eu posso dizer a minha, ou que nossas presenças concorrentes nos mantêm motivados para que possamos obter maiores conquistas, mas no sentido de que crescemos juntos, mesmo quando nos opomos um ao outro, mesmo no conflito.

O Significado da Presença na Comunidade de Aprendizado

Heráclito de Efeso falou a seus compatriotas sobre estar “presente, mas ausente”. Que professor nunca teve esta experiência com seus alunos? Presença não é uma coisa. É o ato de se estar com e em direção ao outro. O filósofo existencialista católico francês Gabriel Marcel fala sobre estar com alguém que rouba o seu senso de presença ao permanecer distante e desconectado.

A presença é uma realidade que acontece entre pessoas. No processo de aprendizado, o que a ameaça é a tendência a separarmos o pensamento do sentimento, de forma que podemos imaginar estarmos presentes em pensamento, mesmo que os nossos sentimentos se encontrem fortemente reprimidos. Não faz muito tempo que algumas pessoas propuseram inverter essa lógica e disseram que a única coisa importante é ter sentimentos - “hostilidade visceral” - e que o resto é irrelevante. Presença significa estar como estamos em determinado momento, com nosso ser integral. Significa não nos contermos, mas não quer dizer falarmos qualquer coisa que vier à mente. Uma das maneiras de não nos contermos é termos a coragem de responder.

Uma forma curiosa de ausência que eu tenho visto com frequência acontece quando as pessoas fazem perguntas, colocando-as à frente e se escondendo por trás delas. Uma vez, em uma palestra, um homem, cuja face era profundamente marcada pelos encontros com a vida, fez uma pergunta sobre o mal. Depois de respondê-la, eu disse a ele: “Talvez você queira dizer algo sobre sua experiência”. “Ah, eu nunca tive nenhuma experiência com o mal”, ele respondeu. Ele estava se contendo neste momento, provavelmente sem ter consciência de que o estava fazendo.

Os Limites da Comunidade de Aprendizado

Descobrimos os limites da comunidade de aprendizado em situações concretas. Em aulas das quais os alunos participam apenas para cumprirem um requisito, é difícil que ocorra aprendizado real, não importa quão bom o professor seja. Mas mesmo quando os estudantes estão genuinamente interessados, eles podem se sentir inibidos de participar de discussões em classe pelo fato de que os alunos mais articulados são

recompensados. Os estudantes que têm mais habilidade com as palavras recebem as melhores notas.

As escolas deveriam ser lugares onde os alunos podem experimentar e cometer erros. Ao invés disso, elas são, com muita frequência, lugares onde os estudantes têm medo de falar, temendo que o que eles têm a dizer não soe adequado e correto para o professor e os colegas. Notei isso particularmente quando uma aluna transferida de outra faculdade se juntou a uma turma para a qual eu lecionava no Sarah Lawrence College. Ela era inteligente, mas nunca teve a facilidade verbal de algumas colegas e era desprezada por isso.

Durante anos eu tentei descobrir porque as alunos levantavam suas mãos e começavam, invariavelmente, seus comentários ou respostas dizendo “Não”. Finalmente, conclui que este “Não” era uma retratação, uma negação, algo que tornava seguro seguir em frente.

CAPÍTULO 8 - A Comunidade de Cura

“A verdadeira garantia da continuidade consiste no crescimento e na elevação dos seres em Tu, de modo que neles ressoe a palavra-princípio sagrada. Assim, o tempo da vida floresce em uma plenitude de atualidade, e a vida humana, embora não deva nem possa libertar-se do contato com o Isso, é de tal modo impregnada de relação que adquire nela uma constância radiante, fluente. Os momentos de encontro não são como relâmpagos nas trevas, mas como a lua que se levanta em uma clara noite estrelada... Não é a periferia, isto é, a Comunidade, que surge primeiro, mas sim a sua relação com o centro. Somente isto garante a verdadeira existência da Comunidade”.

“Somente quando duas coisas surgem - o vínculo temporal numa vida relacional [de salvação] e o vínculo espacial na Comunidade unida a seu centro... existirá... um mundo que é lar e casa, um abrigo para o homem no Universo”.

Martin Buber, *Eu e Tu*

“Tenho observado que a comunidade e uma relação íntima com a terra podem enriquecer a vida humana para além de qualquer comparação com a riqueza material e a sofisticação tecnológica”.

Helena Norbert-Hodge, *Ancient Futures*

Durante o ano e meio em que trabalhei no “Instituto para Pessoas de Mente Fraca”, como parte dos três anos e meio de Serviço Civil Público que realizei como objetor consciente durante a Segunda Guerra Mundial, eu me tornei um verdadeiro místico, passando três horas, diariamente, meditando e tentando, durante as horas de trabalho, “reconectar” minha mente repetindo um mantra hindu. Eu não me relacionava com nenhum outro membro de nossa unidade, estabelecendo relações apenas com os outros três membros místicos do nosso pequeno grupo.

Por volta do final deste tempo, contudo, eu li e me encantei com o livro de Martin Buber, *A Lenda do Baal-Shem*. O Baal Shem Tov (Bom Mestre do Nome [de Deus]) Israel ben Eliezer foi o fundador do misticismo judaico comunitário da Europa Oriental conhecido como Hassidismo. Gradualmente, troquei minha imersão no misticismo cristão e budista, assim como meu posterior envolvimento no Vedanta hindu, todos os quais me parecem, em retrospecto, muito isolados em si e do mundo, pelo misticismo comunitário da alegria e da afirmação da vida que encontrei no hassidismo. Eu não fui,

contudo, capaz de me juntar a nenhum grupo hassídico contemporâneo, que é, como vim a descobrir, o que eu chamei anteriormente de “uma comunidade de afinidade”, em contraste com o que eu vejo como a abertura do hassidismo original. Também não fui capaz de me juntar a nenhuma comuna.

Ao invés disso, influenciado pelo poderoso mas, para mim, pessoalmente desastroso, grupo amador de psicodrama do qual fiz parte durante meus últimos meses no Serviço Civil (narro minha experiência integral no Serviço e descrevo minha participação no grupo amador de psicodrama em detalhes na minha autobiografia ainda não publicada, *Down in My Heart Part II: The Group Dance*, em forma de romance), passei quase quarenta anos envolvido com terapias individuais, de grupo e, através de meu falecido amigo Ivan Beszormenyi-Nagy, com a “Terapia [familiar intergeracional] Contextual”. Além de ser o autor de dois livros e muitos artigos sobre psicoterapia, eu a pratiquei por mais de um quarto de século e fui, durante quinze anos, co-diretor do Instituto de Psicoterapia Dialógica e professor em seu programa de formação.

Não obstante, ao comentar o conceito buberiano de “limitação normativa” na psicoterapia, eu aponto, em meu livro *The Healing Dialogue in Psychotherapy*, que, ainda que não possa haver mutualidade na “inclusão ou imaginar o real entre terapeuta e cliente, já que apenas o terapeuta pode experimentar ambos os lados da relação cliente-terapeuta, há mutualidade na confiança e na preocupação entre terapeuta e cliente, já que o terapeuta se preocupa não só com seu “paciente” individual, mas também com a família e a comunidade adoecidas das quais seu cliente vem.

Foi apenas depois de achar que eu tinha terminado este livro sobre os *Fundamentos da Comunidade Verdadeira* que me ocorreu que eu deveria voltar minha atenção para a comunidade adoecida e adicionar um capítulo sobre a “Comunidade de Cura”. Ainda que eu não use esta expressão lá, era algo parecido que eu tinha em mente quando meu livro *The Confirmation of Otherness: In Family, Community, and Society* foi publicado, em 1983.

Por “Comunidade de Cura” eu não me refiro a nenhum tipo de instituição psiquiátrica, mas à comunidade verdadeira em si. Minha esposa Aleene aponta que, na rua sem saída em que moramos, tal comunidade verdadeira existe - não no sentido de fazermos festas coletivas nos feriados ou mesmo por ser uma rua sem saída, mas porque, ao longo dos vinte e sete anos em que vivemos nesta casa, temos testemunhado uma comunidade genuína crescer e se sustentar, conforme as crianças cresceram e foram embora para estudar e trabalhar. Toda comunidade genuína é uma comunidade de cura, pois é, acima de tudo, aquilo de que precisamos para que a cura necessária aconteça, e é essa noção que deve fundamentar a psicoterapia dialógica para a qual venho me dedicando há tantos anos.

Ao igualar a comunidade de cura com a comunidade genuína, eu poderia citar vários exemplos, se eu conhecesse todas as comunidades genuínas que existem nos EUA, em Israel e em muitos outros países. Gostaria, contudo, de dar um exemplo de apenas uma destas comunidades que eu conheço pessoalmente. É a comunidade que o reverendo Dr. Willy Crespo formou na cadeia federal de San Diego nos últimos trinta anos. Conheci o reverendo como um dos professores de nosso Instituto de Psicoterapia Dialógica.

Construindo Comunidade na Prisão

Através do programa de dois anos de treinamento no nosso Instituto de Psicoterapia Dialógica, do qual fui co-diretor durante quinze dos seus vinte anos de existência, eu conheci Wilfredo Crespo. Isso envolveu várias visitas à prisão na qual ele trabalhou durante mais de um quarto de século, tanto como capelão, quanto terapeuta. Durante nossa última visita, Aleene e eu nos encontramos com um grupo selecionado de presos, que se voluntariaram para participar de um programa de aprendizado com o reverendo Crespo. Ficamos profundamente impressionados pela presença e pela participação dos presos que encontramos, e com a liderança totalmente não autoritária que Wilfredo Crespo oferecia. Lá, numa prisão federal - o lugar mais improvável - encontramos comunidade real e cuidado genuíno.

Para apreciar adequadamente a façanha notável e, no meu conhecimento, única, do reverendo em seu trabalho na prisão, é útil conhecermos antes sua descrição das dificuldades que enfrentou ao tentar construir comunidade. Nada melhor do que o próprio levantamento feito pelo reverendo Crespo dos problemas que ele enfrentou ao tentar construir comunidade durante um quarto de século de trabalho com os presos no Centro Correccional Metropolitano:

“Temos por volta de 20.000 presos entrando e saindo da instituição a cada ano, criando uma quantidade enorme de movimento e desgaste do prédio e acrescentando demandas extras ao trabalho da equipe. Nesta atmosfera caótica, os presos se deparam com a perda, o medo, a tensão e com um futuro incerto.

Os programas oferecidos à população carcerária costumam parecer melhor no papel do que são em realidade. Algumas razões para isso incluem a alta rotatividade dos presos - que podem começar um programa, mas não terminá-lo; muitos materiais não são traduzidos para o espanhol para facilitar o acesso da população falante deste idioma; a equipe fica sobrecarregada e, por ser chamada para fazer outras coisas, acaba simplesmente passando um vídeo ou oferecendo textos para os presos. Os programas carecem de continuidade, consistência e integridade.

Basicamente, eles são limitados a serviços religiosos e cursos supletivos para os presos que querem completar o ensino médio. Oferecemos programas para todas as religiões presentes na instituição, ao longo da semana e das noites. Enquanto estive no Centro Correccional, desenvolvi um programa sobre drogas de 40 horas de duração, focado na natureza e nos efeitos de vários tipos de drogas e seus impactos sobre a saúde, a família e a sociedade. Comecei programas dos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos, grupos sobre controle de raiva, abuso, meditação, poesia; grupos de mulheres, grupos bíblicos para homens e grupos bíblicos críticos, grupos de cultura hispânica para homens e, por volta de 2002, [minha esposa] Maria e eu começamos um grupo socrático [de diálogo].

A atmosfera intelectual no Centro e, eu suspeito, em outras prisões é, geralmente, bastante limitada. A qualidade dos livros disponíveis em nossas bibliotecas deixam a desejar, em termos de estimulação intelectual. Há um clima autoritário que corrói, mata e destrói a habilidade dos presos de pensarem clara, crítica e responsabilmente. Nos presídios e cadeias, os instintos básicos emergem e reinam através do sexo, cor, raça e poder. A prisão não é um lugar onde a confiança se desenvolva facilmente, nem onde trocas de ideias sejam possíveis sem medo ou ameaças. De fato, a prisão é um

lugar onde se aprende um comportamento que esteja de acordo com o que quer que seja que os guardas esperam, e a guardar os sentimentos e pensamentos para si mesmo. Nunca foi um local no qual os presos exerçam responsabilidade. De fato, é um terreno fértil para o treinamento para se tornar uma vítima do sistema e para se desengajar da responsabilidade por sua própria vida. Num tempo relativamente curto, eles aprendem a linguagem psicológica que possibilitará que eles obtenham medicamentos para depressão e/ou ansiedade, enquanto ganham um diagnóstico que os seguirá para o resto de suas vidas”.

Um dos objetivos declarados do reverendo Crespo é oferecer um contexto para o desenvolvimento de uma comunidade na qual os presos possam fazer perguntas relevantes uns aos outros e questionar a realidade juntos. Ele vê seu trabalho no Centro Correccional Metropolitano como sendo *“atuar no ponto zero, em solo sagrado”*. Ao reconhecer que a prisão é o lugar onde vidas são esmagadas e ter esperança de que elas também possam ser renovadas, ele deseja promover um contexto que embase a experiência da comunidade real. Através dos grupos de homens e dos diálogos socráticos que conduz, ele promove o crescimento da confiança e da comunalidade entre os presos. Ao fazer isso, ele reconhece sua própria importância como agente de transformação, como líder e modelo para uma comunidade criativa e florescente dentro da cadeia e como um exemplo para aqueles que quiserem espelhar estas qualidades após cumprirem suas penas.

Desde que a maioria dos internos têm baixa escolaridade e alguns deles apresentam ainda dificuldades cognitivas, o estudo da Bíblia e os encontros de grupo se tornaram vias importantes para que eles possam experimentar a cura e a liberação de emoções reprimidas. Outra via importante são os grupos de canto, nos quais os presos e o reverendo cantam músicas de lembrança, amor e perda que derretem as paredes entre eles.

Com a finalidade de criar um ministério específico para o trabalho em cadeias, reverendo Crespo treina voluntários para entender como usar a linguagem corporal, o espaço pessoal e o contato visual intermitente como habilidades vitais. “Durante os processos em pequenos grupos, os presos aprendem e praticam ‘funções de fronteira’, experimentam discussões inter e intra grupais sobre questões delicadas sobre a fé e a vida”. Crespo diz, sobre o trabalho que tem feito em prisões durante 32 anos: “Eu realmente me ponho a serviço e faço tudo o que posso para tocar com humanidade o que eu considero ser uma das populações mais desafiadoras”. Arrisco dizer que o que ele faz é único. Certamente não é uma técnica que pode ser objetivamente aplicada em outras situações. Ao descrever seus objetivos, ele diz que ele realmente gostaria de saber se os presos com os quais ele trabalha experimentam comunidade e se são tocados pela humanidade uns dos outros.

“O capelão”, escreve Wilfredo Crespo em sua dissertação de doutorado pelo Seminário Teológico Seabury-Western, “ao engajar os presos um a um, se torna central na criação de uma ‘comunidade religiosa real’. Dr. Crespo indica as portas que somente os presos, eles mesmos, podem abrir, através da descoberta de como interpretam a dor, a vergonha e a culpa e enfrentam a vida em busca de uma direção pessoal. O capelão também cria um contexto de confiança na prisão e oferece aos internos sua primeira relação na qual a confiança e o perdão se combinam. “A relação entre o capelão e o preso é uma porta através da qual este redescobre a si mesmo e recebe, como por graça, cura, redirecionamento, fé e esperança renovadas”. Além

disso, cantar juntos cria um contexto no qual é seguro aos presos conectarem-se uns aos outros.

O Grupo de Homens, que se encontra em semanas alternadas com o grupo de diálogo socrático, reúne os presos na capela para discutir livros e artigos que possam estimulá-los a experimentar comunidade. Ao criar consciência sobre si mesmo em relação aos outros, o Grupo de Homens oferece aos presos o senso de uma realidade mais ampla. Juntamente com o grupo socrático, ele os engaja em um diálogo no qual podem começar a experimentar confiança, verdade e aprendizado para a abertura. Ao se mostrar aberto e honesto sobre as ambiguidades da vida e da fé, o capelão pode se afastar daquela atitude de certeza que se torna um convite aos presos para jogarem o jogo da religião e viverem superficialmente na prisão.

Na conclusão de sua dissertação, o reverendo Crespo faz uma bela afirmação sobre o objetivo dos métodos que usa.

“Cada interação com os presos, cada crise e mesmo os menores detalhes da vida cotidiana na prisão podem ser usados como oportunidades através das quais eu tento me engajar e me defrontar com o interno em direção a um encontro autêntico. Acredito que, através deste encontro autêntico, uma porta se abre em nós e nos ajuda a nos vermos em mutualidade, [uma porta] através da qual uma discussão honesta sobre questões profundas, sobre a dor e a incerteza sobre como responder a ela pode começar”.

CAPÍTULO 9 - Superando os Preconceitos

Uma Direção de Movimento

Assim como qualquer outra coisa que temos discutido neste livro, a “comunidade sem preconceitos” é uma direção de movimento, e não um ideal ou mesmo um plano de ação. Esta clareza é importante, em uma época em que mais e mais pessoas no serviço público, na educação, no sistema de saúde e na imprensa popular estão falando sobre construção de comunidade. Em muitos círculos, o preconceito é considerado um bloqueio para a comunidade verdadeira. Por exemplo, a educação treina os professores a serem sensíveis a vieses culturais, com a esperança de aumentarem sua consciência sobre como eles podem, numa sala de aula, minar os esforços de uma criança para aprender. Da mesma forma, o sistema de saúde luta para reeducar seus profissionais para serem mais cuidadosos em relação a ideias preconcebidas que podem interferir com certas habilidades individuais para obter um diagnóstico, um tratamento ou uma intervenção adequados. É justo dizer que, desde o final da década de 1960, os EUA têm se movido na direção de eliminar preconceitos que podem causar discriminação a pessoas por serem negras, mulheres, gays, deficientes e, em consequência, que elas sejam sujeitas a tratamentos injustos. O Movimento por Direitos Civis, o Movimento Feminista, o Movimento dos Direitos das Pessoas Gays, para nomear alguns deles, têm ajudado a conscientizar a sociedade sobre os males causados pelos preconceitos nas comunidades, sejam elas grandes ou pequenas.

Com todas as lutas em direção a nos tornarmos uma nação que apoia a igualdade, a justiça e os direitos civis, devemos nos perguntar porque ainda nos defrontamos com questões que nos fazem ver quão longe ainda precisamos ir. Por que as mulheres ainda ganham menos do que os homens nos mesmos empregos, ainda que tenham o mesmo nível de habilidade, experiência e educação? Por que as pessoas negras, hispânicas, asiáticas e de outros grupos étnicos ainda são alvo de ódio, discriminação e estereótipos raciais? Por que as pessoas ignoram o assédio a pessoas gays, até que algo tão odioso aconteça que não podemos mais fazer de conta que não vimos? Por que grupos neonazistas ainda têm forte apoio em comunidades que alegam amar a Deus e seus vizinhos?

Podemos concluir que há uma ruptura severa entre os ideais que esposamos e a maneira pela qual nós racionalizamos nossas obrigações sociais em relação a nossos vizinhos e aos desconhecidos. Isso não é novidade. A linha da história está lotada dos corpos daqueles que morreram pelas mãos da crueldade, da apatia ou da indiferença. O preconceito, em sua forma mais benigna, reduz alguém de um Tu para um Isso, o que abre o caminho para o desencontro, a desconfirmação e a antipatia. Como, podemos nos perguntar, resistir a ideias preconcebidas que afetam e prejudicam a parceria na existência?

Temos visto que as comunidades de afinidade acreditam que tolerar diferenças as enfraquece ou mina suas bases, enquanto que as comunidades que confirmam a alteridade enxergam as diferenças entre seus membros como essenciais para sua vitalidade. A distinção básica que fazemos entre estes dois tipos de comunidade - a de afinidade e a que confirma a alteridade de seus participantes e dos de outras comunidades - já é, implicitamente, uma distinção entre uma comunidade preconceituosa e outra que não o é.

É a comunidade de afinidade que dá origem à mentalidade “nós - eles” que transforma quem está fora dela em estranho ou, com muita frequência, em inimigo. É esta mentalidade que, há muito tempo, tem polarizado comunidades umas contra as outras e contra as minorias cuja visão de mundo é diferente das delas.

Ao distinguirmos entre “comunidades de afinidade” e “comunidades genuínas” que confirmam a alteridade, colocamos luz sobre a principal fonte de preconceito nas comunidades: sua tendência a marginalizar aqueles que são percebidos como ameaças, devido a suas diferenças. Esta tendência é tão forte que podemos nos perguntar se a mera existência da comunidade e da segurança que ela oferece a seus participantes não torna o movimento em direção a uma comunidade inclusiva algo impossível.

O argumento deste livro é que não é impossível, se olharmos para ela a partir de sua existência concreta. Muito da marginalização que ocorre é baseada em medo e histeria irreal - medo de que abrir-se para as diferenças irá enfraquecer a comunidade ou minar suas bases; histeria que surge quando os membros de uma comunidade atacam os “outros”, ao invés de fortalecerem seu próprio terreno. A isso também se opõe o conceito de Buber sobre “encontrar o outro e manter-se em seu próprio chão ao encontrá-lo”.

Já que a tendência para o preconceito é tão antiga quanto a própria humanidade, temos que nos perguntar por que, na nossa atual situação, é necessário que a

enfaticamente. Hoje, como nunca antes, há um movimento político nos EUA que visa negar benefícios e assistência aos indigentes e aos estrangeiros. Para dar apenas um exemplo, o antigo governador da Califórnia, Peter Wilson, empenhou todos os seus esforços para que seu governo negasse assistência a quaisquer imigrantes ilegais oriundos da América Latina. O número crescente de moradores de rua e indigentes nas grandes cidades sugere que não estamos muito longe do desastre que ocorre em locais como Cidade do México, Cairo e Calcutá.

Uma segunda forma de marginalização que vemos hoje em dia é a recusa contínua da Igreja Católica em ordenar mulheres como sacerdotes. Ainda que, a primeira vista, isso pareça ser um problema apenas da própria Igreja, não podemos deixar de enxergar como um exemplo claro de como as mulheres ainda são vistas como cidadãs de segunda classe em várias áreas do planeta. Quando eu fui professor-visitante no Instituto Hebraico de Religião de Cincinnati, em 1956, me lembro de um almoço do corpo docente no qual um dos professores mais antigos disse que não havia, de fato, nada na lei judaica que impedisse as mulheres de serem rabinas. Ainda assim, ele achava essa ideia completamente absurda. Desde aquela época, mulheres se tornaram rabinas não só no âmbito da reforma do Judaísmo, mas também entre as congregações reconstrucionistas e conservadoras. Muitas igrejas Episcopais literalmente romperam a partir da discussão sobre se mulheres podem ser sacerdotes. A atitude irredutível do último papa sobre se isso pode acontecer na Igreja Católica não se sustentará para sempre, contra os desejos das mulheres de participarem integralmente das igrejas às quais pertencem. Em conexão, podemos citar também a relutância das corporações em promover mulheres a cargos com status e remuneração iguais aos dos homens. O argumento contrário é de que as mulheres, na realidade, não trabalham tanto quanto os homens e que, por isso, devem ganhar menos. Mas esse é um argumento circular, já que as mulheres têm comprovado há muito tempo serem capazes de fazer o mesmo trabalho que os homens fazem.

A Comunidade de Resistência e Esperança

A comunidade de resistência e esperança é, nas palavras de Gustav Landauer, o grande socialista alemão, amigo próximo de Buber, aquela que “se esforça, com o auxílio de um ideal, para criar uma nova realidade” (Gustav Landauer, *For Socialism*). Nestes tempos de ameaças monumentais à comunidade humana e global, aqueles que defendem a formação de uma nova comunidade de diversidade humana e tolerância devem, nas palavras de meu amigo Toshio Whelchel, “ter um ideal, uma visão, um desejo que os mova em uma direção, e um caminho de esperança e compromisso sérios”. Este caminho de esperança, contudo, não deve ser um entrave à possibilidade humana da comunidade, ao propor um projeto rígido e conformista.

Um marco na direção a uma nova e verdadeira comunidade é o fato de que mais e mais jovens, nos EUA, na Europa e na Ásia, estão falando e agindo fora das tradicionais estruturas do capitalismo ocidental. Recentemente, em Seattle, Washington, uma ampla coalizão de ativistas ambientais se reuniu a organizações trabalhistas e anarquistas internacionais para protestar contra a dominação corporativa global sobre o trabalho, a terra e o capital, na forma da Organização Mundial do Trabalho. Este protesto veio num momento no qual se imaginava que tal resistência à dominação global havia acabado há décadas. Como resultado, veio à tona uma ampla

coalizão de organizações ativistas contra o capitalismo global, a partir da resistência comunitária regional e local.

A Revolução Social Entre 1955 e 1965

Um dos principais bloqueios à verdadeira comunidade foi a recusa da moderna sociedade industrial a permitir a expressão plena dos direitos civis e humanos básicos por parte daqueles que não se incluem no domínio cultural de origem anglo-européia. As lutas por direitos civis e humanos iniciadas por negros do sul dos Estados Unidos durante a década de 1950 representam uma culminação dos esforços políticos e sociais para acabar com o *apartheid* legal: a segregação, praticada e sancionada por lei e o modo de vida apropriado nos EUA desde os anos de 1860. A luta pela liberação da população negra representou um movimento de resistência motivado pelo desejo de formar uma nova comunidade, uma “nova realidade” no seio da opressão e depreciação das comunidades negras.

Durante este período de revolução social, entre 1955 e 1965, muitos membros da sociedade dominante nos EUA consideravam a comunidade de resistência como uma tentativa de debilitar o próprio tecido da sociedade e da cultura norte-americanas - a cultura do *apartheid* e da subordinação racial - e, portanto, de subverter o modo de vida vigente. Como resultado, muitas instituições políticas e corporativas fizeram esforços concentrados para conter o perigoso potencial para a mudança social libertado pelo movimento de resistência negro.

Similarmente, a luta pelos direitos de gays e lésbicas permanece sendo uma batalha trabalhosa contra as forças do conformismo e da pureza heterossexual sancionada e ditada pela maioria das instituições ortodoxas cristãs, judaicas e muçulmanas. Um exemplo atual é a Proposta 22 na Califórnia: uma medida anti-gay tornando ilegal o casamento entre homossexuais (já ilegal sob a lei da Califórnia), cujos apoiadores pedem que seja aprovada para “proteger o casamento”. A partir desta proposta, o presidente Bush propôs uma emenda à Constituição dos Estados Unidos tornando o casamento gay ilegal através de lei federal.

O Crescimento de Grupos Extremistas

Não poderemos contemplar a possibilidade de comunidades sem ideias pré-concebidas se não começarmos por reconhecer que, nos últimos anos, houve um crescimento alarmante de grupos extremistas, que florescem exatamente na negação da validade de quem não faz parte deles.

Em seu livro mais recente, *Millenium Rage: Survivalists, White Supremacists, and the Doomsday Prophecy*, Philip Lamy nos deu um panorama em profundidade destes grupos. Depois de descrever o assassinato do radialista judeu de Denver Alan Berg por um grupo racista chamado “A Irmandade Silenciosa”, Lamy comenta:

“A Irmandade Silenciosa planejou o assassinato de Berg por ódio aos judeus e por uma paranóia, inspirada pelo pensamento de direita, de dominação do mundo pelos judeus e pelas minorias - negros, hispânicos, asiáticos e todo o caldeirão poliglota que sufoca a cultura americana. Estas crenças existem em nossa cultura e formam o núcleo do sobrevivencialismo supremacista branco cristão - a ala mais fanática e violenta do pensamento de direita. Aqueles que fazem uso da retórica do milênio para

obter ganhos pessoais ou políticos tendem a demonizar as outras pessoas, até mesmo cometendo genocídio em nome da religião e da ideologia”.

Lamy traça esta tendência a partir do Ku Klux Klan e do fascismo dos nazistas norte-americanos na década de 1930, passando pela infame falsificação feita no século XIX pela polícia do Czar dos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Mas é largamente sabido desde o Holocausto (a *Shoah*) [que os grupos supremacistas brancos negam que sequer tenha acontecido] que o ódio aos judeus é profundamente enraizado no cristianismo. Como Lamy mesmo aponta, “A ideia de que o Anticristo será um judeu e que judeus ‘misteriosos’ são seus seguidores tem sido uma crença consistente da cristandade por séculos”.

A crise da agricultura, o desemprego e os padrões de vida em declínio providenciaram um solo fértil nas décadas de 1970 e 1980 para que os grupos supremacistas brancos espalhassem o mito da conspiração judaica, assim como cópias dos *Protocolos*, pelas áreas rurais dos EUA. “Vomitando a retórica da conspiração mundial judaica como a raiz dos problemas dos fazendeiros e dos EUA”, alguns destes grupos “se ligaram a centros de treinamento paramilitar e de sobrevivência e a milicianos, mercenários e o Ku Klux Klan”.

O advento dos computadores, da internet, das máquinas de fax e dos e-mails resultou na criação de “comunidades virtuais” de sobrevivencialistas cristãos. A teologia que unifica estes grupos diversos é a Identidade Cristã, “oferecendo uma religião comum a sobrevivencialistas, neo-nazistas e fanáticos anti-governistas, fundindo, assim, a religião com o ódio, armamentos e um medo apocalíptico do futuro”. Mais recentemente, skinheads foram adicionados à mistura. Após os escândalos da década de 1980, o mundo dos “tele-evangelistas” e das profecias da mídia de massa está de volta, forte como nunca. Existe uma séria possibilidade de que estes grupos cresçam até se tornarem “o fascismo norte-americano do novo milênio”, alerta Lamy.

De muitas maneiras, os revolucionários direitistas de hoje em dia buscam reverter os ganhos conquistados pelos movimentos por direitos civis, direitos das mulheres e das pessoas gays e lésbicas e pelos movimentos ecológicos durante os anos de 1960 e 1970. Se os valores e crenças anti-governistas, xenofóbicos, anti-semitas e supremacistas cristãos do sobrevivencialismo de direita continuarem a se desenvolver na sociedade norte-americana, o potencial para futuros acontecimentos como o de Oklahoma City, ou pior, está quase garantido.

Frente a tudo isso, que esperança temos em uma “comunidade sem preconceitos”? Será que elas têm um segredo que permite que os indivíduos que fazem parte delas a serem quem são? Existe uma filosofia de tolerância que governa este tipo de comunidade ou ela é guiada por um tipo de ideologia diluída que se afasta de quaisquer padrões?

Há elementos em todos movimentos, grupos, organizações e instituições que promovem sua ideologia sobre todas as outras. Na medida em que observamos como uma organização racionaliza ou justifica seus vieses com base em sua ideologia, podemos dizer que nenhuma organização é livre deles. O mesmo é verdadeiro para as comunidades. Não há algo como uma comunidade que não seja tendenciosa porque uma comunidade sem vieses ideológicos não é uma entidade com proporções fixas e confiáveis, mas uma direção de movimento que está se ajustando e reajustando a

cada momento vivido. A comunidade sem preconceitos é a comunidade que caminha na senda estreita entre dois abismos: a perda de fronteiras e o egocentrismo grupal; e é vulnerável repetidas vezes a se afastar da parceria na existência.

Comunidades sem preconceitos não podem ser identificadas em termos de valores universais. As tendências de pensamento em Tulsa, onde cresci, não são comparáveis às de Harvard, onde estudei. Não posso julgar que a tolerância presente em Harvard é mais evoluída do que o pensamento da minha cidade natal simplesmente porque eu gosto mais dela. Cada comunidade tem sua própria expressão de inclusão e confirmação que pode não atender a todas as pessoas todo o tempo. A tolerância ou a intolerância não podem ser medidas em termos meramente objetivos. Isto introduz um paradoxo interessante. Comunidades não-tendenciosas, ainda que estejam lutando para se tornarem inclusivas e dialógicas, podem parecer, de fato, fechadas e hostis para um observador objetivo.

Esperar que uma comunidade sem preconceitos pareça completamente aberta para todos e qualquer um que possa escolher cruzar seu portal é interpretar mal o termo “imparcial”. Ele não é sinônimo de “indiscriminado”. As comunidades genuínas que confirmam a alteridade devem ter um centro, se quiserem ser realmente confirmadoras. Como posso confirmar você se eu não partir do meu próprio terreno, de onde posso me opor a você? É apenas quando uma comunidade se nega categórica e sistematicamente a tolerar ou confirmar alguém com base somente em seu gênero ou raça que a discriminação se torna perigosa.

Em nossa cultura recente, não fazemos distinção entre discriminação saudável e discriminação prejudicial. Intuitivamente entendemos que devemos discriminar entre o que é e o que não é aceitável em termos de relacionamentos, todas as vezes em que consideramos fazer uma nova amizade ou redefinir as fronteiras de uma relação que já temos. Mas como isso se transfere para contextos institucionais, nos quais a discriminação em qualquer forma é considerada ruim? Ao observar um processo de seleção profissional recentemente, David Damico ficou surpreso ao vê-lo desenvolver-se, conforme os candidatos a uma vaga em trabalho social igualmente qualificados eram eliminados, com base em atitudes subjetivas e pessoais em relação aos entrevistadores. David estava observando algo sinistro e discriminatório, ou estava testemunhando o processo através do qual os seres humanos fazem escolhas sobre relações no local de trabalho? Ninguém da equipe de entrevistadores disse: “Eu não gostei dessa última pessoa que entrevistamos, ele é muito afeminado”. Mas os participantes da equipe brincaram e riram das personalidade que encontraram durante a manhã.

Comunidades são uma trama complexa de relações e atividades que requerem que seus membros interajam a nível pessoal, enquanto desempenham tarefas especializadas que podem requerer certo treino, educação ou experiência de vida. A comunidade sem preconceitos deve sustentar a tensão entre as qualificações de alguém necessário para fazer algo específico que precisa ser feito e a elegibilidade desta pessoa para ser incluída como um membro integral da raça humana, desconsiderando religião, cor da pele, sexo e estilo de vida.

Preconceitos e a Luta por Igualdade

Igualdade e dignidade não podem ser obtidas fora de uma comunidade que confirme a alteridade. Uma mulher não pode clamar por igualdade e esperar que sua reivindicação seja validada somente porque ela tem bons argumentos para isso. Mesmo que ela seja bem sucedida em mudar as atitudes de todos os homens que a conhecem, ela não irá tornar a igualdade para todas as mulheres em outros locais uma realidade. O sucesso de uma comunidade em sustentar a tensão entre tendenciosidade e inclusão não garante o sucesso de outras comunidades que possam tentar imitar ou adotar seu modelo. Temos visto que os avanços das últimas décadas ainda não abarcam a completa manifestação dos direitos humanos e da dignidade social e cívica. Na parceria da existência, as pessoas se encontram e confirmam umas às outras como pessoas, ao mesmo tempo em que sustentam a tensão proveniente daquelas coisas que as tornam diferentes.

Uma mulher que trabalhava como assistente social para pessoas moradoras de rua explicou a dificuldade que teve, inicialmente: "Para mim, da maneira que fui criada, as pessoas moravam na rua porque eram preguiçosas ou não tinham educação. Não ter um teto era uma falha. Depois de trabalhar com estas pessoas, não posso nem imaginar como eu pensava isso. Certamente que há pessoas morando nas ruas porque têm hábitos de trabalho ou educação inadequados, mas isso não é algo de que elas se orgulhem. Percebi que são pessoas como eu. Rimos das mesmas piadas, nos preocupamos com nossos filhos da mesma forma e queremos o mesmo tipo de coisas da vida. Agora, quando ouço alguém falar sobre moradores de rua em termos categóricos, fico com vontade de perguntar: 'Quem você conhece que mora na rua? Quanto tempo você passou com esta pessoa para conhecê-la?'. Como alguém pode saber do que elas realmente precisam ou querem, sem perguntar a elas?"

Igualdade não acontece quando uma pessoa ou grupo de pessoas desprivilegiadas lutam para chegar ao topo e superar o status quo. A igualdade acontece quando as pessoas com privilégios descem de suas noções elevadas que fazem com que elas se sintam separadas e mais seguras do que o resto do mundo. Quando a assistente social se propôs a realmente encontrar e não apenas gerenciar as pessoas sem teto que ela acreditou, por muito tempo, serem diferentes e inferiores, ela abriu caminho para a igualdade e a parceria.

O Poder do Papel Social e a Comunidade Moderna

Finalmente, uma comunidade sem preconceitos é aquela que encoraja a parceria entre seus membros com base nos papéis e nas relações. No passado, comunidades se equivocaram ao atribuir a seus membros papéis ou tarefas específicos, baseados mais nas necessidades da própria comunidade do que nos interesses das pessoas que os desempenhavam. Os papéis numa comunidade tendem a se tornar hierárquicos ao longo do tempo e a prejudicar a parceria na existência, ao classificarem os membros de acordo com seus papéis e atribuindo os papéis de mais poder aos membros de nível mais alto.

Um bispo em uma igreja tem mais poder do que uma diácona ou professora. Não importa a influência que seu papel como professora tenha sobre os membros da comunidade impactados por ela, seu poder de influenciar o bispo é reduzido,

simplesmente porque o cargo dele é mais alto do que o dela. Ao definir papéis hierárquicos, as comunidades, sejam elas religiosas ou não, podem controlar o grau segundo o qual elas são afetadas internamente.

Em adição a isso, as comunidades hierárquicas dependem tanto da subordinação quanto da cooperação. Os membros cooperam, em parte, ao aceitarem o sistema de níveis da comunidade como incontestável.

Um problema das comunidades hierárquicas é que as pessoas são dependentes de uma cadeia de comando que se torna crescentemente mais impessoal a cada nível superior de tomada de decisões. A confirmação não acontece mais no diálogo genuíno, mas através de um processo complexo, que pode parecer injusto ou ambíguo ao indivíduo que a busca. Se uma mulher quiser trocar seu cargo de professora pelo de sacerdote, ela depende que aqueles acima dela ouçam sua petição. Mesmo se ela tiver sua petição ouvida, ela pode nunca ter a chance de entrar em diálogo genuíno com o indivíduo que tem o poder de decidir se ela será promovida ou reconhecida. Quando um tomador de decisões distante, num papel de poder, diz que ela não pode ser promovida porque ela é uma mulher e, portanto, sua candidatura à ordenação não é aceitável, ela vai sentir que sua devoção, educação, serviço e senso de direção são insignificantes.

As comunidades hierárquicas não são uma coisa do passado. A diferença entre hoje e uma ou duas gerações atrás é que os indivíduos estão mais aptos para desafiar os sistemas hierárquicos - sejam eles militares, educacionais, religiosos ou a Associação Médica Americana. Isso levou a um cerco mental em relação a muitas comunidades hierárquicas que não estão prontas para se reformarem.

O capitalismo pode ser responsabilizado por ameaçar os modelos hierárquicos de comunidade, pois, a princípio, qualquer pessoa ambiciosa o suficiente pode chegar ao topo e ser rainha ou rei. Enquanto que um bispo ou general sobem de cargo através de processos de seleção longos e orientados por questões de classe, um CEO com frequência chega ao topo após um processo curto, ou mesmo sem passar por ele. Isso é especialmente verdadeiro com a explosão da internet e do mercado virtual.

Contudo, é um erro pensar no capitalismo como sendo menos suscetível a vieses porque alguns de nós são capazes de criar suas próprias regras sociais. O capitalismo, por si só, não oferece meios genuínos de atingir papéis sociais autênticos. De fato, ele frequentemente coloca os membros de uma comunidade uns contra os outros, encorajando a competição, a comparação e a divisão, recompensando a audácia e penalizando a timidez. Ao permitir que indivíduos comprem títulos ou privilégios desvinculados de uma comunidade confirmadora, o capitalismo se torna tão destrutivo para a parceria na existência quanto o autoritarismo hierárquico. Ele criou uma geração de indivíduos cujo senso de auto-estima e autonomia são tão inflados que tornam ausente qualquer concepção sobre a necessidade de confirmação e inclusão em uma comunidade mais ampla.

O capitalismo tem sido grandemente responsável por tornar o diálogo genuíno um absurdo para a mente moderna, a parceria na existência uma relíquia a ser descartada. Tristemente, há indivíduos no mundo moderno que alcançaram sucesso no sentido capitalista, mas cuja existência é desenraizada e carece de diálogo genuíno.

O verdadeiro desafio para a comunidade sem preconceitos é reconstruir uma espiritualidade enraizada e fundamentada no encontro concreto entre pessoas. “Quando duas pessoas realmente tocam uma a outra como pessoas”, escrevi no meu livro *Touchstones of Reality*, “este toque não causa um impacto meramente unilateral: ele é uma revelação mútua das instâncias da vida”.

CAPÍTULO 10 - As Mulheres e a Confirmação da Alteridade

“Emancipar uma mulher é recusar a confiná-la a uma relação estabelecida com um homem... não negar esta relação a ela; mas permitir que tenha uma existência independente, e que, ainda assim, continue a existir para ele também: ao se reconhecerem mutuamente como sujeitos, permanecerão, ao mesmo tempo, um outro para o outro”, escreveu Simone de Beauvoir no final de seu famoso livro *O Segundo Sexo*.

Maria Lugones, em seu ensaio “Doing Theory”, tem uma atitude em relação à alteridade que a coloca muito próxima de Simone de Beauvoir, Martin Buber e mim mesmo.

Viajar ao “mundo” de alguém é um modo de identificar-se com ele, porque, ao visitar seu mundo podemos compreender *como é ser esse alguém e como é sermos nós aos olhos dele*. Apenas quando viajamos para os mundos uns dos outros somos plenamente sujeitos uns para os outros. Sem conhecer o mundo do outro não saberemos nada dele e, sem conhecê-lo, estaremos sozinhos na sua presença, porque o outro será apenas uma presença tênue para nós. Ao viajarmos para os mundos de outras pessoas, descobrimos que há mundos nos quais aquelas que são vítimas de percepções arrogantes são, em realidade, sujeitos, seres vivos, resistentes, construtores de visões, mesmo que, ao olhos do pensamento corrente, sejam animadas apenas pelo perceptor arrogante e vistas como maleáveis, dobráveis, dispensáveis, classificáveis (Anzaldus, 1990, p. 401).

Outra mulher cujas ideias se aproximam muito de meu conceito de confirmação da alteridade é a poeta afro-americana Audre Lorde. Em seu livro *Sister, Outsider*, Lorde caracteriza o racismo, o sexismo, o heterossexismo e a homofobia como formas de cegueira humana que “nascem da mesma raiz: uma inabilidade para reconhecer a noção de diferença como uma força humana dinâmica, que enriquece, ao invés de ameaçar o ser definido, quando há objetivos compartilhados”. “A diferença não deve ser meramente tolerada, mas ser vista como um fundo de polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade faísca como dialética... A diferença é esta conexão crua e poderosa da qual nosso poder pessoal é forjado”.

Lorde chega notavelmente perto da minha própria distinção entre “a comunidade de afinidade” e “a comunidade de alteridade” (a comunidade que confirma a alteridade). “Sem comunidade, não há libertação... Mas comunidade não deve significar um achatamento de nossas diferenças, ou a pretensão patética de que elas não existem”. Ela aplica esta convicção não apenas em relação a negros e brancos e homens e mulheres, mas também dentro da própria comunidade negra: “Uma parte pequena e barulhenta da comunidade negra perdeu a noção do fato de que unidade não significa unanimidade... A unidade implica na união de elementos que são, para começar, variados e diversos em suas naturezas particulares. Nossa persistência em examinar

as tensões presentes na diversidade encoraja o crescimento em direção a nosso objetivo comum” (Lorde, 1984, p.136).

Rosalind Petchesky e, depois dela, Zillah Eisenstein, apontam que confirmar as mulheres em sua alteridade e humanidade (termos meus) significa reconhecer os direitos reprodutivos que as mulheres têm e que os homens não podem ter:

O ataque aos direitos reprodutivos das mulheres demandou que as feministas tanto defendessem quanto ultrapassassem as fronteiras existentes de privacidade das mulheres e seu direito a escolher. Nossa nova concepção engloba uma noção de privacidade pessoal que também está embasada na necessidade coletiva e compartilhada das mulheres pelo controle reprodutivo de seus corpos. Me sinto em débito com Rosalind Petchesky pela formulação desta necessidade. Ela avisa eloquentemente que ‘Devemos eliminar a bagagem pesada da exclusividade liberal com a qual os direitos reprodutivos estão sobrecarregados e nos embasarmos nas lutas políticas reais pelos direitos civis e movimentos feministas. Precisamos desenvolver uma definição de direitos que ‘mantenha a noção de agenciamento moral e político das mulheres, tanto como indivíduos, como enquanto membros de coletivos’ (Petchesky, citada por Eisenstein, 194, p. 197).

Para colocar suas convicções em prática, Rosalind Petchesky fundou e dirigiu por muitos anos a Organização Internacional pelos Direitos Reprodutivos da Mulher, um grupo de pesquisa e ação ativo em onze países ao redor do mundo.

A Tensão Problemática Entre Singularidade Pessoal e Papel Social

O que deveria ser o mais alto florescimento do humano, a alegria e a exploração do que significa ser uma mulher em um relacionamento com um homem ou com outra mulher, ou um homem em relação com uma mulher ou com outro homem, em nossa situação histórica em particular - está submerso na confusão e na distorção dos universalmente opressivos papéis sociais. Através destes papéis impostos, tanto mulheres quanto homens estão sujeitos à tirania das noções do que significa ser “feminina” e ser “masculino”. A batalha pela liberação dos gêneros é uma batalha pela totalidade do ser humano, uma batalha pelo direito das mulheres e dos homens a serem humanos.

O papel sócio-cultural da mulher começa na infância, de acordo com os autores de *Women's Growth in Connection*, e é central ao desenvolvimento do ser da mulher. Enquanto as meninas são encorajadas a desenvolver suas habilidades para sentir como os outros sentem, os meninos são, sistematicamente, desviados disso. Para as meninas, estar presente com o outro, “empatia mútua” ou o que eu chamaria de “inclusão”, são experimentados como auto-aprimoramento, enquanto que, para os meninos, podem ser experimentados como avassaladores ou ameaçadores. Nas relações íntimas, os homens temem os perigos do aprisionamento ou da traição, temem ser sufocados ou humilhados pela rejeição e pelo engano. As mulheres, em contraste, têm medo do isolamento: se elas se destacarem pelo sucesso, receiam que serão abandonadas.

Para as garotas, estar em um relacionamento, sentindo os sentimentos da outra pessoa e dedicando-se à interação entre si mesmas e os outros, é um objetivo desejável, não um meio para qualquer outro fim, como, por exemplo, o

auto-desenvolvimento. As mulheres têm, por longo tempo, desempenhado o papel de escutar e confirmar os homens, seus filhos e seus amigos. Mas quando elas sentem, como com frequência acontece, que elas não têm o direito de querer o mesmo para si, elas, inconscientemente, sabotam seus próprios esforços para apoiar aqueles que amam e se ressentem das demandas feitas sobre elas. Quando uma relação importante não dá espaço para o diálogo mútuo, as mulheres se sentem desempoderadas.

O mesmo se aplica à raiva e ao poder. Ao viverem subordinadas, as mulheres vêm nascer uma raiva que sentem não poder ser expressa, porque elas foram ensinadas que a raiva é destrutiva da sua identidade e ameaça seu trabalho de toda uma vida para aperfeiçoar as relações entre as pessoas. Apenas a raiva dos homens parece ser legítima. Similarmente, as mulheres receiam admitir que querem ou precisam do poder, já que uma mulher determinada é vista como egoísta e destrutiva, o que leva ao ataque e ao abandono. Um modo de se livrar deste dilema, sugere-se, é que as mulheres sejam poderosas de formas que simultaneamente aumentam, ao invés de diminuir, o poder das outras pessoas.

Ainda que muito tenha mudado na situação das mulheres ao longo dos últimos anos, a tensão problemática entre a pessoa e seu papel social permanece ainda mais grave para elas do que para os homens. Ninguém nunca sugeriu que a paternidade e uma carreira são incompatíveis mas, ao menos no passado, às mulheres sempre foi dito que deveriam escolher entre uma carreira e a maternidade (com a exceção óbvia das mulheres solteiras com filhos que devem trabalhar para sustentar a família e das mulheres negras, quando o pai é ausente ou está desempregado). A maior parte da responsabilidade na estrutura familiar recai sobre as mulheres, e nem os homens, nem a sociedade em geral, têm se mostrado desejosos de oferecer a elas os meios estruturais para manejarem ambos os papéis com certa facilidade.

Para algumas, as escolhas são ainda mais restritas: ou ela deve casar e constituir família, ou encarar o resto da vida sem identidade própria. Isso, também, está mudando com o advento dos compromissos de curto prazo ou da “monogamia em série”. Mas ainda permanece sendo o caso em muitos lugares. “Há também o fato”, comenta a psicóloga antropológica Dee Aker, ex-presidente da Universidade de Estudos Humanistas, “de que as escolhas das mulheres são restringidas por visões de mundo históricas e culturais defendidas por regimes autoritários e patriarcais prevaletentes nas religiões fundamentalistas (por exemplo, os recentes e limitados pedidos de desculpas do Papa pelo sexismo, não obstante os documentos do Vaticano para Beijing defendendo sem cessar o que veio a ser chamado de ‘antropologia papal’: uma visão das naturezas masculina e feminina na qual homens são pessoas normativas e mulheres são mães). As expectativas coletivas nas histórias pessoais não mudam facilmente, mesmo quando uma geração se afasta das definições dadas e tenta criar novas normas culturais. Eu penso que é este o motivo pelo qual as reações como as que estamos vendo acontecer agora se dão tão facilmente” (Aker, 1998).

Na base das divisões culturais dos papéis está o papel reprodutivo da mulher. A “pílula” modificou essa situação, mas não a transformou fundamentalmente. A sociedade não permitirá que o papel reprodutivo da mulher seja ameaçado, ainda que,

sem liberdade em relação a ele, todas as outras liberdades da mulher corram o risco de se tornarem vazias.

A Luta por Igualdade e a Esfera do Entre

Outro aspecto, igualmente essencial e básico, desta batalha pelo empoderamento das mulheres, é a esfera do “entre” de Buber. Equidade e dignidade não podem ser conquistadas somente pelas próprias mulheres ou pela mudança individual na atitude de alguns homens. Ela deve ser conquistada na dinâmica das relações vivas e vivenciadas, em situações concretas nas quais homens e mulheres se encontram e confirmam uns aos outros como homem ou mulher e como pessoas, sustentando a tensão entre estes dois aspectos de forma que, ainda que eles nunca possam ser diretamente correlacionados, também não podem ser totalmente separados. Se o homem moderno, em geral, conhece a ansiedade, a alienação e o exílio, é certo que a mulher humana também os conhece em uma medida ainda mais ampla, pois ela enfrenta, simultaneamente, o rompimento com valores e imagens tradicionais relacionados às mulheres que podem ter satisfeito suas avós, bisavós ou mesmo sua mãe.

Não se pode legislar sobre o cancelamento das diferenças sexuais que emergem da cultura apenas ao reconhecer que eles são produtos culturais, e não meramente de herança biológica. O problema não é menos real se tiver se originado na cultura, e não por herança, ainda que pensar assim mude nossa atitude e nos dê alguma esperança de mudá-lo. Tudo o que podemos fazer, neste, como em todos os casos, é sustentar a tensão entre a pessoa e o papel social, reconhecendo a necessidade de ambos e nos movendo em direção a uma maior liberdade, para que cada pessoa possa escolher seus próprios papéis sociais e não tê-los impostos sobre si por outrem.

A imagem da Mulher e o Eclipse do Humano

A imagem da mulher não é algo que se revela instantânea e definitivamente, mas uma realidade que está continuamente sendo revelada, ou obscurecida, em cada nova situação. Dizer que a imagem da mulher é um eclipse não significa que não tenhamos uma imagem dela: significa que a humanidade da mulher é desconsiderada por essa imagem. O que uma mulher pode e deve se tornar, enquanto mulher e ser humano é, com frequência, negligenciado pelas imagens de feminilidade, tanto as tradicionais, quanto as não-tradicionais.

Distanciar-se Pode Conduzir a Uma Relação Mais Igualitária

Ao enfatizar, como temos feito, que o problema é da ordem do “entre” e que a tarefa é tanto dos homens quanto das mulheres, não estamos sugerindo que, socialmente, homens e mulheres ocupam posições iguais de autoridade e poder. Apesar dos ganhos das últimas décadas, as mulheres ainda estão muito abaixo na escala social. O maior poder e responsabilidade na luta contra a desigualdade ainda recaem sobre os homens.

Preconceito e o Movimento das Mulheres

Se os homens contemporâneos conhecem a ansiedade, a alienação e o exílio, é certo que sua contraparte feminina os conhece de uma forma ainda mais intensa. Enfrentando o rompimento simultâneo com os valores tradicionais e as imagens

correspondentes de feminilidade no que se refere aos papéis de cuidado, maternidade e subordinação, o Movimento Feminista não surgiu somente como uma rejeição dos papéis tradicionais em favor de outros, mais prestigiosos. Surgiu também como a luta para fazer escolhas em um mundo moderno, para que as mulheres sejam capazes de satisfazerem suas necessidades sem se renderem permanentemente à ansiedade, à alienação e ao exílio que ameaçam engolir-las. Por mais que as mulheres lutem por mudanças legislativas efetivas que as permitam reivindicar um lugar legítimo no mundo contemporâneo, apenas a legislação não pode remover os preconceitos de gênero presentes em nossa cultura.

Assim como a equanimidade, os direitos das mulheres só podem ser conquistados em parceria de existência, na qual as diferenças entre os sexos não se reduzam ao ponto de que homens e mulheres se tornem andróginos, mas na qual homens e mulheres sejam validados, tanto em termos de papel social, quanto de herança biológica. Novamente, a tensão entre os papéis pessoal e social deve ser sustentada, reconhecendo a necessidade de ambos e nos movendo em direção da liberdade de cada pessoa para escolher seu papel social e não tê-lo imposto sobre si por outrem.

O maior problema na luta pela igualdade de gênero parece acontecer nos passos e estágios que devem ser ultrapassados para que se atinja uma relação diferente e melhor *entre* os sexos. Também existe a necessidade de diálogo e parceria entre mulheres cujas relações primárias são com outras mulheres. Conforme elas lutam para manterem suas posições em relações com homens, elas podem encontrar conforto e apoio ao fortalecerem sua sororidade com outras mulheres.

O que tornará este movimento particularmente significativo em termos de relacionamentos entre mulheres e homens será o retorno do diálogo com os homens - não um retorno mais militante e defendido, mas um que leve a um diálogo muito mais fortalecido e igualitário do que antes. Este diálogo evocará a humanidade nos homens, ao mesmo tempo em que a afirmará nas mulheres, assim, fortalecendo a parceria na existência.

Portanto, para que as mulheres aprendam a manter suas posições nas relações com os homens, elas devem se distanciar deles em vários pontos e estreitar sua sororidade umas com as outras. Mas isso só será significativo se esse distanciamento levar, mais tarde, a uma relação mais igualitária e fortalecida do que antes - tanto na relação de mulheres com homens quanto entre mulheres. “Isso tem acontecido pelos últimos cinco anos, mais ou menos”, Dee Aker me contou, em conversa que tivemos em 1999. “A busca das mulheres por igualdade, respeito e pelo reconhecimento dos direitos humanos não é mais uma questão da classe média branca. As mulheres estão trabalhando para além das linhas de classe e etnia, e alguns homens estão se juntando a elas”.

Quando isso acontecer, o diálogo irá evocar a humanidade nos homens, assim como afirmá-la nas mulheres, e irá manifestar a imagem humana que se mantém escondida entre os dois. Precisamos de um novo paradigma no qual a competição entre homens, entre homens e mulheres e entre mulheres seja, consistentemente, substituída pelo respeito mútuo. Quem sabe a “confirmação da alteridade” que eu tenho proposto durante o último quarto de século possa ajudar a trazer esse novo paradigma à existência.

PARTE TRÊS - SINGULARIDADE PESSOAL, NÃO-VIOLÊNCIA E PLURALISMO RELIGIOSO

CAPÍTULO 11 - Mantendo a Singularidade Pessoal em Instituições Comunitárias A Vida em Diálogo e a Singularidade Pessoal

Muito foi dito nos últimos trinta anos sobre a importância de atualizarmos nossos potenciais humanos. O “movimento pelo potencial humano” se enraizou e floresceu nas décadas de 1960 e 1970. Ainda há muitos que seguem as noções nascidas durante estes anos, dentre as quais a de que todos contemos um grande potencial e nossa mais alta obrigação humana e moral é de atualizá-lo - seja pintando, escrevendo, fazendo poesia, dançando, ou seja quais forem nossos talentos. A vida em diálogo não pensa em termos de “atualização de potenciais humanos”. Ao contrário, ela se ocupa em testemunhar a pessoa singular que cada uma de nós é convocada a se tornar. A pessoa singular não é um indivíduo diferente dos outros indivíduos, mas alguém que se torna ela mesma em relação com os outros. Ela é singular porque é única. Eu sei quem você é porque, na vida em diálogo há, antes de tudo, você e eu. Eu posso testemunhar quem você é em cada momento vivido e, assim, sei, em primeira mão, a singularidade que torna você grande por si própria.

Uma vez alguém, conversando com o rabino hassídico Menahem Mendel de Korzk, comparou duas pessoas que conhecia apenas de nome. Quando o rabino ouviu isso, exclamou: “Se eu sou eu porque sou eu e você é você porque é você, então eu sou eu e você é você. Mas se eu sou eu porque você é você, e você é você porque eu sou eu, então eu não sou eu, e você não é você!” Essa é uma das minhas lendas hassídicas favoritas porque é uma afirmação de que somos todos pessoas singulares mantendo nossas próprias posições e não precisamos ser melhores do que ninguém para termos um senso de auto-valorização. Em meu livro, *Problematic Rebel* [Rebelde Problemático], eu caracterizei o “homem subterrâneo” de Dostoevsky como consciência mais papel social, precisamente porque ele sempre se sentiu superior ou inferior a alguém que encontrava, mas não era uma pessoa por si mesmo. Ele não é diferente daqueles dentre nós, na sociedade moderna, que estão perseguindo suas potencialidades ao custo de sua singularidade pessoal.

A Bíblia Hebraica diz que fomos criados à imagem do Deus sem forma e, como resultado disso, cada um de nós tem um valor único e uma tarefa que nenhuma outra pessoa tem. Essa noção de “singularidade criada” foi expandida e desenvolvida no hassidismo e expressa sucintamente pelo rabino Nachman de Bratslava: “Deus nunca faz a mesma coisa duas vezes”. Martin Buber leva essa ideia um passo à frente quando diz: “A singularidade é o bem essencial do homem e foi dada a ele para que a desenvolva”. A singularidade é o que define o valor de uma pessoa, para além de sua utilidade ou função em relação a outras. Ser uma pessoa é ser um centro em si mesma, convocada a uma vida em diálogo. Pense sobre educar crianças.

Sua singularidade não está simplesmente lá, nem é impressa nelas. Ela surge em resposta a professores, colegas de classe, à atividade artística na qual se aventuram ou ao livro que estão lendo.

Todos experimentamos a influência de nossas culturas e sociedades, mas nossa singularidade brilha através dessa influência. Um exemplo excelente disso é oferecido

pelo Dr. Royal Alsup, um “psicólogo da liberação” que trabalhou durante vinte anos como conselheiro junto a nativos norte-americanos. Royal Alsup escreveu para mim sobre a tradição tribal nativa:

“Alguém pertence a uma tradição familiar de caça, fabricação de barcos, dançarinos, artistas, ceramistas ou cantores. Mas o carimbo individual está nele, porque quando alguém ouve uma música para dançar, diz ‘essa é a música do Jimmy’, ou se olham para uma pintura, dizem ‘essa é dos irmãos Griffin ou do Tripp’, ou se olham para uma cesta, dizem, ‘essa é da Nancy’. Essa experiência de singularidade é expressa dentro de uma herança familiar e tribal. É o que separa o sentido do não-sentido para uma pessoa que se encontra dentro de uma cultura tribal”.

Pode parecer que nossa singularidade é idêntica ao que, hoje, é chamado de “auto-realização”. Por certo, precisamos da liberdade para nos auto-desenvolvermos, porém, a singularidade, como estamos vendo, não é idêntica à realização de nossas potencialidades. Manifestar nossas potencialidades pode se tornar um empreendimento sem sentido, se esta manifestação não estiver ancorada na vida em diálogo, na qual nossa singularidade é constantemente confirmada, em cada momento vivido. Um homem com muitas potencialidades, Albert Schweitzer teve que escolher não apenas se ele daria maior prioridade a ser um organista, um teólogo ou um médico missionário na África, mas também, e mais significativamente, entre tornar-se um tipo de pessoa ou outro. Isso também é verdade para você e eu.

Nossa singularidade é nossa vocação pessoal, que é descoberta quando somos convocados pela vida e nos tornamos nós mesmos ao respondê-la. Um membro de uma tribo, como Royal Alsup aponta, se arrisca quando canta sua nova música para dançar em uma cerimônia. A confirmação dos outros membros da tribo, dizendo a ele que é uma ótima música para saltar (para uma cerimônia de renovação do mundo) ou uma dança de varrição (uma cerimônia de cura para crianças) permite que ele sinta sua própria singularidade - ele percebe que está sendo convocado para ser um cantor nas cerimônias.

Devemos responder a essa convocação a partir de onde estamos, e onde estamos é unicamente pessoal. Nosso próprio senso de identidade vem apenas do encontro com outros, conforme eles nos confirmam na vida em diálogo. É através desta confirmação que podemos crescer até atingirmos a força de Sócrates, que disse “Eu respeito vocês, atenienses. Mas eu irei obedecer aos deuses, e não a vocês”. Sócrates trouxe sua contribuição ao expressar sua responsabilidade em relação a seus companheiros atenienses - precisamente ao se opor a eles. Mas se Sócrates não houvesse vivido setenta anos de confirmação na vida em diálogo com sua família de origem, sua própria esposa e filhos e os atenienses com os quais se encontrava em discussões diárias, ele não teria sido capaz de sustentar sua posição.

A singularidade que um parceiro experimenta no diálogo genuíno com outro está oculta ao indivíduo que se pretende ser apenas um observador objetivo, um analista cientificamente curioso ou um bisbilhoteiro manipulador. Não podemos e não iremos permitir a outra pessoa que “veja nossa alma” frente a uma presença intrometida, ameaçadora ou indiferente. É por isso que amigos podem saber mais sobre os problemas uns dos outros do que um psicólogo treinado com seus testes de

Apercepção Temática, ainda que o psicólogo possa oferecer uma descrição clínica mais “acurada” destes problemas.

Uma ocasião, quando minha esposa Aleene estava trabalhando na Clínica Scripps, em San Diego, um dos dois psicólogos titulares da Clínica da Dor aplicou uma avaliação a um paciente dela que nunca havia visto antes. “Você não me conhece!”, o paciente exclamou. “Eu sei tudo o que preciso saber sobre você”, disse o psicólogo. “Vi os resultados de seu MMPI (Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota)”. Se sentimos que alguém está tentando “psicologizar-nos” para descobrir o que nos move, iremos bloquear exatamente aquelas partes de nós que nos tornam pessoas únicas, não importa o nosso impulso na direção de investir nossa confiança nos especialistas.

Correção Política

O chavão e slogan dos anos 1990 foi “politicamente correto”. Alguns de nós não fazem objeção a isto porque ele engloba visões mais atualizadas sobre assédio sexual, relações de trabalho, costumes sociais e ações políticas. Ao alegarmos nossa correção política, a meu ver, estamos correndo o risco de não mais nos vermos como responsáveis por examinar nossas vidas, a nós mesmos e nossas ações em relação a outros. À medida em que as pessoas buscam ser politicamente corretas, em detrimento de sua responsabilidade pessoal e social, a parceria da existência sofrerá.

A parceria da existência acolhe uma abordagem das interações políticas, sociais, interpessoais e familiares que sustenta a tensão entre a singularidade pessoal e o papel social. Isso significa que os papéis sociais são informados e moldados a partir das interações cotidianas com o mundo. Um evento recente, no qual um ator famoso salvou uma pessoa jovem de ser pisoteada pela multidão que queria seu autógrafa, é um exemplo. O ator foi louvado pela mídia como um herói e, desta forma, se tornou objeto da admiração pública. Ele foi definido, subitamente, por uma ação única. A mídia vasculhou seus arquivos sobre esta pessoa para promover seu heroísmo como algo pelo qual ele fosse conhecido. Ao citar outros incidentes nos quais este ator socorreu alguém, ele foi alçado a um nível de correção política que pode ter servido como motivo para desconsiderar sua resposta única a um momento ou circunstância particular.

O oposto também é verdadeiro. Indivíduos que são acusados de incorreção política no mundo de hoje são caracterizados pelos meios populares de comunicação e pelo público em geral como vilões, indesejados, não-conformistas e malucos. Ainda que esse mecanismo não seja característico apenas de nossa época, ele tomou uma dimensão e uma proporção que são motivos de preocupação. É como se um “eles” anônimo e impessoal tivesse tomado as rédeas de nossas vidas sociais e pessoais.

Confirmação e Utilidade Social

Todos os indivíduos se encontram não apenas em relações de pessoa a pessoa ou de pessoa com sua família mas, também, pela própria natureza da sociedade humana desde o início dos tempos, naquela relações técnicas que nascem da especialização do trabalho, nas quais indivíduos servem a funções sociais para outros indivíduos. Karl Marx reclamou contra isso quando disse que os trabalhadores são tratados como mercadorias. Como resultado esta especialização do trabalho, grande parte da confirmação que é oferecida de um indivíduo a outro é da natureza de como cada pessoa funciona, a partir de seus papéis e tarefas sociais. Não há nada de errado com

isso. É uma necessidade absoluta da existência humana. Contudo, disto emerge o fato de que nossas relações não só incluem a confirmação da singularidade pessoal, mas também a tendência a explorarmos e nos aproveitarmos das habilidades individuais, da utilidade e do charme uns dos outros. Esse fato primordial da existência humana com frequência leva a uma desconfiança constante, de forma que, mesmo quando uma confirmação pessoal genuína é oferecida a uma pessoas, ele ou ela provavelmente se perguntará: “Estou recebendo isso como eu mesma?”

Franz Kafka capturou a essência deste dilema humano em sua história *A Metamorfose*. Gregor Samsa é um caixeiro viajante. Ele passa seu tempo durante o dia viajando a cidades próximas para vender uma mercadoria cuja natureza não é revelada. Nas noites, quando está livre, ele tem duas formas de entretenimento. Uma delas é descobrir qual é, na escala dos trens, o horário do trem que ele deverá tomar na manhã seguinte. A outra é o entalhe ornamental em madeira.

Gregor acorda numa manhã e descobre que se transformou num inseto gigante. Ele se tranca em seu quarto. Quando seu patrão vem e o admoesta por ser um mau filho para seus pais e um mau trabalhador, ele finalmente consente em abrir a porta. O patrão foge, horrorizado, e dali em diante Gregor vive mais e mais enclausurado em seu quarto, até que, finalmente, sua família escolhe não mais vê-lo como filho ou irmão. “Isso não pode ser meu irmão”, diz sua irmã querida, “ou não nos incomodaria”, quando ele saiu do quarto para ouvi-la tocar violino. Ele estava economizando para mandá-la ao conservatório e, com o resto do dinheiro, sustentar sua família, já que seu pai não trabalhava mais. O pai mostra sua resiliência, afinal; ele consegue um trabalho como porteiro, com um uniforme esplêndido, repleto de botões de latão. Gregor voluntariamente se deixa morrer de fome com pensamentos gratos aos seus pais, enquanto sua família, celebrando o recente desabrochar de sua irmã como jovem mulher, sai para um piquenique.

Qualquer que seja nossa compreensão desta história, é claro que Gregor não tinha uma existência humana real, mesmo antes de sua transformação. Ele já havia murchado como pessoa, ao viver e ser confirmado apenas em termos de suas funções. Quando ele não estava mais em posição de ser o provedor de sua família ou de mandar sua irmã ao conservatório ele perdeu todo o direito a existir. A faxineira joga “a coisa” fora após a morte de Gregor e a família fica grandemente aliviada.

Ainda que a metamorfose tenha sido chocante e súbita, ela não foi uma grande transição para Gregor, que, de uma engrenagem na máquina econômica, se tornou um inseto sem valor social ou econômico. O filme clássico de Charlie Chaplin, *Tempos Modernos*, mostra um trabalhador que é engolido por uma máquina na linha de produção na qual trabalha, para que a produção não pare.

Não é acidente que ambas as obras de arte se originem no século 20, já que a ausência de confirmação pessoal é particularmente verdadeira nos “tempos modernos”. A natureza de nossa sociedade industrial e eletrônica é tal, que é raro que alguém seja confirmado como pessoa em sua singularidade pessoal. Há algo sobre uma sociedade assim que torna essa ameaça da não confirmação parte integral da condição humana. William Butler Yeats captura essa ideia em seu belo poema, “Para Anne Gregory”:

Nunca irá um jovem,

Lançado ao desespero
Por estes grandes baluartes cor de mel
Sobre suas orelhas,
Amá-la apenas por quem és
E não por seu cabelo amarelo.

Mas eu posso conseguir tinturas
E mudar sua cor:
Marrom, ou negro, ou laranja.
E assim, os jovens em desespero
Poderão me amar apenas por quem sou.

Ouvi um velho religioso
Declarar ontem mesmo
Ter encontrado um texto que prova
Que apenas Deus, minha querida,
Pode amá-la apenas por quem és
E não por seu cabelo amarelo.

Isso não significa que ela possa ser amada apenas por seu cabelo loiro, mas sim que ela não pode ser amada à parte dele, ou de seus olhos, seu sorriso, seu humor ou seu charme.

Kyo, o herói do conto de André Malraux *Man's Fate*, ouve de sua esposa européia, May, que é médica, que ela se aproveitou da vantagem da liberdade que eles concordaram em dar um ao outro para dormir com um médico, seu colega no hospital, que a estava pressionando a fazê-lo. A reação de Kyo é de achar que ela não deveria ter se aproveitado desta vantagem. Para ele, é uma traição, que é ainda mais dolorosa por ter sido cometida no irromper da revolução comunista em Shangai, da qual ele é o líder.

No entanto, ao mesmo tempo, ele pensa consigo mesmo que há dois tipos de pessoas - as que, como seus companheiros de partido, o julgam por suas ações, e as como May, que o amam e que o amarão mesmo na presença de traição, suicídio ou infâmias de qualquer tipo. É fácil compreendermos porque Kyo se sente desta forma. Contudo, ele está pedindo por algo que nenhum ser humano pode pedir: ser amado como uma essência que não tem nada a ver com suas ações enquanto pessoa.

Kyo tem o direito de pedir que aqueles que se preocupam com ele não julguem suas ações simplesmente pelas aparências. Essa é uma outra questão. Ele tem o direito de

esperar que aqueles que o amam tentem compreender a relação entre ele e sua ação. Ele pode mesmo desejar que eles lembrem o que Kierkegaard disse: “Ninguém pode julgar a outra pessoa, pois ninguém sabe o quanto suas ações nascem do sofrimento e o quanto nascem da tentação”, ou seja, o quanto, em suas ações, ele foi compelido a fazer o que fez e qual era a sua real liberdade para fazer de outra forma. Mas ele não pode ir além disso e alegar que sua pessoa é uma essência desconectada de suas ações, sua situação ou sua relação com as outras pessoas.

Não há correlação direta entre recebermos confirmação e estarmos certos ou errados. Algumas pessoas têm um histórico de terem sido tão desconfirmadas que tentam fazer a coisa certa várias e várias vezes e, ainda assim, não aceitam a confirmação genuína que pode estar chegando até elas. Outras são tão auto-confiantes que podem, repetidamente, fazer e dizer coisas erradas e, ainda assim, sair destas situações impunes.

É muito comum descobrir que, quanto mais dinheiro uma pessoa tem, maior é a autoridade com a qual fala sobre assuntos políticos e religiosos. Mas é exatamente isso que Sócrates observou sobre a Atenas de sua época: todos os poetas sabem sobre política, e todos os políticos sabem sobre poesia. A razão pela qual o oráculo o considerou o homem mais sábio em Atenas foi porque ele era o único que sabia que não sabia! Grande parte do que parece ser confirmação está inextricavelmente ligada ao status social, ao lugar social ou ao papel familiar.

Enquanto é verdade que pessoas no topo da hierarquia se sentem incompreendidas, não amadas, deprimidas e isoladas, a compaixão que sentimos e a energia que investimos para ajudá-las a “curarem-se” raramente encontra seu caminho até aqueles na base da ordem social. Imigrantes, moradoras de rua, doentes mentais, pobres urbanos e mesmo um grande número de jovens periféricos são olhados com desprezo e desconsiderados. Conforme o status social de uma pessoa é cada vez mais definido por uma cultura impessoal e menos por sua família, amigo e mentores, as respostas politicamente corretas aos dilemas humanos se tornam menos humanas, mais intolerantes e crescentemente mais “gerenciáveis” pelos sistemas sociais que podem ou não considerar os nossos melhores interesses pessoais.

O Contrato

Além da confirmação pessoal sincera, contudo, há algo que eu chamo de “contrato”: a confirmação condicional. Nós o confirmaremos se você for um bom menino ou menina, ou uma boa esposa, ou um bom crente, um bom cidadão, um bom soldado. Se aceitarmos este contrato - e a maioria de nós o faz - sentiremos que não somos nós que somos confirmados, mas apenas os nossos atos, desde que se conformem às expectativas dos outros em relação a nós. Com frequência, isso nos divide entre uma parte obediente e uma parte rebelde. A necessidade de confirmação é tão grande, na realidade, que nos tornamos, frequentemente, o que Martin Buber chama de “pessoas de aparência”, que sobrepõe a si mesmas uma imagem que elas imaginam que as fará receber aprovação e confirmação de suas pessoas queridas.

O paradoxo da necessidade de sermos confirmados e, ainda assim, não o sermos como nós mesmos, se origina na família, mas se intensifica e cristaliza conforme nos

movemos em direção aos papéis sociais e econômicos que precisamos assumir para existir na sociedade humana.

A confirmação condicional não é necessariamente ruim. É parte do nosso treinamento social, começando com nossas interações familiares, sermos ensinados que a obediência e a cooperação são recompensadas com reconhecimento e elogios. Esse modo condicional de relação forma o contrato que subjaz a nossos modos de estarmos com as outras pessoas. O paradoxo do “contrato” se torna intensificado e cristalizado à medida em que nos movemos em direção aos papéis sociais e econômicos que precisamos assumir para existir na sociedade humana. Percebemos nossa singularidade pessoal quando respondemos ao chamado feito a nós pelas pessoas e situações em nossas vidas. Cada um de nós precisa da confirmação pessoal que só pode acontecer quando sabemos que estamos respondendo a um chamado.

Um jovem advogado lutando contra a depressão e sentimentos de desvalorização não encontrava conforto em seu salário alto, trabalhando para uma firma de advocacia nacionalmente conhecida. Isso aconteceu ainda que ele estivesse trilhando um caminho estabelecido por sua família e muitas outras pessoas que o orientaram e conduziram para a posição que ele agora ocupava. Quando perguntado sobre o que realmente queria fazer de sua vida, ele respondeu: “Eu quero me tornar um piloto de avião no Alasca”. No momento em que ele anunciou o que ele realmente queria fazer ele mudou - como se tivesse se livrado das nuvens espessas que o impediam de ver o céu azul.

Ele não podia simplesmente confirmar a si mesmo. Sua obrigação de cumprir o contrato sobrepujou seu desejo de seguir uma direção que seria contemplada com uma certa desaprovação. Podemos ser capazes de fazê-lo sem a admiração das multidões, mas não podemos fazê-lo sem o diálogo através do qual colocamos nossa vida profissional dentro do contexto de nossas amizades e responsabilidades sociais. Precisamos sentir que nosso trabalho é “real” - tanto como uma expressão genuína da realidade que encontramos em nossas vidas, quanto como uma resposta genuína a alguma situação ou necessidade que nos convoca.

Ronald Laing que, assim como muitos outros psicólogos e psiquiatras, foi influenciado pelo conceito buberiano de confirmação, escreve:

“Todo ser humano, seja ele criança ou adulto, parece precisar de *significância*, isto é, *um lugar no mundo de outra pessoa*. Adultos e crianças buscam por “posição” aos olhos de outros, uma posição que, com frequência, oferece espaço para mudanças... Todas as pessoas, em algum momento de suas vidas, buscam a experiência, quer a tenham encontrado em momentos anteriores ou não, de ocupar o primeiro lugar, se não o único lugar significativo, na vida ao menos de alguma outra pessoa”.

Laing também compreendia essa necessidade humana universal por confirmação, não apenas em termos de relações diretas pessoa a pessoa, mas também em termos das complexidades do pertencimento a grupos e a papéis sociais.

Cada grupo requer uma transformação mais ou menos radical das pessoas que se engajam com ele. Consideremos as metamorfoses pelas quais um homem pode passar em um dia, conforme se move de um modo de socialização a outro: homem de família, parte da multidão, funcionário numa organização, amigo. Não são meramente papéis diferentes; cada um deles tem todo um passado, presente e futuro, oferecendo

diferentes opções e limitações, diferentes graus de mudança ou inércia, diferentes tipos de proximidade e distância, diferentes conjuntos de direitos e obrigações, diferentes garantias e promessas. Não conheço nenhuma teoria do indivíduo que reconheça isso por completo.

A Vocação

Cada um de nós deve se arriscar para estabelecer-se como a pessoa que é, e arriscar-se a falhar ao fazer isso. Paradoxalmente, isso significa que, ainda que “vocação”, em seu sentido original, seja uma resposta a um chamado, nós temos que tomar o primeiro passo por nós mesmos e nos assegurarmos de que somos vocacionados antes do chamado chegar. Cada um de nós, não importa quão completo seja nosso treinamento, experimenta um momento de tensão e desconforto entre nossos eus pessoais e profissionais quando nos apresentamos pela primeira vez como “doutor”, “psicoterapeuta”, “ministro”, “professora”, “advogada”, ou mesmo “marido”, “esposa”, “pai” ou “mãe”. Neste momento, a pergunta “O que estou fazendo ao assumir esse papel?” pode produzir um pânico interno invisível que não tem nada a ver com competência ou “auto-confiança”. Tem a ver com o senso de incongruência provocado quando uma parte de nós está conscientemente atuando um papel, enquanto a outra parte se pergunta se é possível, de total boa fé, identificar-se com esse papel. Se nós pudermos fazer com que esse empreendimento “cole”, então poderemos ser confirmados por outras pessoas na nossa “vocação” e, logo, nos identificaremos tanto com nosso papel social que nossa auto-imagem será inadmissível sem ele.

Outro problema profundo é o da tensão entre a confirmação pessoal e a profissional. A pessoa que consegue que sua afirmação de que é um médico ou um pastor “cole” não necessariamente recebe confirmação pessoal a partir daí. Pode acontecer, ao contrário, que quanto mais bem sucedido for em seu papel social, menos se sinta confirmado como pessoa. Este tende a ser o caso quando um papel social permanecendo sendo apenas um desempenho de papel e nunca é integrado ao self pessoal do indivíduo. Isso é particularmente verdade em relação àquelas pessoas cujos papéis sociais as distinguem do restante das pessoas e tornam necessário que finjam ter atitudes, convicções e ideais que não são exatamente os seus.

O casamento do príncipe Charles com Diana Spencer é um exemplo moderno disso. Ele se casou com ela mais por seus súditos do que por ele mesmo, e o resultado foi um casamento turbulento que, mais tarde, se acabou. Mas isso também tende a acontecer com qualquer pessoa que, manifestando uma necessidade desesperada pela confirmação de outros, prefere sacrificar sua integridade pessoal, ao invés de correr o risco de não se estabelecer em um papel definido e socialmente aceito.

A Desigualdade é um Peso para o Cuidador em uma Comunidade Genuína

O cuidado une as pessoas, embora nem sempre como iguais. Isso é particularmente verdadeiro em relações entre profissionais de cuidado e as pessoas a quem servem. Uma pessoa provê cuidado a outra, podendo vê-la como paciente ou cliente. Da pessoa que cuida se presume que esteja em melhores condições de saúde do que aquela de quem ela cuida. Não há nada novo ou significativo nisto tudo, exceto quando o próprio papel de cuidado toma o lugar do cuidado real, porque o cuidador percebe seu paciente como sendo menos humano em virtude de seus problemas. Um autor de

livros sobre T-groups contou que os grupos de enfermeiras com os quais trabalhou tendiam a estar menos conscientes das reais necessidades e problemas de seus pacientes, precisamente por vê-los como “pessoas doentes”. Talvez seja por isso que, há 2500 anos, Lao-Tzu citou a humildade e a simplicidade, juntamente com o cuidado [afetividade], às três qualidades que ele mais valorizava:

Eu tenho três tesouros

Que valorizo e preservo:

O primeiro chama-se afetividade

O segundo chama-se simplicidade

E o terceiro chama-se

Não encorajar ser o dianteiro sob o céu²

Assim

Através da afetividade pode-se ter coragem

Através da simplicidade pode-se ter amplitude

Não encorajando ser o dianteiro sob o céu

Pode-se concluir o instrumento do eterno

Hoje

Abandonando a afetividade e tendo coragem

Abandonando a simplicidade e tendo amplitude

Abandonando o ulterior e tornando-se o dianteiro

Isso é morrer Através da afetividade

Com a manifestação, é ordenada a retidão

Com o resguardo, é ordenada a duração

Quando o céu quer salvar

Utiliza a afetividade como proteção³

A mera existência de papéis sociais significa, de alguma forma, falta de equidade, e as profissões de cuidado representam uma falta de equidade fundamental entre quem cuida e quem é cuidado, em contraste com a relação informal desestruturada e mútua que ocorre entre alguns amigos e algumas famílias. Essa falta de equidade não impede, por si mesma, o respeito e a confiança mútuas, contanto que a atitude predominante seja a de uma parceria de pessoa a pessoa. Quando o papel social denota alguma superioridade de uma pessoa sobre outra, a parceria não ocorre mais

² Este termo, segundo o tradutor do chinês para o português, representa a humildade

³ Tradução para o português de Wu Juh Cherng

e, quando profissionais de qualquer profissão de cuidado recebem sua própria confirmação pessoal através da sensação de que são eles quem cuidam e as outras pessoas são cuidadas, os “pacientes”, essa mutualidade é colocada em risco.

Na história de Kafka, *A Metamorfose*, uma vez que Gregor Samsa não é mais capaz de falar, as pessoas de sua família assumem que ele não pode mais compreendê-las e logo se convencem de que, na realidade, ele não é mais Gregor. Essa história cruel trata da família, mas quantas vezes também é verdadeira em relação à doentes terminais, pessoas surdas, mudas, cegas, pessoas com sequelas de acidentes vasculares cerebrais, desfiguradas por acidentes ou doenças, ao não reconhecermos nossa própria humanidade nelas? Quando um enfermeiro ou médico enxerga alguém primeiro e principalmente como “paciente”, um membro da classe dos doentes, alguém a ser “cuidado”, mas não com quem se relacionar, há o perigo de uma decomposição progressiva da comunicação que pode transformar essa pessoa em uma coisa, como aconteceu com Gregor Samsa.

Para Além dos Valores Universalizados

Durante meus anos de trabalho junto aos Quakers eu notei que eles gostavam muito de transformar a resposta de George Fox, “a parte de Deus [que há] em seus inimigos” em uma afirmação sobre a bondade da humanidade. Eu, ocasionalmente, os provocava dizendo “Eu amo a parte de Deus [que há] em você, mas simplesmente não suporto você!”. O que eu queria dizer, é claro, é que tal amor universal não é, na verdade, amor. O rabino Moshe Leib, de Sasov, dizia que ele aprendeu a amar quando esteve em uma hospedaria na qual testemunhou a conversa de dois camponeses bêbados: “Você me ama?”, um camponês perguntou ao outro. “Amo você como a um irmão!”, respondeu ele. “Você não me ama”, retrucou o primeiro. “Você não sabe do que eu preciso. Você não sabe quais as minhas necessidades”. O segundo camponês ficou num silêncio magoado. “Mas eu compreendo”, disse Moshe Leib. “Amar a outra pessoa é compreender suas necessidades e suportar o peso de sua dor”. Essa não é uma necessidade humana em geral. Não é nem mesmo uma necessidade que poderíamos deduzir do conhecimento de uma cultura em particular. Ela é a necessidade dessa outra pessoa real, em toda sua singularidade, incluindo todas as coisas que a envergonham ou a penalizam.

Para Além da Solicitudude

Estar no mundo significa estar junto com as outras pessoas - significa “a parceria na existência”. Algumas pessoas veem essa relação como uma relação de solicitude. Mas a solicitude não configura, em si, uma relação, já que ela não se refere à relação direta da vida de uma pessoa com a vida de outra, mas ao cuidado solícito de apenas uma pessoa em relação à necessidade de outra. Mesmo quando somos movidos por uma pena extrema, as barreiras do outro ser não são derrubadas. Tornamos nossa assistência, não nosso eu, acessível à outra pessoa. No cuidado real, as pessoas participam diretamente das vidas umas das outras, deixando o mistério do outro penetrar na sua própria vida.

“Escutar, não apenas ouvir, é essencial”, diz Patch Adams, o médico-palhaço que ficou famoso através do filme com seu nome. “Quando desistimos dos chamados domiciliares, perdemos o ouro”. O médico e o paciente “tinham melhores chances de enfrentar os momentos mais escuros da vida como parceiros íntimos e respeitosos,

não cumprindo papéis hierárquicos”. Isso significa abandonar os jalecos brancos e abrir mão de ser a equipe atuando no “cálculo renal” que se encontra no leito do hospital. Também significa desistir da consulta rápida e incisiva de dez ou quinze minutos, em favor do diálogo real, “de aprender sobre seus pais, amores, amigos, empregos e hobbies: sobre a pessoa por inteiro”.

Algo essencial em todas os relacionamentos de ajuda é a mutualidade no cuidado e na preocupação. Mesmo que os problemas que o paciente leva ao terapeuta sejam os seus, este ainda se preocupa com a família, a comunidade e a sociedade doentes que geraram estes problemas. É apenas através da atitude pessoa a pessoa que caracteriza um parceiro que o terapeuta pode atingir a dolorida unidade latente da pessoa em sofrimento e da rede social da qual ela vem.

Uma situação compartilhada, contudo, não significa que cada pessoa entre na relação a partir de uma mesma posição, ou mesmo de uma posição similar. Em uma relação de cuidado, a diferença entre posições não é apenas a dada por uma visão pessoal, mas também por papéis e funções - uma diferença determinada pela mesma diversidade de propósitos que levou a cada uma das pessoas a entrar na relação. Se a meta é comum - a cura de uma pessoa - a relação com esta meta difere radicalmente para quem cuida e para quem está sendo cuidado, e a cura que se dá depende tanto do reconhecimento desta diferença quanto da mutualidade no encontro e na confiança.

Em relações de cuidado, além disso, a inclusão é necessariamente unilateral. O cuidador não deve demandar nem esperar que seu cliente experiencie seu lado da relação. Ainda assim, a inclusão unilateral da terapia ainda é uma relação Eu-Tu, fundada no contato e na confiança mútuos e na parceria em uma situação compartilhada.

O paradoxo da relação de cuidado é capturado *par excellence* no conto hassídico que citei anteriormente, chamado “Escalando para Baixo”: “Se você quiser ajudar alguém”, um rabino hassídico diz, “não basta ficar no alto e jogar uma corda. Ao invés disso, você deve descer até a lama e a sujeira e então, com braços fortes, empurrar a si mesmo e ao outro em direção da luz”. Se você se contentar em ficar no alto, você não será capaz de ajudar verdadeiramente ao outro. Por outro lado, se você descer até “a lama e a sujeira”, você se arrisca a ficar preso também e, neste caso, terá sucesso apenas em empurrar o outro ainda mais para baixo. Cuidar de verdade significa ser capaz de entrar na situação do outro, trazendo consigo recursos que a outra pessoa não tem, para que você possa auxiliar a tornar possível a cura que pode ocorrer no encontro.

Cuidadores, com frequência, confessam que se tornaram “complacentes” em relação à dor dos pacientes. Só conseguem se proteger deste excesso de cuidado ao deixarem de tornar sua dor presente para si mesmos. Confrontados com a dor imediata, estes profissionais têm medo de serem aprisionados na lama e na sujeira. Confrontados com o medo da morte e do isolamento de seus pacientes, eles permanecem no alto e jogam cordas esfiapadas para eles.

O Verdadeiro Cuidado Significa Equilibrar a Tensão entre Papel e Resposta

Mas o que mais, você pode perguntar, podemos esperar de uma médica ou enfermeiro que têm que lidar com um grande e variado número de pacientes, em todos os estados e fases da vida? Eu não espero nenhum comportamento particular da parte

deles, pois estou bem ciente das limitações de nossa compreensão e dos nossos recursos. Mas nossa vocação para cuidar e auxiliar nos pede que sustentemos a tensão entre nossa singularidade pessoal e nossos papéis de cuidado, para que possamos abrir o caminho para que pessoas em sofrimento venham até nós.

Sustentar esta tensão significa que não devemos nos relegar ao papel de cuidadores nas relações pessoa a pessoa após nosso horário de trabalho e nos finais de semana, mas nos movermos em direção ao diálogo genuíno, atravessando nossos vários papéis sociais. Simplesmente eliminar um papel social não leva pessoas a relacionamentos de mutualidade. Mesmo assim, precisamos estar atentos a como a desconfiança mútua é alimentada em nosso sistema de saúde atual.

O Espírito da Abertura, do Risco e da Esperança

Se queremos que uma comunidade genuína seja real e efetiva, é necessário que ela inclua um espírito flexível e generoso, capaz de suportar situações concretas. O diálogo genuíno significa o reconhecimento dos limites e da tragédia real. Mas também significa esperança, porque não presume que o que era verdade em um momento será necessariamente verdade no momento seguinte - esperança, não como idealismo, portanto, mas como uma prontidão para avaliar cada novo momento em sua concretude. Isso também significa, logicamente, a disponibilidade para conhecer as necessidades da outra pessoa. O diálogo precisa incluir a esperança que nos torna possível engajar novamente, tanto ativa quanto imaginativamente, na situação concreta com a outra pessoa - arriscando-nos e envolvendo-nos, e descobrindo, na situação, quais são os nossos recursos. Respondemos ao que nos convoca com nossas ações e nossas vidas, a partir de uma preocupação tão profunda quanto humana, tão real quanto as situações que enfrentamos, tão plena quando somos capazes de ser.

Tal diálogo floresce em comunidade genuína quando nossa abertura se torna um modo de interagir. Uma enfermeira psiquiátrica que coordenava um projeto de saúde comunitária dedicado ao cuidado de saúde materna-infantil contratou uma parteira de origem nativa norte-americana para trabalhar em seu projeto. “Tenho esperanças de aprender mais sobre a arte do parto ao longo do nosso caminho”, ela disse. Esse é um passo em direção à comunidade genuína.

A Tensão entre a Confirmação Pessoal e a Social

A pessoa que tenta integrar seu papel social com sua percepção pessoal de direcionamento e vocação se encontra no ponto de tensão entre a confirmação pessoal e a social. Não se pode resolver essa tensão renunciando-se à confirmação social, pois ninguém pode viver sem ela. Todos precisam desempenhar um papel social, tanto em nome de sua subsistência econômica, quanto como um simples pré-requisito para qualquer tipo de relação com outras pessoas na família e na sociedade. Por outro lado, não se pode resolver a mesma tensão sacrificando-se a confirmação pessoal, pois essa supressão de uma necessidade humana básica resulta em uma ansiedade com a qual pode ser mais e mais difícil de se lidar, conforme a fenda entre pessoa e papel se alarga.

Manter nosso papel social em tensão com nossa singularidade pessoal não é uma tarefa fácil. As mulheres estão particularmente sintonizadas com essa luta, conformem tentam equilibrar as demandas de suas vidas profissionais com as das vidas pessoais

como parceiras amorosas, mães e amigas. Os homens também estão cientes dessa luta e, com frequência, reclamam que não há nenhum papel, no trabalho ou em casa, no qual eles possam perceber sua singularidade pessoal.

Não podemos negar a especialização do trabalho e a contínua racionalização sobre esta especialização, que criam a necessidade de denominarmos pessoas através de abstrações como professora, secretária, maquinista, operadora de grua, médica ou caixa de banco. Mas as descrições de cargos, embora importantes, não necessariamente definem nossos talentos, habilidades e interesses verdadeiros. Nossos papéis sociais não deveriam exaurir nossos recursos e reservas, de modo que não tenhamos nada sobrando para oferecer às nossas existências pessoais. A relação única que temos com nosso trabalho é importante, não apenas em nome do próprio trabalho, mas também em nome do sentido que procuramos para nossas vidas, como indivíduos que querem existir com algo mais do que apenas um fio de autenticidade.

Na medida em que reconhecemos a necessidade da crítica contínua às abstrações categóricas com as quais precisamos nos relacionar, podemos rejeitar a injusta “carga de sempre responder a uma situação de um modo catalogado”. Isso significa rejeitarmos uma vida na qual todos nos encontramos sufocados sob o peso de abstrações técnicas, sociais e burocráticas. Essa é uma revolução cultural e espiritual que deve ocupar a todos. Acredito que essa resistência ao impessoal está na raiz de muitas das rebeliões modernas que testemunhamos - especialmente daqueles segmentos da sociedade que ocupam os lugares mais baixos da hierarquia social.

Em muitas esferas, nos deparamos com os signos da fragilidade de nossa vida juntos, da vida entre pessoa e pessoa. Nossa esperança para o florescimento dos Estados Unidos ou do mundo só pode ser significativa se começarmos pelo realismo que nos mostra que estamos presos em um imenso estado corporativo ou numa rede de complexos militares e industriais. A alienação pervasiva que resulta disso mina nossa habilidade de estarmos um com os outros, em comunidade. A realização de nossa singularidade pessoal, que só pode acontecer no estar-junto, é substituída por pseudo-liberdades das quais imaginamos desfrutar. Mas se há uma fragilidade na nossa vida como seres humanos, há também força. Quanto mais profundamente a imagem humana está escondida, maior a possibilidade de que desta profundidade possam emergir os recursos através dos quais poderemos redescobrir, em cada ocasião, o ser humano mulher, homem e criança.

CAPÍTULO 12 - Comunidade Genuína, Não-Violência e o Pacto de Paz

Ação Social e a Parceria na Existência

Precisamos de planejamento e ações sociais, mas as comunidades não devem se aproximar da ação social como de um jogo de xadrez, no qual são utilizadas estratégias para ganhar poder. A comunidade genuína pede por uma ação social que brote do diálogo verdadeiro. Infelizmente, toda nossa noção de ação social - a de que utilizamos de determinados meios para atingir determinado fim - ignora completamente o fato de que não sabemos quais serão as consequências de quase qualquer ação que desempenharmos.

Um diretor de um determinado grupo de ativistas disse: “Se não impedirmos os abortos, quem defenderá os direitos das crianças que ainda não nasceram?”. As pessoas que apoiam esta causa podem concordar que o aborto deve ser impedido. Algumas podem sugerir que o uso de quaisquer métodos, mesmo os violentos, seria justificado. A lógica é a de que o aborto é ruim e deve ser enfrentado com resistência forçosa. Para estas pessoas, a violência, como meio para um fim, é uma ação social aceitável. Mas será a violência uma opção para a comunidade genuína? Uma comunidade tem o direito de usar ação social com força o suficiente para eliminar uma ameaça percebida? Estas e outras questões mais complexas nos desafiam, conforme nos movemos através do novo milênio.

Como podemos saber previamente qual será o impacto de nossa ação social? O manifestante contra a guerra sabe que sua greve de fome irá interromper a guerra? Martin Luther King sabia que seus esforços para auxiliar as pessoas negras a atingirem a igualdade social nos Estados Unidos levariam gerações para se realizarem? Cometemos o erro de achar que sabemos qual o impacto que nossa ação social terá porque ela acontece através de nós. Contudo, nós nem conhecemos nossos próprios recursos, quanto mais a situação que nos confrontará. Podemos planejar a estrutura dentro da qual a ação social terá lugar, mas devemos evitar planejar os eventos que ocorrerão, até que tenhamos descoberto qual será nossa resposta a eles. Tal descoberta requer que hesitemos entre ação e indecisão. Precisamos buscar meios de nos mantermos firmes em face das doenças sociais que ameaçam nos separar e nos insultam.

Conflito e Reconciliação

Cada um de nós deve fazer nossa parte na construção da comunidade verdadeira. A realidade não é dada apenas a mim ou apenas em uma parte com a qual eu me identifico. Mesmo na comunidade genuína, não há uma visão unificadora que reúne minha realidade com a sua, de forma a eliminar possíveis conflitos. Isso introduz uma tensão através da qual podemos considerar pessoas diferentes de nós como menos humanas, de alguma forma. Entre tribos primitivas, os membros de outras tribos frequentemente não eram nem mesmo considerados como seres humanos. Mesmo os civilizados gregos viam o resto das pessoas “não-gregas” como “bárbaras” e, portanto, diferentes deles por natureza, o que tornava legítima sua escravização quando conquistadas. Na costa da África, ainda há grandes castelos nos quais os portugueses, os holandeses e os ingleses rivalizaram uns com os outros por quatrocentos anos sobre quem teria mais lucros no envio de 50 milhões de escravos a serem vendidos na América.

A devastação da fronteira norte-americana e ruína causada pela indústria baleeira, similarmente, nos mostram que grande parte do que caracteriza o homem moderno, muito antes do extermínio nazista, tem sido uma falta de respeito pela alteridade da criação, incluindo as partes não-humanas dela. Desde os nazistas, essa relação com a natureza tem continuado, com toda uma série de desastres ecológicos que se tornam mais e mais ameaçadores a cada ano: vazamentos de óleo, desperdício de água, desflorestamento, poluição, eliminação inadequada de resíduos tóxicos ou falha na reciclagem de produtos não-biodegradáveis.

O respeito pela alteridade não significa que eu amo a todas as pessoas ou mesmo que eu tenho recursos para encontrar a todas elas em diálogo genuíno. Mas significa, sim,

que tudo que me confronta demanda minha atenção e resposta - seja através do amor ou do ódio, da concordância ou da oposição, da confirmação ou do mero abandono.

A maior tarefa com a qual nos confrontamos não pede pela construção de utopias “iluminadas”, mas pela construção da paz no contexto no qual nos encontramos”. Os verdadeiros pacificadores são aqueles que assumem, da maneira mais concreta que se pode conceber, a tarefa de descobrir o que pode ser feito em cada situação de tensão e luta, de forma a enfrentarem os conflitos reais e trabalharem na direção da reconciliação genuína.

“Uma paz sem verdade é uma falsa paz”, disse o rabino Mendel de Kotzk. O significado de “verdade”, aqui, é tornado claro pela afirmação talmúdica que este mestre hassídico cita parcialmente: controvérsias em favor da manutenção do paraíso. Não podemos construir paz verdadeira sem conflitos. Não podemos construir uma paz real ignorando os conflitos. Nas controvérsias, cada um de nós é uma testemunha para sua própria “pedra de toque da realidade”. Reconhecer isso nos habilita a confirmar o outro em sua opinião, mesmo quando nos opomos a ela. Não precisamos libertar o mundo daqueles que têm visões diferentes das nossas. Não podemos confirmar a limpeza étnica, por exemplo, não temos o direito de eliminar nem mesmo aqueles a cuja visão de mundo nos opomos moralmente.

A tarefa imaginativa de compreender uma relação a partir do outro lado, e não só no nosso próprio, é essencial aos objetivos de superar a guerra, pois toda guerra se justifica ao tornar o outro uma figura de puro mal, como Reagan fez ao chamar a União Soviética de “império do mal” e Bush pai, ao comparar Sadam Hussein com Hitler, e Bill Clinton ao comparar Slobodan Milosevic com Hitler também.

Realidade Social e Abstração Política

A desconfiança entre nações faz com que elas lidem umas com as outras não em termos sociais ou humanos, mas em termos de abstrações políticas e armadilhas verbais. Não podemos arcar com os custos de sermos puramente políticos, puramente externos. Precisamos construir uma realidade social e encontrar suas raízes na comunidade que já existe. Devemos nos preocupar com a comunicação real com as pessoas das quais nos aproximamos.

A distinção entre propaganda e educação não está no fato de sermos comunistas ou pacifistas, mas sim se nos aproximamos do outro querendo impor nossa verdade sobre ela ou ele ou se nos preocupamos suficientemente com o outro para comunicar nossas crenças dentro do diálogo que compartilhamos. Por vezes, este diálogo significa apenas mantermo-nos firmes como oponentes da outra pessoa, dando testemunho daquilo que acreditamos em face de sua rejeição hostil. Ainda assim, mesmo como oponentes, devemos permanecer interessados em como a outra pessoa vê a realidade. Uma realidade que se opõe à nossa não necessariamente está “errada”. Precisamos confirmar nosso oponente em sua existência como ser humano e valorizá-lo, mesmo se não concordamos com ele.

Um clima genuíno de confiança evoca a “outra voz”, a voz da pessoa que falará apenas em uma atmosfera que considera cada voz equivalente, não importa quão hesitante ou quão parte de uma minoria ela seja. De 1921 até sua morte, Martin Buber continuou a insistir para que os judeus vivessem junto com os árabes na Palestina e, mais tarde, em Israel, e não apenas perto deles, e a alertar que o caminho deveria ser

como o *goal-Zion bmishpat* (“Sião com justiça”), pois a humanidade de nossa existência começa quando nos tornamos responsáveis pela situação, dizendo: “Não devemos cometer mais injustiças do que o necessário para nos mantermos vivos”, desenhando a “linha demarcatória” a cada momento, ainda que com medo e tremor. O pacto de paz - entre pessoa e pessoa, entre comunidade e comunidade e entre nação e nação - significa manter o caminho aberto para o diálogo.

Trazendo o Conflito para o Diálogo

Diálogo significa o encontro com a outra pessoa, o outro grupo, o outro povo - um encontro que confirma o outro, mas que não nega a nós mesmos e a posição na qual nos mantemos. A escolha não é entre nós mesmos e o outro, nem há uma posição objetiva da qual podemos nos elevar sobre os lados opostos, sobre as demandas conflitivas. Ao contrário, o diálogo genuíno é, ao mesmo tempo, uma confirmação da comunidade e da alteridade, e a aceitação do fato de que não podemos nos elevar sobre lados opostos.

Durante três anos de trabalho durante a década de 1950, como diretor do American Friends of Ihud (a associação israelense para a reaproximação árabe-judaica liderada por Judah Magnes e Martin Buber), fui várias e várias vezes surpreendido ao encontrar, entre pessoas de boa vontade, incluindo algumas trabalhando pela reconciliação do conflito, tanto uma atitude que simplesmente não levava em conta os problemas reais a serem reconciliados, quanto uma que via esses problemas apenas de um ponto de vista, ou ainda outro que se originava de um ponto de vista pseudo-objetivo, quase universal, sobre o conflito.

Todo conflito tem, no mínimo, dois lados. Mesmo se um dos dois lados estiver completamente errado em sua opinião ou posição, ele representa algo real que não pode ser descartado. O ponto de vista diferente de cada pessoa deve ser reconhecido, independentemente da posição manifesta por ele estar correta ou equivocada.

Com muita frequência, a palavra “reconciliação” se torna associada com uma boa vontade romantizada que ignora o conflito que deve ser reconciliado ou assume que com esta ou aquela ação ou abordagem uma situação trágica poderá ser transformada em uma situação harmônica. A reconciliação genuína deve começar com um reconhecimento plenamente honesto e realista das diferenças reais e dos pontos de conflito. Ela deve mover-se deste reconhecimento para a tarefa de descobrir a posição a partir da qual algum encontro real possa ter lugar, um encontro que incluirá ambos os pontos de vista conflitantes e buscará por modos novos e criativos de reconciliá-los.

No passado, no Oriente Médio, todas as vozes árabes que pediam por moderação foram sistematicamente silenciadas por aqueles que desejavam manter a situação polarizada, e o governo de Israel com frequência parecia se fixar em uma posição de intransigência permanente. No entanto, como podemos duvidar de que há uma direção para a qual devemos nos mover com os recursos que pudemos encontrar, longe o suficiente, redesenhando as fronteiras novamente a cada momento?

O Pacto da Paz

O pacto da paz não é nem uma técnica, nem uma fórmula, e menos ainda um princípio universal que precisa apenas ser aplicado por dedução a uma situação particular. Ele se inicia a partir de uma situação concreta, incluindo todas as suas tensões - tensões

que não devemos nunca esperar ou mesmo desejar remover inteiramente, já que elas pertencem ao próprio núcleo da comunidade genuína.

O pacto de paz não é um ideal que se mantém acima de uma situação, mas um trabalho paciente e contínuo em direção a alguns pontos de contato, compreensão e confiança mútuos. Ele constrói comunidade através da confirmação mútua da alteridade, e quando essa comunidade naufraga, como tende a acontecer várias e várias vezes, ela retoma a tarefa novamente. O pacto de paz significa um movimento em direção da comunidade genuína, um movimento tal como o permitido por cada novo momento.

A comunidade genuína nasce do conflito dentro da cooperação, da compreensão e da confiança mútuas. Em situações fundamentais, mesmo um protesto negativo pode ser um passo positivo em direção ao diálogo, se for feito no espírito do diálogo. O pacto de paz implica em um “companheirismo na reconciliação” e, ainda assim, é precisamente aqui que temos falhado. Tendemos a transformar a “reconciliação” em uma plataforma para expor um programa a ser descartado, não reconhecendo essa oposição cruel e a alteridade real que subjaz ao conflito.

Relutamos em admitir que há conflitos trágicos nos quais nenhum caminho em direção à reconciliação é possível no presente momento. Temos sido muito pouco firmes em nossa atitude em relação ao amor, transformando-o em um amor abstrato pela humanidade ou em um sentimento interior, ao invés de num encontro entre nós e as outras pessoas. Não podemos amar realmente, a menos que primeiro conheçamos a outra pessoa, e não podemos conhecê-la até que tenhamos entrado em relação com ela.

Uma Testemunha que Escuta

Apenas uma escuta real - uma testemunha que escuta - pode sondar o abismo desta confiança existencial universal que se interpõe no caminho do diálogo genuíno e da paz. O Movimento pela Paz não reconheceu adequadamente o poder da violência em nossos dias, nem que suas raízes não estão na natureza humana em geral ou na estupidez de indivíduos, mas na moléstia especial que experimentamos - nossa falta de direções pessoal e social significativas, nossa falta de uma imagem do humano, a perda da comunidade, a perda da confiança básica em nós mesmos e nos outros, o nosso medo do confronto real com a alteridade, nossa tendência a nos dependurarmos nas margens da injustiça e da discriminação institucionalizadas. Raramente vemos indivíduos ou comunidades que estejam dispostos a navegar os mares abertos da criação de estruturas novas e mais significativas dentro das quais os “miseráveis da terra”, os despossuídos e os ignorados sistematicamente também possam encontrar suas vozes. O verdadeiro coração do pacto da paz é a comunidade genuína.

Violência e Não-Violência

Na atual ausência de comunidade genuína, os despossuídos e os sistematicamente ignorados encontraram suas vozes através do terrorismo. Isso levanta a questão da relação da comunidade genuína com a violência e a não-violência.

Ainda que, em geral, a não-violência confirme a alteridade e a violência a desconfirme, a não-violência também pode desconfirmar a alteridade se for usada como uma

ferramenta de monólogo e, ao menos de uma forma limitada, a violência pode confirmá-la. A não-violência pode ser, e por vezes é, violência encoberta, congelada, suprimida, raiva apocalíptica, intolerância perfeccionista. Ela não era assim em Gandhi, A. J. Muste e Martin Luther King Jr; para eles, ela se fundamentava na existência pessoal e na relação genuína com as outras pessoas, ao invés de objetificada em uma técnica onipotente.

Se fizermos a distinção que deve ser feita entre a força que estabelece limites necessários e a violência que destrói seus objetos, não devemos imaginar que a violência jamais confirme a alteridade e a singularidade de outras pessoas sobre as quais ela é utilizada. Porém, podemos, na era do terrorismo, reconhecer o fato paradoxal de que atos terroristas de violência são, ocasionalmente, assim como um ataque de birra de uma criança dentro de um sistema familiar, uma tentativa de chamar a atenção para a alteridade de um grupo minoritário de pessoas que têm sido ignoradas na “harmonia geral”: a violência do status quo.

Como Ivan Illich apontou, o crescimento mundial de duas sociedades, separadas e desiguais, deveria deixar claras as dinâmicas que provocam violência entre elas. Uma delas é a economia imensamente rica dos Estados Unidos, a outra são as economias famintas por capital da América Latina, do Terceiro Mundo e dos guetos negros.

Hoje, os países recém-independentes da antiga União Soviética e os grupos étnicos e nacionais conflitantes no que era a antiga Iugoslávia adicionam à violência econômica o paroquialismo nacional, étnico. Também não podemos deixar de lado os padrões diferentes de vida, o anti-semitismo ressurgente e o racismo crescente no Reino Unido e na Europa Oriental, e a Praça Tiananmen na República Popular da China. Todas estas questões aumentaram a incidência da violência mundialmente, mesmo tendo o fim da “guerra fria” oferecido a esperança de um alívio no aumento das armas nucleares.

A violência é produto da frustração, da ira, da vergonha, da inveja, produto de tudo aquilo que Rainer Maria Rilke chamou de “vida não vivida”. A vida não vivida em si mesma é algo maior do que o fracasso em expressar a si mesmo ou dominar outras pessoas, ainda que isso seja o que a visão romântica geralmente pensa. Ela se refere à falha em dar direção às nossas paixões, ao trazê-las ao diálogo com outros seres humanos com os quais convivemos - na nossa família, na comunidade, na vizinhança, na cidade e no país.

O fracasso em dar direção a nossas paixões tem a ver com o fato de que não mantemos nossa posição, de que não fazemos nossas objeções quando precisamos fazê-lo, de que permitimos que uma pseudo-harmonia continue a existir. Com frequência, não podemos fazer de outra forma, pois nem mesmo sabemos conscientemente que temos outro ponto de vista diferente daquele do grupo dominante. Ou, se sabemos, também sabemos as consequências de não “ficarmos no nosso lugar”. Isso atravessa nossa sociedade como um todo, não só entre as pessoas pobres e desprivilegiadas, mas também nos mundos dos negócios, do comércio e dos governos.

A violência é, frequentemente, a resposta provocada por um senso de impotência e apatia em relação a uma situação que é percebida como bloqueando todas as outras possibilidades de resposta. Ela também emerge da desconfiança mútua, incluindo a

desconfiança da linguagem. Quando os laços entre seres humanos são destruídos e as possibilidades de comunicação se rompem, ocorrem violência e agressão.

Simone Weil definiu violência como a redução de uma pessoa a uma coisa, no extremo, matando-a, ou seja, reduzindo-a a um cadáver. Se é assim, então a violência não pode mais ser evitada em nossa cultura ou em qualquer cultura, tanto quanto não podemos evitar a relação Eu-Isso, ou seja, a relação na qual usamos uns aos outros, nos classificamos e categorizamos, pois essa é uma parte enorme da nossa cultura, que se torna cada vez maior. São estas mesmas categorias, aliás, que nos conduzem ao preconceito, ao racismo e à violência.

Mas se violência significa converter o Tu humano em um Isso, então a violência não é sempre inevitável, tanto quanto não é inevitável a dominação do Isso. Vivemos em uma época na qual a máquina eletrônica, as corporações e a tecnocracia dominam em um grau incrível. Ainda assim, permanece uma possibilidade real, através da luta e da manutenção de nossa posição, trazê-las de volta ao diálogo humano. Esta possibilidade permanece conosco e não pode ser removida a força por nenhum realista econômico, psicológico, social, militar ou político que diga: “Esse é o jeito que é”. Mas se queremos levar essa possibilidade a sério, precisamos descobrir, da forma mais dura, em cada situação concreta, quais os recursos disponíveis para o diálogo e para a criação de algo humano, para transformarmos a paixão que explode em violência em uma troca real.

A Comunidade Genuína e o Pacto de Paz

Do que precisamos no nosso tempo é de uma abertura, uma flexibilidade, uma disponibilidade para resistir e suportar a situação concreta. Isso também significa, logicamente, a prontidão para conhecer as necessidades do outro. O fracasso em reconhecer essas necessidades é aquilo do que a população afro-americana, apropriadamente, acusa as pessoas brancas. Como você pode dizer que é a favor da fraternidade, da paz, da integração, do progresso, quando você nem as escuta, quando você nem imagina concretamente o que significa viver em um gueto, o que significa ser negro?

O diálogo, portanto, deve incluir não apenas a esperança de que algo aconteça, mas a esperança que nos permite entrar novamente, tanto ativa quanto imaginativamente, na situação concreta da outra pessoa - para testemunharmos, para nos arriscarmos, para nos envolvermos, para estar lá e descobrirmos, nesta determinada situação, quais são os recursos.

Realidade Social Concreta versus Clichês Políticos

Fomos iludidos pela noção de que o poder político é o único poder. É claro, o poder político é grande e, usualmente, por trás dele se encontram os poderes econômico e militar. Ainda assim, uma grande parte do que chamamos de política é apenas a fachada - uma fachada de clichês, slogans, fingimentos, nuances, insinuações e mentiras completas. De fato, a realidade é mais basicamente social, ainda que a política sempre tente conquistar mais poder e dominação do que ela precisa. Em 1954, a Suprema Corte derrubou a cláusula “separados, mais iguais” do Decreto de Comércio Interestadual. Aprendemos, com grandes custos, que essa decisão era

necessária, mas não suficiente, que ela deve se tornar uma realidade social em cada vizinhança, e não é apenas a força da lei que fará isso.

A realidade concreta é encontrada, primeiramente, na vida social real. Esta realidade de nossas vidas humanas e sociais reais leva um tempo para se manifestar. Mas ela está lá, abaixo da superfície, aguardando pelo dia em que o sofrimento social se transformará em um movimento social inconfundível. Se perdermos de vista o concreto e tudo se tornar tático, perderemos de vista também o objetivo real na direção do qual estamos trabalhando.

A Satyagraha de Gandhi

Esse reconhecimento do fator humano nos confrontos de nosso tempo pode nos levar a uma nova e aprofundada apreciação do termo cunhado por Gandhi, *Satyagraha*. Essa “força da alma”, ou “força da verdade”, não deve ser compreendida como uma teoria metafísica, política ou ética universal, mas como uma imagem das relações entre pessoa e pessoa e entre pessoa e sociedade.

Gandhi foi muito claro nos seus ensinamentos, dizendo que Satyagraha não é uma técnica a ser aplicada em atos indistintos, mas um modo de vida que deve emergir das mais profundas atitudes humanas. “Um pouco de não-violência real atua de um modo sutil, silencioso e invisível, e eleva a sociedade por completo”. Mas essa não-violência não é um método que pode ser ensinado, como judô ou karatê. Ela é a qualidade da vida que tem lugar entre pessoa e pessoa.

A Satyagraha de Gandhi não pode ser aplicada indiscriminadamente, não importando quem a esteja aplicando. Ela é uma direção de movimento dentro do inter-humano, do social e do político que leva as pessoas para fora dos ciclos viciosos da violência e em direção à cooperação e ao respeito mútuo. A satyagraha só poderá ser capaz de corresponder às alegações de Gandhi sobre ela quando for permeada pela vida em diálogo e concretamente incorporada no encontro entre pessoa e pessoa.

Martin Luther King, Não-Violência e Comunidade

Martin Luther King era próximo em espírito tanto de Gandhi, quanto de Buber, em sua luta pela verdadeira comunidade e sua confirmação da alteridade através da não-violência. A não-violência “não busca desafiar ou humilhar o oponente, mas ganhar sua amizade e compreensão”. Seu objetivo é “a criação da comunidade amada”. *Agape*, para King, “é o amor buscando preservar e criar comunidade. É a insistência na comunidade, mesmo quando alguém tenta destruí-la”. Não pode haver um rompimento aqui entre o amor e as exigências de justiça. A resistência não-violenta, para King, é a senda estreita entre a concordância e a violência. King viu a segregação nos termos de Buber, como algo que substitui uma relação Eu-Tu por uma relação Eu-Isso, relegando pessoas ao estado de coisas. Manter-se firme, como King fez, na relação Eu-Tu é apoiar a outra pessoa, assim como a si mesmo, a manterem-se firmes, nas palavras de King, no diálogo entre pessoa e pessoa, alargando o conceito de fraternidade até uma visão de total inter-relação.

Reconhecendo que o poder não é algo maléfico por si, mas sim a habilidade de alcançar um propósito. King deplorava a tendência comum a contrastar os conceitos

de amor e justiça como opostos polarizados, de forma que o amor se torna a renúncia do poder e o poder, a negação do amor. A maior crise dos nossos tempos é essa colisão do poder imoral com a moralidade impotente.

Não-Violência no Presente

Felizmente, a não-violência não está morta no mundo atual. Pelo contrário, ao redor do globo há pessoas que estão levando adiante o que Thoreau, Tolstoy, Gandhi, A. J. Muste e Martin Luther King iniciaram. Um dos mais notáveis destes líderes é Mubarak Awad, defensor palestino da não-violência. Awad reconhece o papel que as inúmeras líderes mulheres na Palestina têm desempenhado em seu movimento, porque estas mulheres, em contraste com os homens, não querem ver mais assassinatos e guerras. Influenciado pelos seguidores muçulmanos de Gandhi, Awad fundou o Centro Palestino para o Estudo da Não-Violência em Jerusalém, no início dos anos 1980. Ele também registrou as histórias de palestinos mais velhos, que participaram de ações não-violentas, sendo capaz, assim, de oferecer aos palestinos uma imagem nativa a ser seguida, ao invés de terem que se referir a Gandhi e Martin Luther King.

Diálogo Genuíno e Desarmamento Nuclear

Não podemos concluir este capítulo sem falar da violência maior que paira pesadamente sobre nossas cabeças. Ao participar de uma manifestação contra o armamento nuclear patrocinada pelos Médicos pela Responsabilidade Social eu fiquei espantado novamente pela convicção de que a única alternativa a estas preparações para o indesejado, mas tecnicamente perfeito, suicídio da humanidade, é precisamente o diálogo genuíno para o qual Martin Buber nos convocou há mais de cinquenta anos. Apenas este diálogo contém a possibilidade da confirmação da alteridade que não é baseada em ignorância sentimental do conflito, mas na capacidade humana de arbitrar o conflito através cada um dos parceiros, mesmo quando um está em oposição ao outro, observando, afirmando e confirmando seu oponente como um outro existente.

CAPÍTULO 13 - Diálogo Inter-religioso e Pedras de Toque da Realidade

Há muitos anos temos sido assaltados pela polarização política e pela mentalidade “ou um/ou outro” que nos conduziu a afastarmos-nos da complexidade, em favor de escolhas simples, preto ou branco. Slogans, frases de efeito e pseudo-soluções têm substituído decisões ponderadas. Estou, em consequência, dedicando esta última parte do livro para o estabelecimento do meu próprio conceito de “diálogo de pedras de toque”, em tensão com a tendência cultural corrente que valoriza a forma em detrimento da substância.

Pedras de Toque da Realidade

Não há realidade independente do que chamo de “pedras de toque da realidade”, e não há pedras de toque independentes do contato com o outro em diálogo genuíno.

As pedras de toque da realidade surgem apenas quando nos empenhamos a abrir caminho em direção à abertura para algo realmente distinto de nosso conjunto de valores habituais e dos nossos modos costumeiros de ver o mundo. Chego às minhas pedras de toque não através dos valores que já tenho, mas através do conflito entre estes valores - um conflito que só foi resolvido ao buscar, continuamente, novas posições e, com elas, valores novos ou transformados. Fora do fluxo da vida, onde

cada situação renova minhas pedras de toque de uma forma que me permite crescer e mudar, me arrisco a que elas se tornem uma coleção estagnada de insights que são ociosos, em comparação.

As Pedras de Toque e a Comunicação

Vivemos num mundo no qual a comunicação é ensinada como uma técnica de gerenciamento. Um supervisor pode dizer “Eu escutei você” em resposta a uma reclamação, mesmo quando não ouviu absolutamente nada do que você disse. Novamente, a pedra de toque do encontro genuíno foi transformada em uma técnica de comunicação, através da qual as pessoas são convidadas a compartilhar sentimentos que podem, mais tarde, serem usados contra elas. Uma forma de encontro genuíno está sendo “ensinada” como uma técnica que - em virtude da sua falta de interesse verdadeiro por parte de um ou mais participantes - cria um clima de desconfiança. Uma mulher disse, “Tenho medo de dizer à minha supervisora como realmente me sinto sobre sua liderança. Ela vai usar isso contra mim na nossa avaliação”.

As pessoas, hoje em dia, pensam que, ao concordarem sobre termos abstratamente definidos, como oportunidades iguais ou não-discriminação, estão se livrando da necessidade de “comunicar” nossas pedras de toque da realidade. Elas presumem que entendem umas às outras se concordam sobre certos termos “importantes”, que podem ser pouco mais do que chavões ou frases-feitas. O lema de um espaço educacional para crianças declara que “Cada criança é uma pessoa de grande valor”. Quem pode discordar disso? Ao acreditarmos nesse lema, contudo, podemos presumir que sabemos do que cada criança precisa?

A comunicação como diálogo de pedras de toque trata de abrir mão tanto da abordagem objetiva e universalista da verdade, quanto da abordagem subjetiva emocional. Estamos sozinhos com nossas pedras de toque mas, se elas forem reais, a única coisa que é certo que outra pessoa encontrará em um encontro genuíno conosco são nossas pedras de toque, não nossos insights ou banalidades. Muito além de nos darem uma impressão geral do problema ou situação que outra pessoa está vivendo, as pedras de toque da realidade são testemunhas do fato de termos compartilhado do sofrimento ou da alegria desta pessoa, mesmo após a situação ter passado e a pessoa ter ido embora. A parceria na existência é o fluxo da vida no qual nós testamos, provamos e autenticamos nossas pedras de toque.

Pedras de Toque como Testemunhas das Nossas Vidas

Quando duas pessoas realmente tocam uma à outra como pessoas - seja fisicamente ou não - este toque não é meramente um impacto de mão única: é uma revelação mútua de posições de vida. Nossas pedras de toque são testemunhas, como exemplificado pela fala do rabino Leib, que disse que foi até o Maggid de Mezritch não para ouvi-lo recitar o Torá, mas para assisti-lo atar e desatar os cadarços de suas botas. Se guardarmos nossas pedras de toque no nosso íntimo, como num altar sagrado, sem manifestá-las em nossas vidas, elas se atrofiarão e se tornarão ideais sentimentais.

Muitos de nós encontramos nossas pedras de toque em parceria com outras pessoas, como ocorre no sentido de realidade compartilhado de um time de futebol que trabalha muito bem junto, no companheirismo dos amigos ou mesmo, eventualmente, na

fraternidade ou sororidade ou na luta por uma causa comum que tornamos nossa. Ademais, alguns de nós encontram suas pedras de toque da realidade através de nossa resposta única às pedras de toque de outras pessoas, conforme elas as comunicam através de um conto, uma peça ou poema, de um ato de amizade ou amor, ou apenas na forma pela qual alguém vive sua vida.

Mesmo que eu empatize ou me identifique com sua experiência de uma forma poderosa, a experiência em si pertence a você e não poderá nunca ser minha. Por essa razão, as pedras de toque não nos unem ao ponto de misturarmos nossas identidades ou ideais - elas definem as linhas entre nós e nossas experiências, tornando possível para cada um de nós apoiarmos a nós mesmos, enquanto atestamos as vidas um do outro. Ao realmente atestarmos, não abstraímos o que deve ser dito do evento no qual nossa fala se enraíza.

Não podemos considerar o evento como sendo um fato objetivo que não inclui a interpretação que fazemos dele. Por esse motivo, temos o direito de pedir àqueles que testemunhamos que não se limitem às palavras que usamos, sem considerar a pessoa que está falando e o que estamos vivenciando em nossa própria vida.

Se comunicar uma pedra de toque significa atestar, então esse testemunho nunca poderá ser feito apenas com palavras. Ele deve sempre incluir gestos, ações, silêncios férteis e a realidade do momento presente. Não podemos compartilhar algo realmente único com uma pessoa única em uma situação única se abstraímos nossa singularidade e olharmos apenas para as palavras que são usadas. Os cientistas podem construir uma realidade conceitual comum a partir destas abstrações, porém, como pessoas, nós devemos compartilhar a totalidade de nossas pedras de toque.

A possibilidade de compartilharmos posições de vida e, por vezes, amizade e comunidade, se desdobra quando oferecemos, numa realidade compartilhada, aquilo que é único em nós.

Como as Pedras de Toque são Comunicadas num Diálogo Genuíno

Por nascerem de uma interação na qual duas pessoas se tocam verdadeiramente, as pedras de toque só podem ser comunicadas através do diálogo genuíno. Muito do diálogo que ocorre entre pessoas na atualidade é, em um extremo, muito combativo, auto-centrado e suspeito ao ponto da paranóia, o que impede a abertura a um encontro genuíno. Em outro extremo, as pessoas são cuidadosas ao ponto de serem passivas, na tentativa de manterem uma civilidade que não ofenda ninguém - o que chamamos, atualmente, de “correção política”. Só podemos realmente tocar alguém se estivermos dispostos tanto a nos abirmos para ouvir, quanto a nos responsabilizarmos pelo que dizemos. Devemos também nos abrir para a possibilidade de que o resultado de nosso tempo juntos seja diferente do que esperávamos ou planejamos.

Escutar e Contrapor

Não temos o direito de julgar as pedras de toque de outras pessoas. Se eu o condeno moralmente, estarei excluindo a sua realidade, juntamente com suas pedras de toque. Estarei dizendo, com efeito, “Você não tem o direito de dar o seu testemunho”. Eu já o terei excluído da existência antes mesmo que seu testemunho possa ser feito. Mas há uma “avaliação” da qual eu não posso escapar. Devo ouvir você e devo responder.

Você precisa saber que você está se colocando contra mim, como uma pessoa com suas próprias pedras de toque e que se manifesta de sua própria forma.

Por vezes, uma oposição forte é muito mais confirmadora do que a que vem de alguém que defende seu direito de opinar, sob o guarda-chuva geral do “todos têm direito a uma opinião”, mas que não leva isso a sério. Uma vez, em um retiro Quaker sobre “Religião e Psicologia” que eu conduzi no Haverfort College, uma das professoras reconheceu, pesarosamente, que havia falhado em responder significativamente a outro membro do nosso Partido Trabalhador pelo futuro do movimento Quaker, ao qual eu também pertencia. Esta pessoa pediu a ela, em particular, que lesse o manuscrito de seu livro sobre misticismo. Após lê-lo, o único comentário que ela fez foi que compreendia o que ele queria dizer. Ela não compartilhou sua visão pessoal, incluindo suas críticas e oposições. O “diálogo de pedras de toque” real trata de respondermos a partir de onde estamos e trazermos nossas pedras de toque para o diálogo.

Compartilhando Nossas Pedras de Toque

Ainda que cada um de nós tenha seu próprio ponto de vista, não estamos completamente sozinhos. Ajudamos uns aos outros ao longo do caminho quando compartilhamos nossas pedras de toque e a confusão que, por vezes, as acompanha. Nossas pedras de toque evoluem na relação com outras pessoas, ao atestarmos a existência umas das outras. Temos um impacto nas vidas umas das outras que nos faz crescer em nossas próprias pedras de toque. Crescendo desta forma, nós passamos a reconhecer como as pedras de toque da realidade e o diálogo das pedras de toque, mais do que qualquer credo ou tradição sagrada, mantém a parceria na existência relevante e viva.

O Fundamentalismo ao Redor do Mundo

Há um forte ressurgimento daquilo que é chamado de “fundamentalismo”, não só nos Estados Unidos, mas em todo mundo, e com ele, a tentativa de evitar as complexidades que derivam de pontos de vista mais profundos. Muitas pessoas têm encontrado tanto segurança, quanto fé, ao aceitarem os fundamentos de uma religião e o modo de vida que decorre deles. Este não é, de maneira alguma, um fenômeno somente cristão, pois há contrapartes islâmicas muito poderosas ao fundamentalismo cristão, e o mesmo é verdade para algumas das outras religiões, incluindo o judaísmo.

Eu não precisarei elaborar sobre este fenômeno aqui, pois ele é bem conhecido e não requer maiores descrições. O que eu gostaria, ao invés disso, é de contrapor a ele a minha alegação de que a única posição realista em relação a ele para nós, humanos contemporâneos, é o pluralismo religioso.

Em Direção a um Espírito de Compreensão

Todas as vozes devem ser ouvidas, precisamente porque representam uma relação única com a realidade. Mesmo que essa voz seja distorcida, “doente” e miserável, ela ainda contém o núcleo de uma pedra de toque única que sua própria negatividade tanto carrega, quanto esconde. As pessoas, em nossa cultura, especialmente as mais educadas e refinadas, têm medo de serem desconsideradas devido à ênfase na nossa sociedade atual nas respostas fáceis e rápidas.

A “comunidade por afinidade” protege a si mesma através da dualidade ou/ou. Ou você é um de nós, ou você não é. Se você é um de nós, não precisamos ouvi-lo, porque já sabemos o seu ponto de vista. Se você é diferente e não concorda conosco, não queremos ouvi-lo porque você “faz ondas”: perturba a harmonia de nosso pensamento homogêneo.

Nossa sociedade, em si, está doente - polarizada em comunidades por afinidade. Sendo assim, os indivíduos não podem evitar de também estar doentes, já que não têm outro lugar onde se apoiarem para entrar na parceria na existência, trazendo com eles suas próprias pedras de toque da realidade.

A terceira alternativa à doença da conformidade e à doença da rebelião é a comunidade que confirma a alteridade. Tal comunidade oferece a cada pessoa sua própria base, um solo no qual a confirmação mútua e a cura através do encontro podem acontecer em círculos espiralantes que trazem mais e mais das pedras de toque de realidade de cada pessoa para a realidade da vida em convivência.

O Diálogo das Pedras de Toque Como Alternativa ao Absolutismo versus o Relativismo

O apelo à unanimidade e à universalidade é algo que pertence ao passado. O relativismo, por outro lado, é a doença do universalismo virada do avesso. Ele não aceita as coisas tal como elas acontecem em sua singularidade, pois só conhece uma diferença: a comparação e o contraste em termos de categorias. Em contraste ao ou/ou do absolutismo e do relativismo, ofereço uma terceira alternativa mais genuína e frutífera: a confirmação mútua do diálogo de pedras de toque.

Esta terceira alternativa é difícil de compreender à primeira vista, pois muitas pessoas acreditam que devemos escolher entre uma verdade exclusiva, como a dos fundamentalistas, que acreditam que sua religião é a única verdadeira, e um relativismo sem esperanças, como o daqueles que reduzem a religião a um constructo social de uma ou outra cultura. Em contraste com estas posições, penso que *a realidade do pluralismo deve ser o ponto de partida de qualquer fé moderna séria.*

Devemos renunciar a procurar por uma única religião fundada na “Verdade” e considerar nossos compromissos religiosos, através de nossas relações únicas com eles, com uma verdade que não podemos reivindicar. O “absoluto” ainda está presente aqui, mas não como universal. Encontramos uns aos outros dentro do laço entre o absoluto e o “concreto vivido”. Qualquer grupo religioso baseado em frases feitas ou em pertencimento pelo pertencimento é uma pseudo-comunidade. Em contraste, uma comunidade que confirma a alteridade reúne as pessoas em um companheirismo com o qual elas se relacionam a partir de suas perspectivas e pontos de vista únicos.

O Verdadeiro Companheirismo dos Comprometidos

O verdadeiro companheirismo dos comprometidos é o das pessoas que podem encontrar-se e conversar umas com as outras, pois realmente se preocupam uma com as outras e com a meta comum à qual estão servindo, ainda que esta meta possa ser expressa de formas diversas. Este companheirismo é, com frequência, encontrado não dentro, mas através das linhas organizacionais, institucionais e denominacionais. Na minha experiência, posso conversar com uma pessoa comprometida de qualquer religião, ou mesmo de religião alguma, muito melhor do que consigo conversar com

uma pessoa descompromissada da minha própria religião. Mas este não é o caso quando o comprometimento religioso recai na idolatria da objetificação das pedras de toque da realidade, quando transformadas em verdades universais, e no desejo de impor estas verdades sobre os outros.

Sendo assim, a resposta para o dilema do relativismo cultural não é um novo universalismo ou um novo absolutismo, nem mesmo alguma “filosofia perene” que alegue ter encontrado a verdadeira essência de todas as religiões, mas um pluralismo religioso: um diálogo de pedras de toque mutuamente confirmador.

Aceitando o Pluralismo Religioso

“A solução para o problema do pluralismo religioso não é o colapso das tradições religiosas individuais”, escreve Harold Coward, “mas afirmar e respeitar a fé das outras pessoas”. Não precisamos usar as mesmas palavras que outras pessoas usam, nem mesmo afirmar que por baixo das nossas palavras e imagens diferentes nós queremos dizer as mesmas coisas, para que compartilhemos um companheirismo religioso significativo. Podemos aceitar o fato de que não só escolhemos diferentes caminhos, mas também que estes caminhos diversos podem levar a objetivos diferentes. O que importa é que, ao ouvirmos o outro, escutemos algo genuíno ao que podemos responder. O companheirismo religioso real não começa com um credo ou catecismo, mas com a confiança genuína. Como escrevi no meu livro *A Heart of Wisdom [Um Coração de Sabedoria]*,

As estruturas da religião - credo, culto e igreja - geram, com mais frequência, uma comunidade de afinidade ou homogeneidade de pensamento do que uma comunidade por alteridade. Além do mais, por sua própria alegação de que dominam uma esquina do espírito e por sua tendência a considerar a religião como um refúgio do mundo cotidiano, as instituições e grupos religiosos tendem mais a intensificar o dualismo entre o espírito e o mundo do que a superá-lo.

A Comunidade de Confiança Viva como Solo da Fé e da Crença

Algumas religiões, buscam, por certo, articular critérios abstratos de fé e crença. Mas, a menos que estas abstrações estejam enraizadas numa tradição viva e numa comunidade viva de confiança, elas serão inúteis. Por outro lado, mesmo o silêncio de um encontro Quaker, que dispensa todos os conceitos, não deve iludir seus membros a pensarem que atingiram a unidade durante este encontro. O máximo que podemos falar responsabilmente é sobre comunidade e comunhão, que permite que os membros de uma fraternidade sejam fundamentalmente diferentes e, ainda assim, realmente unidos.

Pseudo-diálogo Inter-religioso

Nos nossos dias, tem surgido uma forma de pseudo-diálogo no qual representantes religiosos oficiais mantêm diálogos oficiais que não são nem encontros genuínos entre religiões, pois religiões não podem se encontrar, nem encontros genuínos de pessoas, pois estas pessoas falam apenas a partir de seus papéis sociais e não se mantêm firmes no que dizem como pessoas. Por outro lado, há um novo espírito de abertura

entre muitos pensadores da religião. A escuta real já é uma forma de responder, e uma resposta real não é apenas o diálogo, mas também a partilha de uma visão diferente da realidade comum.

A Comunidade Verdadeira Como Meta do Diálogo das Pedras de Toque

Não podemos sustentar a noção de “uma verdade”, da qual as verdades das nossas religiões individuais são expressões simbólicas. Cada um de nós deve atestá-las a partir de onde está. Não encontraremos nunca uma filosofia, teologia ou mitologia comum que, no final, una a todos. Mas podemos compartilhar nossos mitos uns com os outros.

O assunto e a meta fundamental do diálogo de pedras de toque não é a comunicação, mas a comunidade - a união vivida de pessoas, famílias e grupos únicos. Não há fórmula para isso. Não devemos alegar que aceitamos alguém se essa aceitação for condicionada ao fato dela se adequar às características gerais do grupo.

O Diálogo de Pedras de Toque mutuamente confirmador

A única “filosofia perene” com a qual eu posso compactuar é a da abertura - o testemunho do diálogo sempre crescente entre pessoas comprometidas de cada religião e de de nenhuma delas. Cada uma das religiões e cada uma das pedras de toque com as quais eu já entrei em diálogo me direcionou a uma maior abertura, e cada uma delas se abriu para outras pessoas de forma a possibilitar uma fraternidade mais plena e livre - um diálogo de pedras de toque mutuamente confirmador.

Eu não presumo que o objetivo do diálogo é a concordância ou que o diálogo só tem valor se levar ao consenso. Acredito no diálogo como uma interação de coração aberto, mas não tenho expectativas quanto ao seu resultado. Eu nem mesmo presumo - como poderia? - que haverá sempre diálogo genuíno, ainda que ambas as partes envolvidas o desejem verdadeiramente. Precisamos estar face a face para conversar, mas essas posições opostas muito frequentemente se cristalizam em uma oposição que transforma o diálogo genuíno em debate, ou mesmo em violência.

A Controvérsia a Serviço do Paraíso

A única perspectiva através da qual nós encontraremos conforto face a tragédia deste conflito é a abordagem talmúdica, que sustenta que “uma controvérsia se mantém quando acontece à serviço do paraíso”. “Essas são as palavras do Deus vivo”. Isso é completamente contrário à lógica aristotélica, que presume que uma afirmação e seu oposto não podem ser ambos verdadeiros. Dizer que ambos os lados continuarão a existir não significa que Deus irá, ao final, julgar quem está certo e quem está errado. Nós tanto acolhemos nossas próprias pedras de toque da realidade, quanto confirmamos uns aos outros, mesmo quando estamos em posições opostas. Se aquilo que o outro diz é acolhido genuinamente, eu acredito que, exceto nas realidades trágicas das quais falei acima, é sempre possível responder e mover-se em direção a uma maior abertura: posso me abrir para o que a outra pessoa diz, posso reconhecer e atestar a existência da outra pessoa mesmo discordando dela, e posso reafirmar minha própria existência em diálogo com a da outra pessoa.

Em seu trabalho de aconselhamento a refugiados do Camboja, minha amiga Marsie Scharlatt se encontrou em uma situação que parece, para mim, o oposto do diálogo de

pedras de toque como abordagem de promoção de um diálogo inter-religioso. Devido à ajuda que os missionários deram a eles, os refugiados cambojanos pensavam que a única coisa correta a fazer era que seus filhos frequentassem apenas as escolas missionárias. Os cambojanos, praticamente todos eles budistas, descobriram que seus filhos estavam se tornando cristãos e não mais respeitavam seus pais e a religião deles. Graças à intervenção de Marsie e outros conselheiros, foi convocado um encontro comunitário entre os membros da equipe e o conselho ecumênico local. Face à consternação e à dor dos pais, vários dos missionários concordaram em interromper seus esforços para converter as crianças. Mas vários outros se recusaram, dizendo que era seu dever cristão salvar as almas destas crianças, não importava qual custo isso tivesse para seus pais. Essa é a morte do diálogo.

O Encontro Vivido com a Realidade como Critério da Verdade

Nosso critério mais definitivo de significado e verdade não é a proliferação de um credo religioso, mas cada novo encontro com a realidade. Pedir por um critério “mais prático e preciso” para validar a verdade de pedras de toque, como algumas pessoas fazem, é ansiar por um ponto de Arquimedes criteriológico fora do diálogo.

Por mais úteis que a precisão e a definição sejam para as ciências exatas, a verdadeira humanidade e o próprio significado do diálogo das pedras de toque dependem do retorno ao desentendimento frutífero entre pessoas cujos significados necessariamente diferem, devido às diferenças entre suas atitudes, situações e pontos de vista. Apesar de nossas diferenças e contradições, é necessário continuarmos conversando e compartilhando, pois essa é a única direção através da qual podemos esperar atingir a comunidade genuína para a qual esse livro aponta.

CAPÍTULO 14 - Conclusão: Em Direção a uma Comunidade de Comunidades Restaurando a Confiança Relacional

Para que uma comunidade genuína adquira uma força significativa em nossos tempo e nas eras que virão, é necessário que haja uma restauração da confiança relacional. Esta restauração é necessária não apenas nas relações um a um de amizade, amor e casamento, assim como na família, mas também em todos os aspectos da comunidade e da sociedade os quais abordamos e em muitos outros dos quais não falamos.

Não se pode legislar sobre a confiança relacional, nem torná-la o objetivo de uma ação social planejada. Ainda assim, há coisas que podemos fazer em todos os níveis a fim de provocá-la. Uma destas coisas é o reconhecimento de sua centralidade na terapia, na educação, na vida em família, na comunidade e no companheirismo que mantém a sociedade unida. Outra é o movimento de construção de ambientes de confiança, na medida em que a situação, a estrutura e nossos recursos permitam.

Naturalmente, um “clima de confiança” não pode ser visto como um objetivo específico sem destruir a espontaneidade e o “entrelaçamento”, que são essenciais para que tal clima ocorra. Mesmo assim, podemos nos tornar mais conscientes de como escutar genuinamente e responder da mesma forma. Podemos nos tornar mais sensíveis às vozes que não são comumente ouvidas na família, na comunidade e na sociedade. Podemos superar a desconfiança fundada na histeria, que imagina que algo terrível acontecerá se deixarmos que essas vozes expressem pontos de vista divergentes dos

nossos ou mesmo dos das lideranças do grupo. Em todos estes casos, somos limitados pela seriedade da situação, pois a confiança não é uma característica pessoal inerente a pessoas em particular. Ela é uma realidade do “entre”, e o entre não pode ser manipulado: nós precisamos caminhar em direção a ele.

O Movimento em Direção a uma Comunidade de Comunidades

A verdadeira comunidade não é fechada. Para que ela continue a crescer na confirmação da alteridade, ela deve ter seu próprio centro, certamente, mas também deve estar em diálogo aberto com indivíduos e comunidades fora dela. A busca pela “comunidade abençoada” é uma ilusão, seja ao expressar-se na forma de uma comunidade por afinidade, seja como uma igreja, culto ou comuna que se fecha do resto da sociedade. O diálogo entre comunidades genuínas só pode ser sustentado se houver um movimento constante, de contatos casuais e desordenados a uma interação regular e frutífera, e daí para o que pode ser chamado de “comunidade de comunidades”.

A “comunidade de comunidades” é um termo que tomei emprestado do clássico estudo de Martin Buber sobre as utopias socialistas, *Path to Utopia* [Caminho para a Utopia]. O que Buber oferece na conclusão deste trabalho é um movimento em direção ao companheirismo, à espontaneidade social e à limitação da dominância do “princípio político” do governo ao estritamente necessário para preservar a unidade da sociedade. Em seu capítulo final, “No seio da crise”, Buber alega que a aspiração primária de toda a história é uma comunidade genuína de seres humanos. Por comunidade genuína ele quer dizer uma comunidade plena, baseada “na vida real e comunal de pequenos e grandes grupos, vivendo e trabalhando juntos, e em suas relações mútuas”. Para que tal vida comunal exista, a coletividade que controla os meios de produção deve facilitar e promover, em sua própria estrutura e em todas as suas instituições, a genuína vida em comum dos vários grupos que a compõe.

Uma comunidade não precisa necessariamente ser “fundada”, Buber afirma. Todas as vezes que o destino histórico reunir um grupo de pessoas em uma vida em comum, constantemente renovando a si mesmo, a comunidade já estará lá, e tudo o que ela precisará é do fortalecimento das relações. O espírito comunal é capaz de superar o perigo do isolamento, quebrando as janelas de si mesmo para que possa olhar para fora e ver outras pessoas, a humanidade e o mundo. Mas uma comunidade de comunidades deve ser construída, e isso só pode ser feito se o processo de construção de comunidade perpassar todas as relações entre comunidades. “Uma nação só é uma comunidade na medida em que for uma comunidade de comunidades”.

Comunidades Verdadeiras Podem se Tornar uma Comunidade de Comunidades?

O que podemos compreender hoje das estranhas palavras de Martin Buber é que a comunidade irá, inevitavelmente, malogar, e que é assim que deve ser. Ao terrível fenômeno do “psicologismo” a que ele se refere - que só enxerga o que acontece entre pessoas como manifestações de psiques individuais - devemos adicionar o medo da alteridade, a desconfiança, o auto-centramento, a exploração mútua, a categorização e a fixação das pessoas em papéis sociais, a ansiedade quanto à desconfirmação, e, talvez, sobretudo, a tragédia do limite de nossos recursos que faz de cada um de nós

o que somos e que se interpõe à possibilidade de tornarmos o conflito e a contradição em tensão fértil e diálogo significativo.

Uma comunidade de comunidades não implica em descentralização, em oposição ao socialismo de estado, mas em um movimento na direção do companheirismo, da espontaneidade social e da limitação da dominação do “princípio político”. Tal comunidade de comunidades será baseada na vida real e comunal de grandes e pequenos grupos trabalhando juntos e em suas relações mútuas. Isso só pode acontecer, certamente, se o processo de construção de comunidade percorrer todas as relações das comunidades umas com as outras. É claro que, para que isso ocorra em uma escala global, as barreiras de comunicação causadas por costumes, linguagem, nacionalismo, inimizades tradicionais, suspeita e desconfiança mútua precisam ser superadas em maior ou menor grau.

A comunidade de comunidades não é, logicamente, uma panacéia, técnica ou fórmula. Contudo, é a meta pela qual devemos lutar atualmente, se quisermos ter qualquer esperança de superarmos os verdadeiramente terríveis eventos pessoais, interhumanos, sociais, comunais e sociais que estamos vivenciando.

O simples fato de apontarmos essa meta para a comunidade de comunidades nos leva de volta às barreiras gerais e específicas para a confirmação da alteridade que descobrimos em cada nível. Ao encararmos a comunidade de comunidades como uma nação e, ainda mais, como uma comunidade de nações, devemos adicionar, aos limites que já exploramos, as barreiras mundiais de comunicação que são causadas por costumes, linguagem, nacionalismo, inimizade tradicional, suspeita e desconfiança mútua. Esses limites não são tão facilmente superáveis como parecem acreditar os especialistas em comunicação. Mesmo o advento da era da computação, da tradução simultânea e da transmissão instantânea de dados não pode, em si, superar a desconfiança interpessoal, internacional e existencial que assombra cada passo nosso. Mesmo assim, estas tecnologias podem ser usadas para nos mover na direção da comunidade, como podem a televisão, as viagens, a educação e centenas de outras inovações que o oceano do progresso tem nos proporcionado.

A Comunidade Irá, Inevitavelmente, Malograr

Ainda que Martin Buber nunca tenha deixado de acreditar na tarefa nunca finalizada que é construir uma comunidade genuína, ele também sustentava que comunidades, no nosso tempo, irão, inevitavelmente, malograr, e que esse malogro é, em si, parte do processo comunitário.

Por que a comunidade do nosso tempo deve, inevitavelmente, malograr? Uma das razões para isso é dada por Buber - o “terrível psicologismo” que nos leva a converter os eventos que ocorrem entre nós e as outras pessoas em fenômenos intrapsíquicos. Outras razões são os limites gerais para a confirmação da alteridade - o medo do que é diferente de nós, a desconfiança, o auto-centramento, a exploração mútua, a categorização e a fixação de pessoas em papéis sociais e o medo de sermos excluídos. Outras razões podem ser encontradas nos obstáculos específicos que surgem em situações específicas, conforme nos deparamos com elas.

Tragédia e o Paradoxo da Confirmação

Se o entre não pode ser provocado ou manipulado, a confirmação que resulta do diálogo genuíno também não. Esta é uma outra e profunda razão porque a comunidade deve malograr. O paradoxo da confirmação em si reside no fato de que ela é essencial à existência humana, mas não pode ser almejada como um objetivo específico. Não podemos desejar confirmar, nem sermos confirmados, pois a confirmação é uma realidade do entre.

Quando passamos da confirmação da pessoa individual em relações pessoa a pessoa para a confirmação da alteridade na comunidade e na sociedade, começamos a vislumbrar a tragédia no sentido mais profundo do termo. Essa é a tragédia dos limites de nossos recursos, que torna cada um de nós o que somos e que bloqueia o caminho para que transformemos o conflito e a contradição em tensão frutífera e diálogo significativo. Devemos falar sobre os limites da confirmação da alteridade e sobre o destino das comunidades contemporâneas a malograrem à luz dessas limitações.

Assim, por ser a confirmação da alteridade uma questão do entre, ela é, na acepção existencial do termo, uma “graça”. Há duas razões pelas quais não podemos querer confirmar ou sermos confirmados. A primeira é que não podemos manejar ambos os lados do diálogo. A segunda é que um diálogo é mais do que a soma de dois lados. Ele é uma manifestação do “entre” que surge neste diálogo que não podemos controlar ou apreender.

A Confirmação Oculta nas Profundezas da História

Sendo assim, a confirmação real da alteridade não se identifica com a eficácia social e política ou com o sucesso histórico. Este último pode ser pensado em termos de causa e efeito, plano e execução, esforço e conquista. A confirmação da alteridade não pode ser considerada assim, já que é uma realidade que toma forma nas profundezas da história e se refugia nestas profundezas quando é obscurecida, manipulada ou sobrepujada, como parece ser cada vez mais o caso na época em que vivemos.

A história externa vê apenas o sucesso. A história interna sabe que o que é realmente efetivo é o caminho em direção à comunidade genuína: o movimento para a confirmação da alteridade em qualquer situação e a aceitação destes limites frequentemente trágicos. A comunidade genuína não é um ideal, mas um direção de movimento que devemos tomar se quisermos nos mover para a restauração da confiança relacional. Este é o mistério e a graça do “entre” que reside nas sombras nas profundezas da história.

Uma Filosofia de Ação Diferente

Esta é uma filosofia de ação diferente, que vê efetividade não no sucesso político, mas na restauração da confiança relacional, na cura através do encontro, na revelação da imagem humana oculta, na criação da comunidade genuína. Quando o senador McGovern foi derrotado nas eleições de 1972, citou o verso do Deuteronômio, “Aqueles que esperam no Senhor correrão e não se cansarão, caminharão e não se enfraquecerão” (Isaías 40:31). Ainda que esta alusão ao “servo sofredor” do Deuteronômio não tenha impedido McGovern de seguir o senador Eugene McCarthy até o esquecimento a que são relegados os candidatos não eleitos, ela me tocou profundamente na época.

Após a publicação de meu livro *The Hidden Human Image* [A Imagem Humana Oculta], em 1974, fui impactado por quão rapidamente algumas de suas maiores focos - da educação aos grupos de encontro para ações sociais e para ação não-violenta - pareceram se tornar obsoletos. De repente, poucas pessoas se preocupavam com estes assuntos, com comunidades, ou com qualquer uma das demais conquistas dos anos 1960, excetuando-se a liberação sexual (numa época anterior à epidemia de AIDS) e a liberação feminina.

O que vivemos ao longo dos anos desde 1974 é desconcertante, no sentido exato do termo: o incrível banho de sangue do Khmer Rouge no Camboja, a emergência do fundamentalismo no Irã, no Paquistão e em grandes partes do mundo islâmico, assim como, de diferentes formas, nos Estados Unidos, a reação estadunidense a qualquer forma de benefício social e o desmantelamento do sistema de bem-estar social; a erosão dos ganhos das mulheres na garantia do direito ao aborto; a guerra civil no Líbano; a derrubada do muro de Berlim e a liberação dos países do Leste Europeu da dominação da União Soviética; o colapso da mesma; o fim da “guerra fria” e o início do desarmamento; a sangrenta guerra civil no que foi a Iugoslávia, a derrubada bem-sucedida do apartheid na África do Sul. a liberação de Mandela e sua eleição como presidente, a guerra devastadora contra o Iraque pela liberação do Kuwait, o trauma terrível do 11 de setembro e, agora, lamentavelmente, a segunda guerra no Iraque, supostamente justificada pela alegação de que este país tinha armas de destruição em massa e de que Sadam Hussein tinha ligação com Osama bin Laden, o arquiteto do 11 de setembro (o presidente Bush e o vice-presidente Cheney admitiram, desde então, que ambas as alegações estavam equivocadas) e o recente genocídio em Dafur.

O que podemos fazer em face a tudo isto? A resposta é simples e, contudo, infinitamente complexa na prática. Na medida em que nossos recursos permitam em cada nova situação, devemos nos mover na direção de restaurarmos a confiança relacional e de criarmos, de novo e de novo, a comunidade genuína e a parceria real.

